

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**OS YOUTUBERS E A REPRESENTAÇÃO DO CERTO, ERRADO,  
ADEQUADO E INADEQUADO NO TRABALHO COM A VARIAÇÃO  
LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA**

**MARLYTON DA SILVA PEREIRA**

**NATAL**

**Dezembro de 2013**

**MARLYTON DA SILVA PEREIRA**

**OS YOUTUBERS E A REPRESENTAÇÃO DO CERTO, ERRADO,  
ADEQUADO E INADEQUADO NO TRABALHO COM A VARIAÇÃO  
LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, PPgEL, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

**ORIENTADORA: Profa. Dra. Maria Hozanete Alves de Lima**

**NATAL**

**Dezembro de 2013**

Marlyton da Silva Pereira

OS YOUTUBERS E A REPRESENTAÇÃO DO CERTO, ERRADO, ADEQUADO E  
INADEQUADO NO TRABALHO COM A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM  
SALA DE AULA

BANCA EXAMINADORA

---

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Hozanete Alves de Lima** (orientadora)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

---

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Margarete Fernandes de Sousa** (examinadora externa à instituição)

Universidade Federal do Ceará

---

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carla Maria Cunha** (examinadora externa ao Programa)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

NATAL

Novembro de 2013

Seção de Informação e Referência  
Catalogação da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

Pereira, Marlyton da Silva.

Os youtubers e a representação do certo, errado, adequado e inadequado no trabalho com a variação linguística em sala de aula / Marlyton da Silva Pereira. - Natal, 2013.  
123 f. : il.

Orientadora: Maria Hozanete Alves de Lima.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem.

1. Ensino de Língua Portuguesa. 2. Livro didático. 3. Variação linguística. I. Lima, Maria Hozanete Alves de. II. Título.

RN/UF/BCZM

CDU 81'33

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, somente por tudo.

À minha família. Por ter me acolhido, me amado, independente de um qualquer.

À minha orientadora. Pelo aceitar, discutir e viver. Há muito mais entre nós do que um vão curso de Letras possa abarcar: de Shrek a Freud, podemos dizer que nossas conversas foram muitas e incontidas.

Às professoras da banca. Por lerem, compreenderem, pacientarem-se. Pelas sugestões e orientações, na banca de qualificação, tão significativas para a construção da versão final deste trabalho.

Em especial, à professora Carla Cunha. Devo-lhe um muito incompreendido entre três olhos: uma vista embaçada, um aluno inquieto, uma amizade (re)velada.

Aos professores. Pela leveza e dinamismo.

Aos amigos de percurso. Pelas leituras e dores compartilhadas e provocadas.

Aos amigos alheios a tudo isso. Por me terem levado a outros ondes.

Ao programa Reuni, pelo tempo de bolsa e aprendizado da docência no ensino superior.

Aos professores que me acompanharam durante o tempo de bolsa Reuni – Lauro Meller, Edna Rangel, Glícia Tinôco, Marcela Silvestre, Romerito Silva – pelo tanto que me ensinaram na prática docente.

## RESUMO

Algumas das atuais discussões no ensino de Língua Portuguesa (LP) dizem respeito a como se deve lidar na escola com o fenômeno da variação linguística em sala de aula. Em 2010, por exemplo, uma explosão de falares tomou conta dos corredores acadêmicos: um livro, intitulado “Por uma vida melhor”, da coleção “Viver, Aprender”, divulgado pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) para alunos de EJA (Educação de Jovens e Adultos) trazia noções quanto à variação linguística, logo em seu primeiro capítulo. Nele fica nítida a noção de que é possível fazer uso de estruturas como “os menino bonito”, no lugar de “os meninos bonitos”, a depender do contexto em que tal uso se insira. Para tanto, concentrou as discussões em torno das noções de variedade culta, padrão e popular, mensurando-as às possibilidades de adequabilidade linguística. A comunidade surpreendeu-se com a defesa do “poder” usar, uma vez que seria a escola o espaço de ensinar uma norma “padrão”, e não legitimar a possibilidade de uso de padrões gramaticais que destoavam daquelas preconizados nas gramáticas tradicionais. A imprensa televisiva foi uma das grandes responsáveis em alardear que o MEC havia endossado a utilização, nas escolas, de um livro que legitimava tais padrões linguísticos. A querela foi lançada no Youtube e, nesse espaço, internautas manifestaram-se a favor ou contra a proposta do LD, muitas vezes direcionando as discussões para questões de ordem exclusivamente políticas. Observamos que, de um lado, erguiam-se argumentos relacionados à Sociolinguística (BAGNO, 2002, 2003, 2007, 2009; BAGNO, M.; STUBBS, M.; GAGNÉ, G., 2006; BORTONI-RICARDO, S. M., 2008; TARALLO, F., 1982; WEINREICH U., MARVIN I. HERZOG, LABOV, W., 1968; LABOV, 1972; etc.); de outro, argumentos concentravam-se em defender que a escola é o espaço de ensino de língua padrão, e não caberia trazer determinadas discussões no interior de um LD. Foi, a partir dessas falas, que nasceu esta pesquisa. Interessou-nos o modo particular como a comunidade midiática, que parecia não ter formação em Linguística, entendia as noções de certo, errado, adequado e inadequado, tão íntimas nos círculos acadêmicos. Nossas reflexões tomam como referência teórica os estudos sociolinguísticos sobre a questão da variação e ensino, documentos oficiais que orientam o “trabalho” com a língua portuguesa em sala de aula, a exemplo dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) e da Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos (PCEJA). Em nossa análise, observamos que o LD “Por uma vida melhor” não faz apologia ao ensino do “erro”, mas levanta discussões sobre a possibilidade da “variação”, ligada a fatores e ordem diversa. Percebemos o quão significativo é observar como falantes de uma língua se posicionam em relação ao ensino da língua da qual são eles falantes e não estudiosos. Nosso estudo mostrou que certas questões no tocante ao ensino da língua portuguesa, como é o caso da variação linguística, estão longe de serem pontos resolvidos, seja para linguistas e/ou gramáticos, seja para falantes da língua.

**PALAVRAS CHAVES:** Ensino de Língua Portuguesa. Variação linguística. Livro didático.

## **ABSTRACT**

Some of the current discussions in the teaching of Portuguese Language (LP) pertain to how the school should deal with the phenomenon of language variation in the classroom. In 2010, for example, an explosion of talk took over the academic corridors: a book, entitled "Por uma vida melhor", the collection "Viver, Aprender", published by the MEC (Ministry of Education and Culture) to students EJA (Youth and Adults) brought notions regarding linguistic variation, even in their first chapter. In it is clear the notion that it is possible to make use of structures as "pretty boy", instead of "pretty boys", depending on the context in which such use is insert. Therefore, the discussions focused around the notions of variety cultivated, standard and popular measuring them to the possibilities of linguistic appropriateness. The community was surprised by the defense of the "power" to use, since it would be the school space to teach a standard "default", and not the possibility of legitimate use of grammatical patterns that clashed with those recommended in traditional grammars. The television media has been responsible for a major blaze that MEC had endorsed the use in schools of a book that legitimized such linguistic patterns. The quarrel was released on Youtube and in that space, netizens expressed themselves for or against the proposal of LD often directing the discussion to questions of a purely political. We observed that, on one side, loomed arguments related to Sociolinguistics (BAGNO , 2002, 2003, 2007, 2009; BAGNO, M.; STUBBS, M., Gagne, G., 2006; Bortoni - RICARDO, S.M., 2008; Tarallo, F., 1982; U. Weinreich, MARVIN I. HERZOG, Labov, W., 1968, Labov 1972, etc.); another, arguments concentrated on defending the school is the area of language teaching standard, and not fit to bring certain discussions within an LD. It was from these words, that this research was born. Interested in the particular way that the community media, which seemed to have no training in linguistics, understand the concepts of right, wrong, appropriate and inappropriate, so intimate in academic circles. Our thoughts take as reference the theoretical studies on the question of sociolinguistic variation and education, official documents that guide the "work" with the Portuguese language in the classroom, like the NCP (National Curriculum) and Curriculum Proposal for Education Youth and Adult (PCEJA). In our analysis, we found that LD "For a better life" makes no apology for teaching the "error", but it raises discussions about the possibility of "change", linked to factors and different order. We realize how significant it is to observe how speakers of a language are positioned in relation to language teaching which they are not speakers and scholars. Our study showed that certain issues regarding the teaching of the Portuguese language, as is the case of linguistic variation, points are far from being resolved, either for linguists and/or grammarians, whether for language speakers.

**KEYWORDS:** Teaching Portuguese Language. Linguistic variation. Textbook.

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que [...] o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se veem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma - usando do direito que lhe confere a constituição, vem pedir que o congresso nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro. (Triste fim de Policarpo Quaresma, Lima Barreto)





## SUMÁRIO

I		INTRODUÇÃO	2
	1	VARIAÇÃO E JUSTIFICATIVA NA ESCOLHA DO OBJETO	3
	2	OBJETIVOS	10
	3	METODOLOGIA: ELEIÇÃO E COLETA DOS DADOS	11
	3.1	CONFIGURAÇÃO DA PÁGINA DO YOUTUBE	16
II		A LÍNGUA VARIA: DE QUE FORMA ISSO SE ADEQUA?	27
	1	PARÂMETROS DO DIZER E DO ESCREVER ADEQUADO	28
	2	PADRÃO E NÃO-PADRÃO: NORMAS?	32
	3	A FALA DOS GRAMÁTICOS: UMA PEQUENA MOSTRAGEM	38
	4	PCN – “NACIONALIZANDO” O ENSINO	44
III		O SIMBÓLICO EFICIENTE DA LÍNGUA, E DOS DADOS	51
	1	REMADAS SOCIAIS	52
	2	DOS POSSÍVEIS DE LÍNGUA	57
IV		ANÁLISE DOS DADOS: O VIRTUAL FORA DA QUARENTENA	62
	1	COMENTÁRIOS CONTRÁRIOS (CLD)	78
	2	COMENTÁRIOS FAVORÁVEIS (FLD)	98
V		PALAVRAS FINAIS	108
VI		REFERÊNCIAS	112

## **I – INTRODUÇÃO**

## 1 VARIAÇÃO E JUSTIFICATIVA NA ESCOLHA DO OBJETO

Ainda graduando, bolsista<sup>1</sup> vinculado a projetos coordenados pela professora Dra. Maria Hozanete Alves de Lima, entre uma leitura e outra, decidimos – a referida professora e eu – assistir juntos ao filme *Shrek Terceiro*. Atualmente, em sua quarta sequência, a produção cinematográfica reúne e (con)funde sobre si trilhas sonoras e cenas de diferentes filmes, a exemplo de *O Tigre e o Dragão*, *O Rei Artur*, *Robin Hood*, *Frankenstein*, *As Panteras*, *Matrix*, *Homem Aranha*, histórias presentes no imaginário infanto-juvenil, como, *A Bela Adormecida*, *Branca de Neve e os Sete Anões*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Pinóquio*, *Os três Porquinhos*, *Cinderela*, *O Gato de Botas*, *A Bela e a Fera*, dentre outros. O filme também faz uso de cenas de diferentes programas de TV (a exemplo dos programas de investigação policial, de encontro para relacionamento) e filmes diversos.

Apesar desse caldeirão mágico, o filme mantém uma linha narrativa clara e lógica: é desenhado pela arqueologia dos clássicos contos de fadas (PROPP, 1984): em *Shrek*, uma jovem bela que se chama “Fiona” espera seu príncipe encantado para ser libertada da torre em que foi trancafiada. Nesse filme, o imaginário que circunda os contos de fadas entra em ebulição, posto o fato de a princesa apaixonar-se por um ogro, espécie de bicho papão, animal de aspecto assustador que, no final, é o verdadeiro salvador da suposta princesa. É interessante observar como, em nossa língua, o nome próprio “Fiona” pode ser transliterado (ALOUCH, 1994) por “feiona”, que parece desenhar a essência da personagem, cujo aspecto, ao anoitecer, toma a forma de uma “ogra”.

Por esse caminho, *Shrek Terceiro* vai desfazendo as características que marcam personagens famosos – o famoso “lobo mau” é relido como um “lobo do bem”! Assim sendo, simbólico e imaginariamente, o lobo é gestado sob um duplo movimento: por um lado, em similitudes que se fundam dalhures, por outro, em dessemelhanças que pululam das similitudes. Foi nesse entremeado de (des)fazimentos que, naquele instante, deliciamo-nos com as “falas” de uma personagem do filme, Pinóquio. Muito além

---

<sup>1</sup> Projeto “Escrita de relatos escolares no ensino fundamental”, realizado nos anos de 2008 e 2009.

daquele que aparece no texto original, escrito pelo italiano Carlo Collodi, em 1883, o Pinóquio shrekiano envolve-se em discursos que o deixam em situações duvidosas quanto à sua essência (boneco feito de madeira/ menino), quanto à sua sexualidade e até mesmo quanto à posição de seu discurso no que tange à verdade e à mentira.

Nesse entremeio, buscamos compreender especificamente como o boneco conseguia construir um discurso revestido pela opacidade, deixando não só seus interlocutores (outros personagens do filme) confusos, como também burlando o fabuloso detector de mentiras (e de verdades): seu próprio nariz.

Pinóquio parecia assumir a posição de um “sujeito de saber específico”, aquele que saberia “jogar” com as opacidades e as não-evidências que circundam os sentidos, seja para escapular da verdade, seja para dizê-la de modo labiríntico. O personagem, mediante uma demanda específica, qual seja, responder às perguntas do personagem Príncipe Encantado, esconde a verdade através do uso de certas estruturas linguísticas, marcadas por advérbios e tempos verbais, clivadas, senão pela mentira, por uma espécie de verdade não-toda (AUTHIER-REVUZ, 1989). Jogamo-nos no seio desse movimento, assumindo a posição de linguistas, não para entender o que dizia Pinóquio, mas observar como um público especial se posicionava em relação à fala do boneco: os “youtubers”<sup>2</sup>.

Situemos a cena específica do filme sobre a qual nos debruçamos, e que fora matéria de estudo. A cena exposta aqui fora extraída da internet no dia 29/12/2102<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> *Youtubers*: nome dado aos que fazem comentários em uma página da internet de compartilhamento de vídeos chamada “Youtube”. Falaremos sobre ela um pouco mais adiante.

<sup>3</sup> Optamos por compartilhar um vídeo recente que preserva, ainda, os comentários analisados e postados pelos internautas.



No filme, após apoderar-se da cidade de “Far, Far Away” (Tão, Tão Distante), o Príncipe Encantado invade uma das salas do castelo, em companhia do Capitão Gancho e Ciclope. Lá, depara-se com o Lobo Mau, os Três Porquinhos, o Biscoito e Pinóquio. Eis que se dá o seguinte diálogo:

**Encantado:** Onde está o Shrek e a Fiona?

**Biscoito:** Nunca ouvi falar.

**Dois dos Três Porquinhos:** Ya! Nem eu.

**Encantado:** Seus inúteis! Acho bom vocês cooperarem com o novo rei de Tão, Tão Distante!

**Biscoito:** A única coisa que você tem chance de ser é rei dos pamonhas.

**Encantado:** Gancho!

**Cap. Gancho:** Certo! (*Aproxima-se de Biscoito*) Desista, Biscoito! Solta a língua!

*(Neste momento há um flash-back. O Biscoito rememora os principais momentos de sua vida. E em meio ao devaneio canta: Pirulito que bate-bate. Pirulito que já bateu Quem gosta de mim é ela... – o Príncipe faz cara de desprezo devido à música de Biscoito, desiste dele e passa a interrogar outra personagem. O Pinóquio.)*

**Encantado:** Você! Não pode mentir. Então, me diga, boneco, onde está Shrek?

**Pinóquio:** Bem...eu não sei onde ele não está.

**Encantado:** Você está me dizendo que você não sabe onde o Shrek está?

**Pinóquio:** Bem, não seria impreciso supor que eu não poderia não dizer exatamente que isso é ou não é quase parcialmente incorreto.

**Encantado:** Então você sabe onde está!

**Pinóquio:** Oh, pelo contrário, eu estou possivelmente mais ou menos não rejeitando de vez a ideia que de jeito nenhum com algum grau de incerteza que eu inegavelmente sei ou não sei onde ele provavelmente não deveria estar. Se lá não fosse certamente onde ele não está. Mesmo se ele não estivesse onde eu sabia que estava, isso poderia significar...

*(Pinóquio continua falando, mas agora dá margem aos outros personagens que, em sua maioria, estão entediados).*

**Um dos Três Porquinhos:** Ah!

**Um dos Três Porquinhos** *(tenso com a fala de Pinóquio):* Já chega! O Shrek partiu para buscar um novo herdeiro. Ah! *(Assustado por ter dito a verdade ao vilão).*

**Encantado:** Ele foi buscar um novo herdeiro?

**Pinóquio:** Não! *(O nariz cresce).*

**Encantado:** Gancho, livre-se desse novo rei.

**Gancho:** Certo!

**Encantado:** Mas traga Shrek pra mim. Tenho uma surpresinha pra ele.

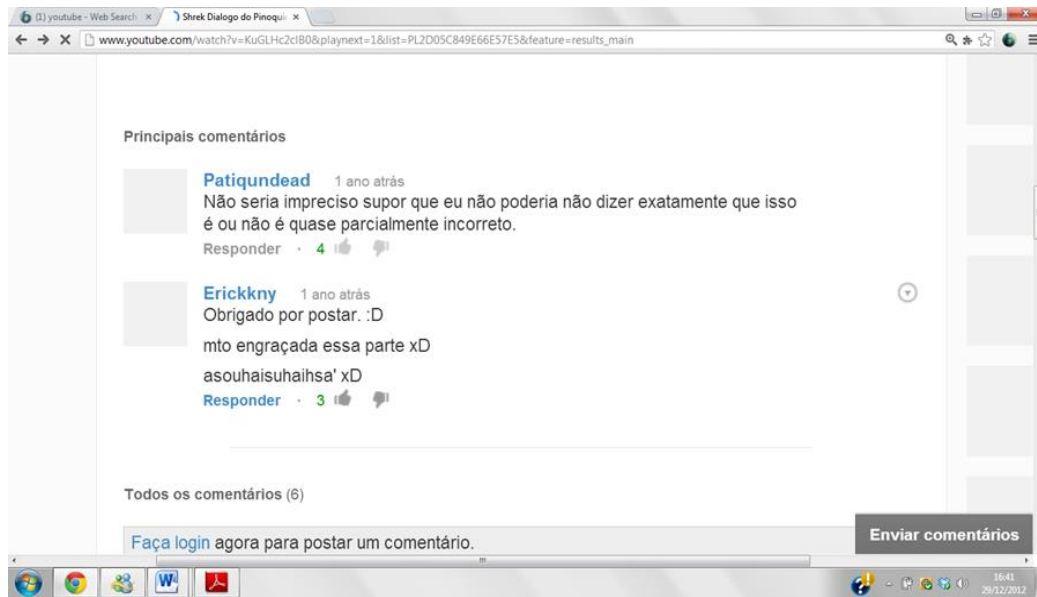
**Lobo:** Oh, vida!

Após a cena compartilhada no youtube, vários internautas, de diversos países, postavam comentários sobre o diálogo entre as personagens. Os comentários se assemelhavam no que respeita aos seguintes itens:

1. identificação do imbróglio pinoquiano com falas de políticos;
2. assunção de que a fala do boneco era muito engraçada;
3. tentativa, através de paráfrases, de explicar a fala do boneco;
4. repetição das falas de Pinóquio.

Destacamos alguns desses movimentos com os comentários, a título de

exemplo:



Comparando os dois comentários, observa-se como “Patiqundead” apenas repete o que é dito por Pinóquio, enquanto “Erickkny” se fixa, basicamente, no fato de que o episódio move o riso, enunciando “mto engraçada essa parte”.

Estabelecemos categorias de análise, tomando por base, na época, a Linguística da Enunciação (AUTHIER-REVUZ, 1989); de sorte que agrupamos os comentários como: metaenunciação discursiva e metaenunciação linguística.

Observando a primeira demanda dirigida ao boneco – “[...] onde está o Shrek?” –, o príncipe imediatamente reinstaura com o enunciado “Você! Não pode mentir!” a prisão de Pinóquio nas malhas de um dizer que faz sintoma em seu corpo – recorremos aqui ao discurso psicanalítico para falar de sintoma, embora não discorramos extenso e intensamente sobre isso: o nariz é a parte física (e fálica) de Pinóquio responsável por uma espécie de ante-goza, agonia e desespero, castigo concedido por uma fada presente no conto original, qual seja, possibilidade de se transformar em humano. Ao mentir, o seu nariz, em Shrek, cresce assombrosamente.

Ao responder à demanda do Príncipe, a marionete, todavia, descarrilha em um eixo metonímico, recorrendo a uma repetição do elemento negativo “não”, circularizando seu dizer na empreitada de não-evidências.

Com esta fala, seria fácil mostrar como Pinóquio não mente, bastando, para tanto, recorrer a um jogo lógico, retirando os elementos negativos, como mostramos:



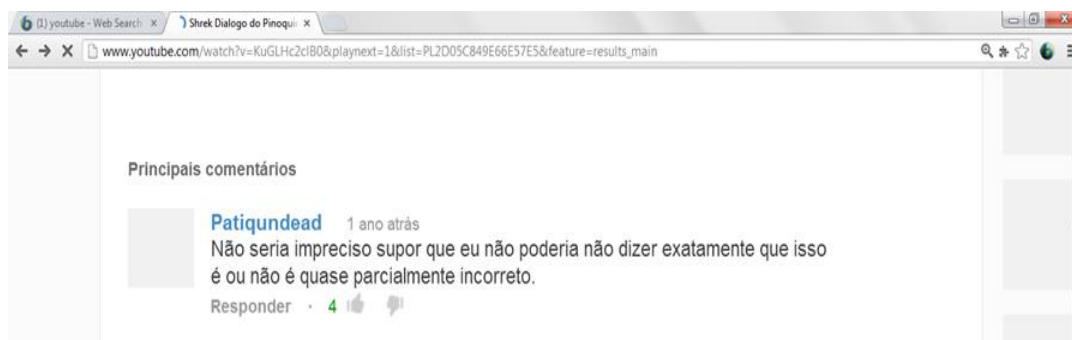
Eu (não) sei onde ele (não) está.

Eu Ø sei onde ele Ø está.

De outro modo, observa-se que Pinóquio “sabe” onde Shrek está, o que poderia indicar que ele não saberia onde não está, já que ele poderia estar em lugares diferentes.

Mas as concepções de verdade/mentira não estão ligadas a frases negativas ou afirmativas. Buscamos a lógica clássica (através do famoso “quadrado lógico” de Aristóteles) para “desmontar” as demais falas. Todavia, nossa posição de que, em qualquer cadeia linguística, as partes valem pelo todo e o todo vale pelas partes (SAUSSURE, 1999), nos demonstrou que não bastaria eliminar os modalizadores (advérbios, tempos verbais, etc.) – em uma tentativa quase que de cunho elucubrativo – para encontrar a “verdade” no seio do jogo linguístico.

Parecia mais prudente continuar, repetindo a mesma estrutura pinoquiana, pois era na feição de um *non sense* que o boneco sustentava seu engodo. Muitos youtubers, a exemplo de “Patinqudead”, assim o fizeram:



O diálogo entre Pinóquio e o Príncipe Encantado marcam a instauração de um ponto caracterizado pelo não-um interlocutivo (AUTHIER-REVUZ, 1989). Havia um conflito entre as perguntas e as respostas, um resto, uma sobra, algo em demasia que fia a mentira na verdade, cuja similitude e evidência requerida pelo Encantado não encontrava apoio na fala ou no corpo de Pinóquio.

O que se via na construção discursiva dos dois protagonistas da cena era a manifestação de um jogo linguístico realizado através daquilo que Authier-Revuz (1990) teorizou como não-coincidência interlocutiva.

Os internautas buscavam ancorar-se em uma evidência qualquer: pela similaridade entre o que escutavam e as falas dos políticos; por expressões que denotavam o riso; pela repetição da fala de Pinóquio.

Instaurava-se uma recursividade no vazio separando os interlocutores, barrando

o fato de que uma “cadeia significativa” qualquer pudesse colocar-se como sentido para outra. Estávamos mediante formas desviantes, deslocando o sujeito de uma posição a outra, confundindo os interlocutores, principalmente o Príncipe que exigia do outro uma positividade imaginária com perguntas do tipo “então”, “você quer dizer”, “o que você está querendo dizer é isso?”. Termos e estruturas buscando recobrir “no processo enunciativo uma função positiva, de desconhecimento das não-coincidências que o marcam (...)” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 176). Eles podem ser lidos também como uma espécie de correção ou negociação, uma tentativa de deixar de fora as não-coincidências ou não-similitudes que afetam irredutivelmente todo dizer, “preservando e mesmo reassegurando, no lugar mesmo em que está em causa, o fantasma da coincidência, do Um, necessário ao sujeito falante” (AUTHIER-REVUZ, op. cit, p. 176-77).

Com a Linguística da Enunciação, assim, caminhávamos nos estudos sobre as falas do Pinóquio no filme Shrek. Intentávamos analisar as demais falas e elaborar um projeto exequível como dissertação em um futuro mestrado. Foi nessa época, contudo, que um acontecimento inesperado nos surpreendeu: uma matéria veiculada pela mídia televisiva sobre o livro didático “Por uma vida melhor”, 2º volume da coleção “Viver, Aprender”, destinado à EJA (Educação de Jovens e Adultos). No primeiro capítulo desse livro, discutia-se questões relativas à noção de “adequabilidade linguística” associada às modalidades (oral e escrita) e às possíveis variedades da língua (variedade culta, padrão, popular). A matéria televisiva atingiu especialistas em estudos da linguagem – especialmente os Linguistas – e, o que nos pareceu significativo, a população de modo geral. O assunto repercutiu nacionalmente, pois as mídias impressa e televisiva “denunciavam” que o MEC (Ministério da Educação e Cultura) havia aprovado a utilização, nas escolas, de um livro que permitia o ensino de padrões linguísticos condenados pela gramática tradicional. A querela foi lançada, também, no espaço cibernético, especialmente no Youtube – aquela tão conhecida página de compartilhamento de vídeos com a qual já havíamos nos tornados íntimos. Como linguistas e professores de língua portuguesa, e, até mesmo, por um princípio ético, não poderíamos nos eximir da questão. Nesse sentido, em um duplo movimento, nossa questão de mestrado ganhou nova feição, sem fugir, todavia, à materialidade específica que ligava os novos dados de análise aos antigos (aqueles relacionados ao filme Shrek):

comentários de youtubers.

À matéria televisiva e, agora, no Youtube, seguiu-se uma explosão de falares, dentro e fora dos círculos acadêmicos, todos se posicionando em relação ao que parecia ser o acontecimento do ano de 2011 no que diz respeito aos estudos linguísticos.

Consideramos, então, ponto fulcral desenvolver um estudo que analisasse os comentários dos falantes, de como eles se manifestavam frente à estrutura, o funcionamento da língua e, conseqüentemente, o ensino da língua portuguesa. Pinóquio ficara para trás, mas nos deixara uma lição: “escutar” a posição ou simples comentários de falantes não-linguistas (ou linguistas) fora dos muros acadêmicos ou sem formação especializada em Linguística. Colocávamos, assim, nos interstícios entre o falar do leigo e o falar do acadêmico.

Verificamos que muitos internautas se utilizavam de argumentos variados, desde aqueles desenhados por estudos linguísticos – e.g., a Sociolinguística, a Gramática Tradicional – até aqueles que envolviam questões puramente sociais e políticas. Foram essas falas que geraram as questões que envolvem esta dissertação. Interessou-nos o modo particular como a comunidade (linguista ou não) discursava sobre as noções de certo, errado, adequado e inadequado, concepções aparentemente tão “íntimas” nos círculos acadêmicos. Encontramos, deveras, gritos diversos em relação à temática; de um lado, o horror ao que o livro descrevia; do outro, a defesa de que a escola deveria tornar frequentes as discussões sobre a variação linguística.

Mediante as questões que se nos apresentavam, nosso objeto de estudo da dissertação, destarte, tomou (outro) corpo. E, assim, nossos objetivos de buscas foram se formalizando, estando assim descritos:

## **2 OBJETIVOS**

### **a) OBJETIVO GERAL**

Analisar de que modo os internautas da página do Youtube se posicionam sobre o ensino de língua portuguesa, levando em consideração a discussão motivada pela adoção em sala de aula do livro didático *Por uma vida melhor*, dedicado aos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

## **b) OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Os objetivos específicos que nos permitiriam ir ao encontro do objetivo geral foram delineados após uma leitura – mesmo que sem a profundidade necessária – do próprio corpus. Assim, temos como objetivos específicos:

- a) Identificar, classificar e analisar a natureza dos posicionamentos – contra ou a favor – reconhecidos nos comentários dos youtubers.
- b) Observar como se manifestava o posicionamento dos internautas quanto aos binômios certo/errado, adequado/inadequado.
- c) Levantar uma discussão sobre a língua e a variação linguística, considerando a natureza social, adotada pelos estudos sociolinguísticos, e a natureza material da língua, atravessada, neste caso, por novos olhares sobre a noção de estrutura e funcionamento de língua.

Embora reconheçamos que o objetivo “b” esteja diretamente relacionado ao objetivo “a”, sentimos necessidade de torná-lo mais claro, dada a natureza dos binômios certo/errado, adequado/inadequado, que se repetem com certa frequência.

## **3 METODOLOGIA: ELEIÇÃO E COLETA DOS DADOS**

Discorreremos, nesta seção do trabalho, inicialmente, sobre a natureza e escolha do corpus. Em seguida, descreveremos a configuração da página do Youtube.

Nosso corpus faz parte de um universo que se concretiza pela facilidade de comunicação à distância. Vemos a célere ascensão de páginas de relacionamento com suas singularidades quanto às formas, intenções e meios de uso. Essas páginas apresentam, cada uma, seu próprio estilo de construção de comunicação entre os sujeitos. Citemos alguns: o *Blog*, bem configurado como um diário aberto eletrônico; o *Facebook*, um “livro” da vida pessoal, no qual se encontram pessoas de mesmo ambiente escolar, de trabalho etc.; o *Twitter*, uma página de contato entre conhecidos e desconhecidos – inicialmente, uma abertura de contato entre pessoas famosas e seus fãs.

Dentre tais páginas, o *Youtube* é o nosso alvo de interesse. Página criada em fevereiro de 2005 e comprada pela *Google*<sup>4</sup> em 2006, seu nome é um direcionamento para sua intenção: a postagem de vídeos produzidos pelos participantes da página (por isso, a construção “you” – você – e “tube” – televisora). Além da postagem de vídeos, o Youtube tem, hoje, possibilidades de interação entre seus participantes por comentários escritos – modo de “responder” ao vídeo postado ou a comentários feitos pelos participantes – e/ ou por vídeo-resposta – elemento estudado por Elisabetta Adami (2009) em sua tese. Este último configura-se como a postagem de um vídeo em resposta a outro já postado; a isso Adami (2009) deu o nome de “vídeo-interação”. Nas palavras da autora,

Indeed, a recent enhancement of the Youtube interface, the ‘video response’ option (introduced in May 2006), enables ‘(You)tubers’ to post videos in reply to any video uploaded on the Website. [...] ‘(You)tubers’ can now interact by means of videos, so that whole communication threads are created through videos addressing one to another.

The interaction by means of video clips – or, as I call it, video-interaction – is a brand new communication practice. By means of video, one can not only communicate, but also reply to someone else’s video [...]<sup>5</sup>.

A postagem de vídeos, ao que nos parece e ao que soia acontecer, se tornou febre mundial: acontecimentos singulares, íntimos, cômicos, trágicos, cotidianos, repetidos, cenas de filmes, de programas de televisão, de seriados, de novelas e de desenhos animados, clips musicais, trechos de debates, colagens de vídeos, entre tantos outros, são postados a todo instante na página. Desde 2005, os usuários do *Youtube* – a quem chamamos aqui de *youtubers* – podem divulgar/ compartilhar vídeos. Até fevereiro do referido ano, pouco recurso havia para que um internauta divulgasse em meio a Internet

---

<sup>4</sup> Google é mundialmente uma das mais conhecidas páginas de pesquisa na internet. A empresa Google vem ampliando cada vez mais seus horizontes ao conquistar outros veículos como o Youtube.

<sup>5</sup> “Minha pesquisa pretende fazer exatamente o mesmo [referindo-se a outras pesquisas sobre o Youtube], focalizando um tipo distinto de comunicação que acontece no Youtube. De fato, um recente aprimoramento da interface do Youtube, a opção “vídeo-resposta” (introduzida em maio de 2006), permite “(You)tubers” postarem vídeos em resposta a algum outro vídeo postado na página. [...] “(You)tubers” podem agora interagir por meio de vídeos de modo que segmentos de comunicação inteiros são criados através de vídeos que se encaminham um para o outro.

A interação por meio de vídeos – ou, como eu chamo, vídeo-interação – é um novo tipo de prática de comunicação. Por meio de um vídeo, alguém pode não somente comunicar, mas também responder ao vídeo de outra pessoa [...]” – (ADAMI, 2009 - Tradução nossa).

seus próprios vídeos. A criação da página possibilitou que um vídeo postado na Internet pudesse ser visto por qualquer outro internauta do mundo que nela navegasse. Os comentários postados no Youtube, de igual modo, podem ser de pessoas de diversas regiões do país ou até mesmo de países diversos.

Na página do Youtube podemos, ainda, quanto aos participantes, fazer a seguinte distinção: participantes ativos – aqueles que têm acesso a uma página individual na qual visualizam os vídeos que postaram e os (vídeo-)comentários a eles feitos; e, participantes passivos – aqueles que não têm uma conta de acesso à página, mas visitam-na, assistem ao vídeo e acompanham os comentários ali postados. É válido ressaltar que os inativos, embora não possam tecer (vídeo-)comentários, influenciam no número de visualizações do vídeo fornecido pela página automaticamente. É esse número que aponta o sucesso de um vídeo: quanto mais visto, mais bem sucedido no mundo virtual.

Para efeito de nossa análise, consideraremos o caráter relacional dos gêneros, por meio do qual buscamos estabelecer uma distinção entre suporte e gênero. Discussões como a de que se deve ou não considerar o Livro Didático (LD) um gênero ou um suporte para diversos gêneros pode ficar mais nítido quando assumimos o seguinte posicionamento: o LD é um gênero em comparação a outros livros (não didáticos). No entanto, torna-se suporte quando relacionado aos gêneros que ele suporta, que o constitui, ou seja, apenas na relação com o outro é que podemos distingui-lo como suporte ou como gênero<sup>6</sup>. Isso nos esclarece que o Youtube, quando relacionado a outras páginas de relacionamento, é um gênero – possui características singulares como postagem de vídeos, possibilidades de respostas escritas ou vídeo-interativas – e é suporte quando analisamos os gêneros que o constituem – os comentários, os vídeos, as propagandas, as descrições dos vídeos, etc. Embora defendamos essa posição, para efeito de análise de nossos dados, essa é uma questão pouco discutida e não a tomamos como fechada.

---

<sup>6</sup> Nosso trabalho tangencia, por uma questão de prioridade do estudo ao qual nos propomos, discussões sobre gêneros textuais e discursivos. Interessantes estudos sobre os gêneros e sua natureza relacional podem ser encontrados em, e.g.: BAZERMAN, Charles et alii. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005; BAZERMAN, Charles. *Gênero, agência e escrita*. São Paulo: Cortez, 2006. DIONISIO, Angela Paiva et alii (org) *Gêneros textuais e ensino*. 4 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005; MEURER, J.L et alii (orgs). *Gêneros, teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábolas, 2005; MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: o que são e como se classificam?* Recife: UFPE, 2000.

Diante das explicitações iniciais a respeito da página e de como a concebemos no âmbito da análise do gênero, passemos ao que constitui o objeto desta pesquisa.

Em nossas “navegações” pela internet, deparamos-nos, como anunciado anteriormente, em meados do mês de maio de 2011, com vídeos postados a respeito de uma polêmica provocada por um LD de Língua Portuguesa dirigido ao público da Educação de Jovens e Adultos (EJA), distribuído pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), que mobilizou o país. No livro, admite-se o uso de enunciados fora da norma padrão, considerando, para isso, o princípio da “adequabilidade” linguística. A polêmica tomou maiores rumos dada à utilização de frases como: “Os livro interessante mais ilustrado estão emprestado” e “Nós pega o peixe”. A mídia, por sua vez, não só notificou a situação, mas também abriu espaço para discussões e debates entre linguistas, gramaticistas, literatos e para a opinião pública. Dentre os espaços midiáticos observamos, atentamente, os canais televisivos abertos *Rede Globo*, *Sistema Brasileiro de Televisão* (SBT) e *Rede Record*. Referimo-nos a esses canais, não só pela sua popularidade, mas também pelo fato de que são abertos ao público, ou seja, não necessitam de receptores e são transmitidos sem negociação financeira direta à população, como

Dentre os três canais televisivos, elegemos a reportagem do *Jornal Nacional*, da *Rede Globo*. Especificamente, sua postagem na página do Youtube, cujos comentários dos internautas materializam nosso objeto de investigação. No Youtube, a opinião pública ganha um espaço ainda maior e mais livre para seus desabaços, consensos, arguições, ironias, brincadeiras, descasos, lamentações, etc., especialmente quando suas faces são preservadas através de cognomes e *nicknames* (apelidos), por exemplo. Tendo esses comentários elencados, podemos refletir a respeito do que está sendo visto em sala de aula, das implicações do ensino na vida da população brasileira e do posicionamento da sociedade diante de questões tão fortemente ligadas ao ensino, à política e à vida, de forma geral. O mais interessante é sentir que, nesta página, a população se “apresenta”, pois sua identidade permanece às escuras. Reconhecemos, também, que muitos não são especialistas ou versados em certas temáticas. Este fato nos é significativo, pois passamos a lidar com leigos, não especialistas em Linguística, todavia, falantes da língua. Esta condição de “falante” torna os comentários mais preciosos para nós que

assumimos a posição de Linguista. Situamo-nos no seio da assunção de Rajagopalan (2003, p. 13),

É preciso escutar mais o leigo e prestar mais atenção à sabedoria popular, se quisermos manter um diálogo profícuo no qual contextos aparentemente diferentes – leigo e acadêmico – possam mostrar sua interação – que, aliás, existe apesar de algumas controvérsias. A ciência pensa a vida e, como tal, pensar *sobre* a vida não elimina pensar *em* vida. [...] Pensar *sobre* indica distanciamento; pensar *em* indica mergulho. No entanto, ambas as posições comungam no pensar: não há como excluir ramos de uma mesma teia. (Grifos do autor)

Rajagopalan nos convida a escutar o que diz um falante da língua sobre sua própria língua. Não obliteramos, por outro lado, o fato de que o discurso de um leigo esteja marcado, de um modo ou de outro, pelas falas acadêmicas.

Em relatório sobre “Hábitos de Informação das Regiões Norte e Nordeste, Hábitos de Informação das Regiões Sudeste e Centro-Oeste, e Hábitos de Informação Região Sul”, fruto de estudos do *Instituto de Pesquisa Meta*, lemos que o canal de comunicação mais visto pela comunidade brasileira é a televisão, sendo os canais televisivos abertos os mais assistidos. Dentre os programas mais vistos estão os telejornais; em comparativo, segue, por ordem, o “Jornal Nacional” da emissora Globo (56,4%), e o Jornal da Record, da emissora Record (7,4%)<sup>7</sup>. Essa questão, por si só, poderia ser uma justificativa para acompanharmos a reportagem do Jornal da Globo exposto no youtube para estudo e análise. Todavia, acaso ou não, a página que expunha a reportagem do referido jornal fora a que, na época, tivera mais acesso e comentários, e este foi o principal motivo para elegê-la<sup>8</sup>. Inicialmente, pensamos em analisar os comentários referentes aos 3 maiores jornais assistidos pela população brasileira, são eles: Jornal Nacional (emissora Globo), SBT Brasil (emissora SBT) e o Jornal da Record (emissora Record), mas a tarefa careceria de um tempo maior do que aquele dedicado à escrita de uma dissertação.

A reportagem trouxe à tona problemas envolvendo fatores linguísticos, educacionais, sociais, políticos e econômicos. Fez a sociedade, os pesquisadores e os profissionais da educação refletirem quanto ao que se está ensinando nas aulas de língua

---

<sup>7</sup> Relatório disponível em <http://www.fenapro.org.br/relatoriodepesquisa.pdf>. A FENAPRO é a Federação Nacional das Agências de Propaganda. Acesso em setembro de 2011.

<sup>8</sup> Não estamos, com isso, assumindo que nossa posição é de cunho quantitativo.



portuguesa e dividiu os mais diversos grupos internos à academia (conhecidamente, ligados a estudiosos como Marcos Bagno, Carlos Faraco, Stella Bortoni, Ataliba de Castilho, Pascoale Neto, Sérgio Nogueira, etc.) e externos à academia (leigos em geral, grupo que estamos considerando como sendo aqueles não formados na área de Letras).

### 3.1 CONFIGURAÇÃO DA PÁGINA YOUTUBE

Buscamos elaborar, nesta seção do trabalho, uma detalhada descrição do corpus, de sorte que se possa compreender sua formatação e funcionamento na página da internet na qual é veiculado.

Vejamos como se configura a página do Youtube. Na imagem 1, a forma como encontramos a página na internet.







(Imagem 1)

Ao acessar a página do youtube e selecionar um vídeo para assistir, o youtuber depara-se, na barra de ferramentas, onde se localiza (olhando-se a Imagem 1 a partir do topo e da esquerda para a direita) a logomarca do youtube, uma barra de digitação para

pesquisa de um vídeo, as opções “procurar”, que levam o internauta à página de pesquisa de vídeo, e “enviar vídeo”, que serve para a postagem (o chamado *upload*) de vídeo pelo usuário que possui *login*<sup>9</sup> no site. No canto direito da página, o link com o nome do usuário serve para mostrar que ele está logado – ou *online*, o que significa que ele está acessando a página (em nosso caso, identificado como “marlytonlet”) e para que ele possa optar por fazer o *logoff*, ou seja, desligar-se de sua conta da página.

Em seguida, há, em fonte maior, a nomeação dada ao vídeo pelo usuário. No caso do nosso vídeo, o título é “Livro ensina português errado e MEC apóia iniciativa”. Logo abaixo, encontra-se o nome do postador em forma de link – o que, em sendo selecionado, direciona o usuário à página desse postador –; o link “inscrever-se”, que permite ao usuário conectar-se às postagens feitas pelo postador daquele vídeo. Assim, a cada nova postagem feita, à guisa de exemplificação, por “pauloalx”, caso estivéssemos na página dele inscritos, seríamos notificados de cada postagem. Há, ainda, ao lado, o número de vídeos postado pelo uploader, no caso, “pauloalx”.

Descrevemos alguns símbolos observados na página.

Símbolo	Descrição
	Este é o botão play/pause. Permite que o vídeo seja reproduzido e pausado, caso necessário.
	Este símbolo sinaliza o áudio do vídeo, que é reproduzido numa escala de 0 a 100, sendo aquele a ausência de som e este o volume máximo.
	Simbolizado por uma engrenagem temos a função de alterar a qualidade da imagem. A resolução do vídeo pode ser melhorada com as opções que este item oferece.
	O símbolo do relógio serve para que o usuário logado possa marcar aquele vídeo para ser assistido em outro momento.

<sup>9</sup> Tipo de acesso restrito, por meio de um nome e de uma senha pessoais para identificação, assim como temos no e-mail, por exemplo.

Seguem ainda dois retângulos: o maior expande o tamanho do vídeo; o menor, diminui. Vejamos, então, o vídeo expandido – o exposto anteriormente está na forma reduzida.



(Imagem 2)

Com a expansão, percebemos que o espaço à direita do vídeo, antes destinado a indicar vídeos relacionados ao tema, é ocupado pelo vídeo a ser assistido. Relacionado a estes retângulos também está o último símbolo ao lado direito da linha inferior do vídeo. Ele possibilita que o vídeo seja assistido em tela cheia, como na próxima imagem:



(Imagem 3)

Além desses elementos, há, pelo menos, sete informações a respeito do vídeo que servem para nortear os interessados nele e mostrar o quanto ou de que forma ele está sendo visto pelos visitantes da página (que podem ser usuários com conta própria da página, ou apenas visitantes). Vejamos a próxima imagem e, em seguida, sua descrição:



(Imagem 4)

Na imagem 4, destacam-se os seguintes elementos:

1. o links “gostei”, sinalizado por uma mão com polegar para cima e demais dedos fechados, e o link “não gostei”, sinalizado pelo polegar direcionado para baixo;
2. “adicionar a”, cuja função é que o internauta logado possa resguardar aquele vídeo em sua lista de vídeos favoritos (lista essa que faz parte da página individual do internauta que possui a conta no Youtube);
3. o link “Compartilhar” possibilita o “repasso”, o “reenvio” do vídeo tanto pela própria página do youtube (caso você seja um usuário logado) ou para outras páginas de relacionamento pessoal, como o *Facebook*, o *Orkut* e o *Twitter*;
4. a bandeira ao lado de “Compartilhar” é um link de sinalização de improbidade, ou seja, se o vídeo dissemina um conteúdo impróprio (na avaliação dos usuários), recebe a sinalização;

5. no canto direito, destaca-se o número de acessos que o vídeo possui, o que mostra diretamente a popularidade daquele vídeo. Em nosso caso, o número é 3928;

Continuando a descrição dos elementos, identificamos, agora, “rolando” a página para baixo:

[B]	21/05/11	Primeira indicação de vídeo relacionado – Livro Ensina Português Errado e ensinam a falar errado	187
[C]	19/05/11	Primeira indicação de vídeo relacionado – Livro Ensina Português Errado - Jornal Nacional	95
[D]	17/05/11	Primeira indicação de vídeo relacionado – Bom Dia Brasil - Para Sérgio Nogueira, livro aprovado pelo MEC é uma 'inversão de valores'.mp4	213
[E]	17/05/11	Incorporado pela primeira vez em – static.ak.facebook.com	77
[F]	15/05/11	Incorporado pela primeira vez em – www.orkut.com.br	196
[G]	15/05/11	Primeira indicação do YouTube – sug	163
[H]	14/05/11	Primeira indicação de vídeo relacionado – Livro distribuído pelo MEC relativiza regras de concordância do Português	86
[I]	13/05/11	Primeira indicação de – www.google.com.br	179
[J]	13/05/11	Primeira indicação de – www.facebook.com	116

**Público**  
Este vídeo é mais popular com:

Sexo	Idade
Masculino	45-54
Masculino	35-44
Feminino	55-64

Este vídeo é mais popular em:

Enviado por pauloalx em 13/05/2011

Um livro distribuído pelo Ministério da Educação diz defende que a maneira como a língua é usada deve ser classificada como adequada ou inadequada.

9 pessoa(s) gosta(m), 7 pessoa(s) não gosta(m)

(Imagem 5)

6. o link com o desenho de um gráfico ao lado do número de acessos mostrando, graficamente, o número de acessos, as datas de primeiros compartilhamentos, a estatística de público quanto a idade e sexo, data e local de gravação, com utilização de mapa *mundi* - indicando, inclusive, em uma escala de cor, os países onde o vídeo foi mais visto e onde foi menos visto - e possível menção honrosa que o vídeo tenha recebido.

Na sequência, podemos observar outros detalhes.

Enviado por pauloalx em 13/05/2011

Um livro distribuído pelo Ministério da Educação diz defende que a maneira como a língua é usada deve ser classificada como adequada ou inadequada.

9 pessoa(s) gosta(m), 7 pessoa(s) não gosta(m)

Veja também: <http://www.youtube.com/watch?v=buapedCNets>

**Categoria:**  
Educação

**Tags:**  
[língua portuguesa](#) [norma culta](#) [falar errado](#) [erro de português](#)

**Licença:**  
Licença padrão do YouTube

Mostrar menos

Comentários da pessoa que enviou o vídeo ( [pauloalx](#) )

Uma vez ouvi de uma pessoa que estava dando capacitação para professores que os alunos da escola pública deveriam ser preparados para ler instruções de guia de ruas, de produtos de limpeza e receitas. Que nosso aluno seria no máximo entregadores de pizza, frentistas de posto de gasolina, etc... Fiquei horrorizada, pois acho que o aluno da escola pública deve ter o direito de competir em uma boa universidade e se formar, e ter uma vida mais tranquila, com empregos mais seguros e lucrativos.

[crisortega1](#) 1 ano atrás

Mas estas iniciativas que admitem um verdadeiro vale-tudo linguístico vão acabar contribuindo para que o futuro previsto pelo capacitador vire realidade.

[pauloalx](#) em resposta a [crisortega1](#) 1 ano atrás

Todos os comentários (68) [ver tudo](#)

**Bolsonaro é agredido pela senadora Marinor**  
por VinilMilke  
11100 views

**Preconceito Linguístico - Opinião**  
por marilianb  
1032 views

**marco olmo Ultra runner**  
por minuteman2006  
24663 views

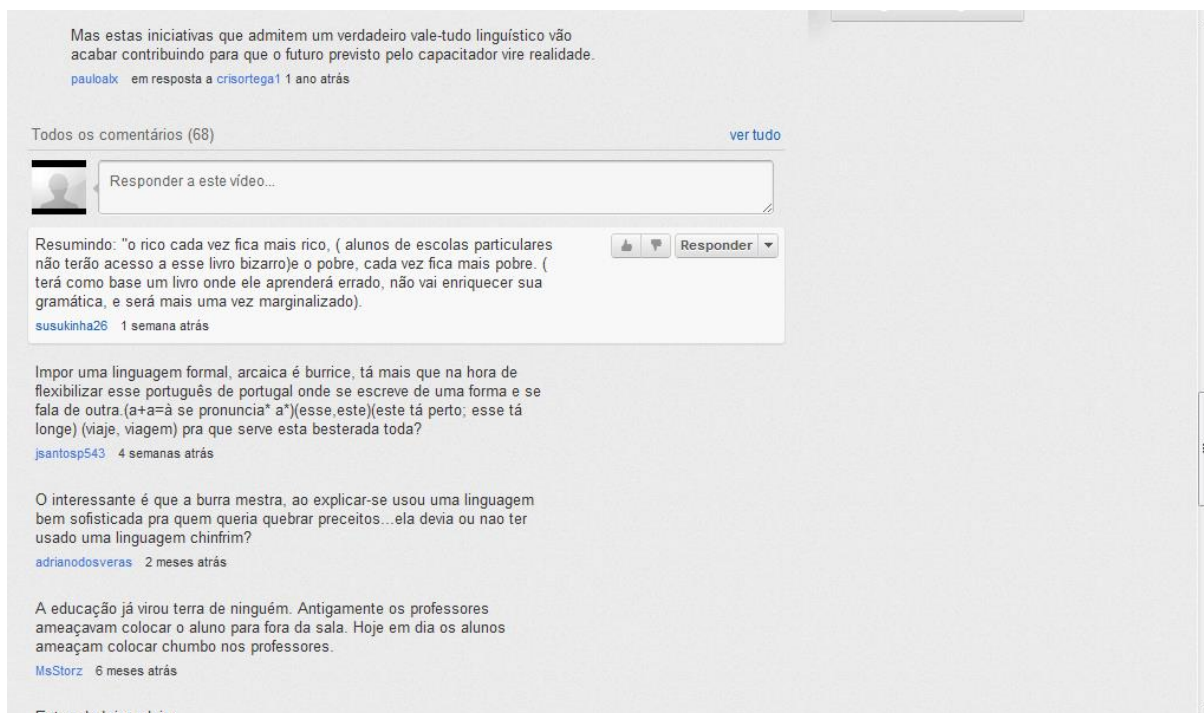
**Redação e Leitura - Concordância Verbal e**  
por AlmanaqueDaRede  
10931 views

**Sujeito oculto**  
por isacs9  
1398 views

Carregar mais sugestões

(Imagem 6)

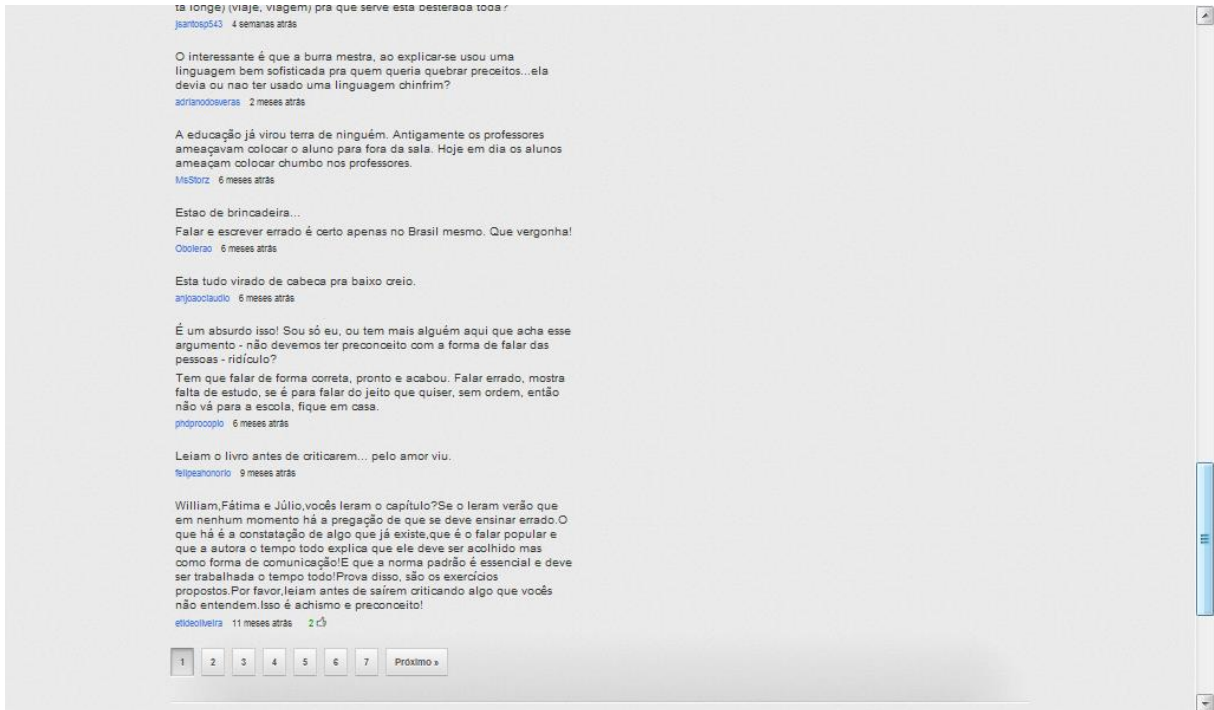
7. Após o quadro com os dados estatísticos, encontra-se a descrição do vídeo postado. Nome de quem enviou, data de postagem, indicação de vídeo relacionado àquele, categoria, *tags* (o que poderíamos trazer como palavras-chave) e licença;
8. ao lado direito dessas informações, há o dado quantitativo de pessoas que gostaram ou não do vídeo postado. Em nosso caso, vemos que 9 pessoas (indicado pelo número e pelo traço verde) gostaram do vídeo, enquanto 7 (indicado pelo número e também pela barra vermelha) não. É válido ressaltar que nem todos os que acessam, votam, conforme mostra a discrepância entre o número de acessos e o de votação: 3928 “contra” 16;
9. antes dos comentários dos internautas, há uma seção somente para os comentários feitos pelo postador sobre o vídeo. Esses comentários podem ser apenas respostas a comentários alheios feitos, isso quer dizer que esta seção serve para mostrar a participação de, em nosso caso, “pauloalx” na discussão promovida em sua página;



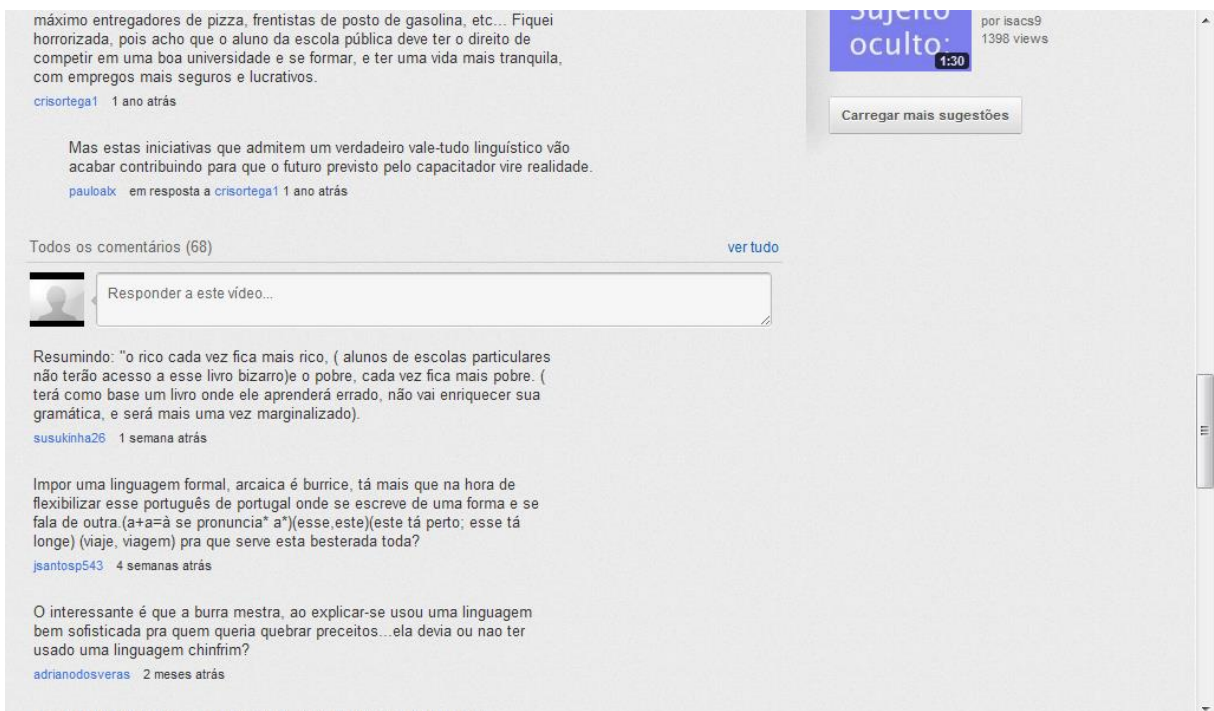
(Imagem 7)

10. na imagem 7, vemos a listagem dos comentários feitos pelos internautas na ordem cronológica em que foram postados, de forma a ficar exposto na parte mais próxima ao vídeo, ou seja, de forma sobreposta aos demais, o comentário mais recente. A cada comentário, é possível fazer uma votação tal qual a feita para o vídeo: mão com polegar para cima ou para baixo, atribuindo àquele comentário um voto positivo ou negativo. Além disso, existe a possibilidade de se responder o comentário ali presente.
11. a listagem, a depender da quantidade de comentários, começa a constituir páginas de comentários, conforme percebemos com a numeração dos links “1”, “2”, “3” etc. no fim da página (Imagem 08). No entanto, é possível vê-los de uma só vez, como permite o link “ver tudo” (Imagem 09).





(Imagem 8)



(Imagem 9)

12. ao selecionarmos o link “ver tudo”, temos a seguinte configuração da página:



(Imagem 10)

A tela do vídeo desaparece e dá lugar a três “fotografias” representativas do vídeo, indicando, ao lado delas, informações como: nome do postador, tempo de duração do vídeo, número de exibições etc. Abaixo, é possível selecionar a forma como se quer ver os comentários: por ordem cronológica de postagem ou por sequência de e-mail. Ao selecionarmos esta última, a página reconfigura-se e mostra os comentários em ordem de envio, sequenciando cada resposta a cada comentário feito. Dessa forma, ao ler-se de cima para baixo, veremos o comentário mais recente, seguido de sua resposta, se houver. Em seguida, outro comentário, em tempo próximo ao último, seguido, também se houver, de uma resposta que tenha sido dada a ele. Vejamos a imagem a seguir:



(Imagem 11)

O comentário em destaque nos mostra que, logo em seguida, com um alinhamento diferenciado, há três respostas a ele (tendo uma sido removida pelo gerenciador da página). Também percebemos expostos, ao fim das respostas, o nome de quem está respondendo, a frase “em resposta a” e o nome de a quem se está respondendo. Podemos ver isso no terceiro comentário: “pauloalx” em resposta a “crisortega”. Quanto à configuração dos comentários, podemos perceber que é iniciado pelo comentário do internauta. Logo após, segue o nome de usuário de tal internauta e a data de seu comentário, como vimos, a título de exemplo, a expressão “1 semana atrás”.

Nossa descrição permite compreender o modo como é possível estar presente em uma página do youtube. E, o mais interessante, para nossos dados, foi o fato de que o “gerenciador” da página deixou expostos comentários completamente diferentes, permitindo, assim, comparar as posições dos youtubers que fizeram menção à matéria.

**II- A LÍNGUA “VARIA”:  
DE QUE FORMA ISSO SE ADEQUA?**

“...do ponto de vista científico é engraçadíssimo porque ninguém consegue falar se ele não tem uma gramática, ele tem uma gramática, ou seja, uma estruturação das das palavras na na sua articulação dentro da sentença, etc., etc.; é impossível falar se você não tem uma gramática”

(Ataliba Castilho)<sup>10</sup>

Dentre as discussões atuais no ensino de Língua Portuguesa (LP), tem se destacado, especialmente, após o surgimento da Sociolinguística, a presença do estudo sobre a variação em sala de aula. Com o livro *Por uma vida melhor*, essa questão reacendeu – mesmo que ela sempre estivesse presente – a grande oposição entre aqueles que defendem um ensino em que não se deve priorizar a forma estrutural da língua em função da construção do sentido – como se isto fosse possível! – e aqueles que defendem um ensino da forma, priorizando o conteúdo, a estrutura, a fim de que os alunos tenham alicerces fundamentais para alcançarem “prestígio” social – como se ensinar apenas a estrutura, abstraindo os sentidos, também fosse possível!

Propomo-nos, nesta seção do trabalho, analisar o modo como têm sido tratadas no campo linguístico nossas categorias de análise. Analisaremos as nomenclaturas “norma” – e suas adjetivações (culto, popular, de prestígio, estigmatizada, por exemplo) –, adequabilidade, e os binômios certo/errado e adequado/inadequado. Para isso, evocamos autores como Marcos Bagno (2000, 2002, 2003, 2009, 2011) e Pagotto (2001), que têm produção considerável sobre essas questões e que são autores que também demonstram interesse em questões que interligam a variação e o ensino.

## 1 PARÂMETROS DO DIZER E DO ESCREVER ADEQUADO

As tentativas de tratar a língua como uma ciência têm influenciado o ambiente escolar: cada vez mais se fala em uma sala de aula na qual a pesquisa, a análise, a reflexão, a descoberta, etc. sejam prioridades na relação aluno-ensino/professor-

---

<sup>10</sup> Excerto de entrevista com o professor Ataliba Castilho sobre o livro "Por uma Vida Melhor". Todas as epígrafes deste trabalho referentes a Ataliba Castilho são partes retiradas da entrevista concedida por ele a Ederson Granetto, jornalista da UNIVESPTV (Universidade Virtual do Estado de São Paulo). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=DROHTF4iaiQ>>.

aprendizagem. Pretende-se deixar de lado, com isso, a aula em que o ensino das regras gramaticais (para não usarmos “norma culta”, já que ainda discutiremos essa e outras nomenclaturas) prevalece e em que a descontextualização das formas e dos conteúdos reina.

A fim de alcançar esse patamar, o elemento desencadeador das aulas devem ser os textos (tanto em suas formas orais quanto escritas). Além disso, banhados pela teoria dos gêneros textuais, professores e pesquisadores promovem um ensino que articula a relação aluno-texto (gênero) -professor. A interação passa a ser chave da aula: o aluno e o professor devem estar conectados ao mundo em que vivem e compartilhar tais conhecimentos em situações diversas na sala de aula, como a leitura de um texto, a participação em uma palestra, a conversa entre amigos, a produção de um texto, entre tantos outras infinitas possibilidades de produção textual.

O texto, por sua vez, origina-se da e na sociedade e volta para ela, modificando-a. É ele que deve promover e originar as buscas pelos conhecimentos, a fim de estreitar os laços entre os grupos e de promover a relação de ensino e modificação social. É dentro da esfera social, por sua vez, que o aluno deverá posicionar-se de forma maleável. Ou seja, em se tratando de linguagem, por exemplo, o aluno deverá buscar em seu repertório de linguagens usuais, qual aquela que melhor compactua com o momento social presenciado. Assim, um aluno deve saber se portar de uma forma quando em um seminário em sala de aula, de outra quando entre os amigos, de outra quando em uma conversa familiar, e de outra totalmente diferente das anteriores quando sozinho com o(a) namorado(a), por exemplo. A essas várias possibilidades de uso diante de determinadas situações, encontramos a terminologia recorrente denominada de “adequação”. Esse fator parece estar subjacente na assunção de Koch e Travaglia (1990), ao afirmarem:

É preciso, ao construir um texto, verificar o que é adequado àquela situação específica: grau de formalidade, variedade dialetal, tratamento a ser dado ao tema, etc. O lugar e o momento da comunicação, bem como as imagens recíprocas que os interlocutores fazem uns dos outros, os papéis que desempenham, seus pontos de vista, objetivo da comunicação, enfim, todos os dados situacionais vão influir tanto na produção do texto como na sua compreensão. (KOCH E TRAVAGLIA, 1990, p. s/e)

A adequabilidade, pelo que podemos conceber dessa discussão introdutória, permeia toda e qualquer produção de texto. Pode ainda estar em qualquer nível do eixo sintagmático e/ou do paradigmático. Ou seja, uma escolha léxica, uma combinação entre termos, um discurso a ser feito em determinado ambiente, o conteúdo do que se pretende dizer etc. pode estar (*in*)adequado ao texto, à situação de produção, ao público-alvo, ao próprio produtor do texto, ou à intenção comunicativa à qual o texto se pretende. Isso porque a adequabilidade faz fronteira com os (ou mesmo está inserida no) conhecido *princípios de cooperação* cujas faces constitutivas são a *intencionalidade* e a *aceitabilidade* (KOCH e TRAVAGLIA, 2008). Essas características fazem parte de um conjunto de máximas elaboradas H. P. Grice (1975) e estão relacionadas diretamente à construção pragmática do texto. São elas: máxima de qualidade, máxima de relação, máxima de modo e máxima de quantidade.

O princípio da aceitabilidade orienta para o fato de que leitor/ouvinte do texto, em colaboração com aquele que escreve, deverá compreender a produção do outro como aquilo que foi feito para ter sentido (KOCH e TRAVAGLIA, 2008). Há uma intenção comunicativa tanto para o produtor do texto quanto para o leitor. Este deverá perceber quais as marcas deixadas pelo primeiro que apontam para a intenção de produzir tal texto. O leitor/ouvinte também possui suas intenções em estar lendo/ouvindo aquela produção.

No que tange à *aceitabilidade*, temos que uma determinada produção **pode** ser aceita por seu leitor/ouvinte. Será aceita a produção que, coesa e coerentemente, apresentar uma relevância ou utilidade. A aceitabilidade, contudo, deverá associar-se ao fator de *situacionalidade* (KOCH e TRAVAGLIA, 2008). Esse fator é visto como um dos elementos que se somam à avaliação de aceitabilidade, visto que se a produção textual não corresponder à expectativa do leitor em determinada situação (e não em outra), o texto não será aceito. Por exemplo, utilizar-se do gênero poema para comunicar a demissão de um funcionário em uma empresa qualquer, provavelmente, será tido como fora de sua situacionalidade, visto que não é esse o gênero do qual se faz uso nessas situações. Estas seriam as condições de produção de um texto.

A situacionalidade, embora, de certa forma, antevista no interior das máximas de Grice (1975), está mais explícita no seio das categorias que regem os fatores de textualidade como estabelecidos por R. Beaugrand e W. Dreassler (1983), sejam elas:

intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade. Estas são as categorias pragmáticas do texto; os autores descrevem ainda aquelas referentes a fatores linguísticos, que são a coesão e a coerência.

Tomado por base essas categorias, quando um sujeito da língua, ao falar ou escrever, utiliza alguma construção inesperada (seja pela situacionalidade, pela má escolha lexical, por elementos coesivos inapropriados, ou mesmo por um uso que fuja às normas da Gramática Normativa), diz-se que há *inadequação*. Essa concepção simetriza-se, de certo modo, à noção de *erro* (tida como excludente e constrangedora) que, para Marcos Bagno (2011), responde por preconceitos linguísticos interligados a preconceitos sociais.

A palavra **erro** tem sob si a ideia de que há em certas estruturas linguísticas marcas (linguísticas ou semânticas) que diferem daquelas presentes em estruturas consideradas padrão e que são assinaladas nas gramáticas normativas da língua portuguesa. Assim, seria “erro” a não-concordância de elementos que participem de um mesmo sintagma nominal, a exemplo de “os menino”, em que se espera que o artigo determinante “os” concordaria com o substantivo “menino”, que deveria estar no plural (meninos).

Essa concepção de que a gramática é conjunto de normas “corretas” da língua advém da noção de que é necessário aprender gramática para se falar e escrever bem. O ensino que se fazia décadas atrás, em que o estudo de LP era restrito ao aprendizado da leitura e ao reconhecimento de estruturas gramaticais, criou uma cultura educacional para os alunos e ex-alunos, novos e antigos, de que a gramática é o ponto central da aula de português. As investidas de programas como os PCN tentam amenizar essa questão quando propõem, senão o ensino, mas a capacidade de que o aluno reconheça que estas estruturas não normatizadas fazem parte da possibilidade da língua e que apresentam padrões gramaticais realizáveis, embora seja necessário que o aluno saiba fazer uso de estruturas padrões, com o argumento, todavia, de ascensão social.

Por outro lado, a temática da variação em sala de aula está superiormente ligada a variações regionais ou à fala caricaturada de personagens como o Chico Bento – personagem de Histórias em Quadrinhos, criado pelo escritor Maurício de Sousa.

A sociolinguística variacionista é um espaço de discussão que procura romper com o império de regras fixas, descrevendo e analisando dados existentes em estruturas



que se mostram como variações daquelas. Neste sentido, cabe retomar a epígrafe que abre esta parte do trabalho. Como anuncia Ataliba de Castilho, “do ponto de vista científico é engraçadíssimo porque ninguém consegue falar se ele não tem uma gramática, ele tem uma gramática, ou seja, uma estruturação das das das palavras na na sua articulação dentro da sentença, etc., etc.; é impossível falar se você não tem uma gramática”. A palavra “gramática” não é simetria da palavra “norma”. Ela ultrapassa a concepção de regras gramaticais da GT e permite ler que em estruturas como “os menino bonito” há uma gramática que permite compreender “menino” com noção de plural dada seu determinante “os” encontrar-se no plural. Ou seja, há uma estruturação gramatical aí presente como uma forma variante de “os meninos bonitos”.

Fora pensando nessa possibilidade de variação que o LD “Por uma Vida Melhor”, 2º livro da trilogia “Viver Aprender”, adotado em 2010 pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), abordou em seu primeiro capítulo a temática da variação linguística. O capítulo é intitulado “Escrever é diferente de falar”. Esse título já aponta para a discussão que o livro constrói: a relação entre as modalidades escrita e oral e as variações nas normas (seja mais ou menos “cultas”).

A querela em torno do livro situou-se na questão da situacionalidade, posto ter colocado em evidência que sujeitos falantes *adequam* o modo de falar consoante a situação em que se encontram. A *adequabilidade* (KOCH & TRAVAGLIA, 1990) atribui uma valoração de permissividade, não do “erro”, mas da possibilidade de que o sujeito possa ser menos formal ou mais formal, consoante o momento em que se encontra. Assim, falar “palavrão” seria inadequado em uma palestra, mas não inadequado em uma “farra” entre amigos – que seria uma situação menos formal (até mesmo socialmente). Notemos que ao termo adequação subjaz uma questão e uma ordem social.

## **2 PADRÃO E NÃO-PADRÃO: NORMAS?**

O que vimos na seção 1 deste capítulo foi um discurso já conhecido na academia. Mas é uma referência que coloca na discussão do dia a “adequação” pelas vias do mais formal, menos formal e não pelo campo que abarca a noção de erro. O LD em análise não discute a questão da escrita quando ela é mais formal, menos formal, só

ocupa-se em mostrar as diferenças entre a fala e a escrita. Os autores discutem a “norma popular”, assim por eles nomeada, sem, contudo, tirar os olhos da norma-padrão.

A discussão na mídia foi ocasionada pelo fato de o livro defender que no funcionamento da língua não se pode julgar as estruturas usadas pelo falante como “certas” ou “erradas”, mas, sim, como “adequadas” ou “inadequadas” e que, em determinadas situações, é possível fazer uso da norma não-padrão sem que incida em uma inadequação, devendo o falante ter cuidado para não ser vítima de preconceito.

Para tais autores, parece estar clara a ideia da adequação quando posta em termos tais quais os do professor e pesquisador Marcos Bagno (2007) ao esclarecer que, mesmo usando uma estrutura que não se encontra formalizada na gramática (ou seja, que não faz parte da norma tradicional), o falante está obedecendo a regras outras que também estão no funcionamento da língua, mas que não tiveram a oportunidade ou o “privilégio” de entrar para a gramática.

Dizer, por exemplo, “Os menino esperto” é uma possibilidade da língua não reconhecida pela norma tradicional<sup>11</sup>, mas que faz parte do cotidiano de muitos falantes do português com grau maior ou menor de escolaridade. É comum que sujeitos se deparem com isso e, para autores como Bagno (2007), o tratamento dado não pode ser outro senão o de aceitação. Essa aceitação, por sua vez, decorre da quebra de um paradigma preconceituoso quanto ao falar de determinadas camadas sociais, sendo, segundo o LD e o professor Bagno (2007), esse preconceito motivado pelo fator social, e não pela forma como se está falando. Assim, um sujeito que seja alvo de preconceito por fazer uso de estruturas não tradicionais está sendo alvo de um preconceito decorrente de seu lugar social, e não de sua linguagem, pois o espaço em que vive não lhe permite – por razões diversas – ter acesso à língua cujos padrões estão na GT. A concepção que podemos admitir de linguagem, por esse viés, é a de identidade do lugar social que o sujeito ocupa no mundo.

Contudo, apesar de sua inserção até mesmo no cotidiano escolar, o termo “adequado” não parece atingir o âmago da questão. Dizer que alguém está “inadequado”, por exemplo, ainda é uma forma de excluir a enunciação linguística daquele sujeito falante. Marcos Bagno, por exemplo, busca resolver a questão da

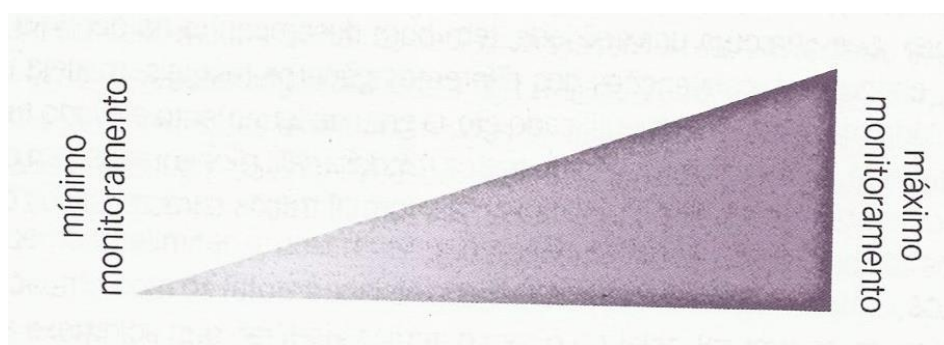
---

<sup>11</sup> Trataremos melhor dessa questão em nossa análise, evitando a repetição desnecessária.

adequação com a noção de *monitoramento estilístico* (BAGNO, 2007). Tal aporte refere-se à variação individual, aos movimentos de mudança subjetivos, relativos a cada sujeito em si, e se configura numa construção de escala, de forma que o discurso pode estar mais ou menos monitorado para a situação em que o sujeito se encontra, a depender de fatores como o psicológico, os interlocutores, a autoconfiança, etc. Devido a sua configuração escalar, não haveria, para essa concepção, apenas dois polos que buscassem incluir ou excluir (certo/ adequado, errado/ inadequado), mas avaliar em que ponto da escala poderia encontrar-se o texto (escrito ou falado) em questão.

A noção de *monitoramento estilístico*, por sua vez, não dá conta das questões expostas no LD em análise, já que a palavra evoca um sujeito que tem domínio sobre a língua padrão e faz uso, assim, de escolhas pessoais, subjetivas. E, nesse sentido, as relações entre termos como “erro” e “adequação” estão longe de serem resolvidas.

Vejamos o gráfico apresentado pelo autor.



(BAGNO, 2007, p. 45)

O gráfico construído daria conta do fato de que há situações que requerem um maior monitoramento do que outras, sendo assim, possível a um sujeito elaborar sua fala consoante a situacionalidade.

Ainda assim, bem elaborado o gráfico, acreditamos não ser possível a um sujeito um monitoramento completo, pois não é dado a um sujeito qualquer um controle extremo da língua, tampouco um conhecimento supremo da língua.

Fica, de certo modo, difícil, por esse caminho, supor, como defende o autor (BAGNO, 2007, p. 45), que “[...] todo e qualquer indivíduo varia a sua maneira de falar, monitora mais ou menos seu comportamento verbal, independentemente de seu grau de instrução, classe social, faixa etária etc.”. Difícil porque pessoas de classe social, na linha da pobreza, por exemplo, e sem escolaridade alguma, não teriam, provavelmente

como “adequar” sua fala para as situações as quais é exposto. Também consideramos que, até mesmo, um sujeito letrado, imerso na norma padrão, não controle as estruturas que sai de sua boca o tempo todo. Ou seja, quem faz uso diariamente de concordância entre sujeito e verbo em frases não escorrega, propositadamente, para adequar-se a um interlocutor não letrado na concordância verbal, por exemplo. De mesma forma ocorre o oposto, ou seja, uma pessoa que não sistematizou a concordância entre sujeito e verbo, como estabelecido pela GN, não fará a adequação para lidar com um sujeito letrado.

Essa concepção de adequação proposta por Bagno parece estar presente no LD – que estamos analisando –, todavia, sua junção com estruturas que fogem à regra gramatical não é clara o suficiente. E, provavelmente seja um dos pontos que deixou a população à deriva, no imaginário de que o LD estava assumindo ser certo ensinar português errado.

Há um atropelo na recepção do LD. Uma clara má interpretação sobre pensar a variação e ensinar as formas variáveis que se distanciam da norma gramatical. Por outro lado, a delicadeza e a dificuldade constitutiva da questão pode ter comprometido o tratamento dado pelos autores do LD, causando, assim, tamanha celeuma.

É necessário, pois, pensar um pouco sobre a concepção de aula de língua portuguesa. Faremos isto partindo dos estudos desenvolvidos por Irandé Antunes (2003, 2007). Do mesmo modo, analisar as concepções de norma e as influências de seus adjetivos (culto, padrão, popular, etc.), para que se anteveja a dificuldade que há no trato com a variação em sala de aula. Pensar em sala de aula é completamente diferente em descrever as possibilidades de realização de estruturas linguísticas. A posição do linguista é diferente da posição do professor, do leigo e de produtores de manuais didáticos. Cada qual obedecendo a cavaleiros de diferentes domínios, incluindo aí os ditames dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais).

Como já o dissemos, o termo “adequabilidade” nos parece confuso, por considerarmos que um sujeito, já inserido no funcionamento linguístico, com suas próprias escolhas lexicais, ordenações sintáticas, etc., não adéqua completamente seu registro a outros funcionamentos. A noção de adequabilidade parece agregar, também, a de preconceito linguístico ou preconceito social, pois ela nos faz lembrar dos estereótipos que criamos do homem analfabeto que se desculpa por sua “ignorância”, ou por não ter “estudo”, e não ter as palavras do “doutor”.

A descrição entre as denominações norma popular e norma culta, ganha novas significações nas mãos de Bagno (2009, p. 79-80). Ele propõe os termos estigmatizada e de prestígio. Essa nomenclatura por ele proposta advém da ideia de que os juízos de valor atribuídos pelos sujeitos da língua não advém do sistema linguístico, mas das posições sociais assumidas por cada um (daí o fato de um preconceito contra uma variante não ser tomada por linguístico, mas por social). Mas o próprio autor esclarece fazer uso constante do termo “norma-padrão”, por crer que seja uma noção fora da realidade concreta da língua, por nomear uma estrutura linguística ideal, cuja “forma” não corresponderia ao “padrão” de fato usado no cotidiano.

É particularmente interessante observarmos como as descrições e categorias considerados por Bagno e alguns pontos elencados por nós aparecem de modo manifesto na fala dos internautas. Elaboramos uma tabela, partindo das próprias noções utilizadas por eles, quais sejam, norma-padrão e norma não-padrão, e certas categorias e expressões ligadas a essas noções.

<b>Norma-padrão</b>	<b>Norma não-padrão</b>
norma culta	norma popular, dialetos
rico	Pobre
forma correta	falar errado falta de estudo falar do jeito que quiser, sem ordem; um verdadeiro vale-tudo linguístico; pode se expressar como quiser
empreendedor	Empregado
linguagem bem sofisticada	linguagem chinfrim
escola particular	escola pública

Vemos, a partir do quadro exposto, que as discussões remontam a fatores tanto linguísticos (e.g. “falar do jeito que quiser, sem ordem”), quanto econômicos e sociais (e.g. “rico/pobre”; “empreendedor/empregado”). Mencionamos que as “expressões” à esquerda na tabela não correspondem necessário e completamente de modo antagônico

às expressões da direita. Contudo, alinhamo-las, buscando encontrar nelas ideias contrárias.

É necessário, como vemos em artigo publicado por Bagno (2009), que cada um tome seu posicionamento de acordo com seus parâmetros. O referido autor esclarece que fará uso do termo “norma-padrão” por crer que seja algo acima do uso, fora da realidade concreta da língua, por ser ideal e imposta, além de caracterizar-se como um modelo a ser seguido, um verdadeiro padrão, não correspondente também ao padrão de fato usado no cotidiano.

Inicialmente devemos considerar que, segundo Bagno (2009), o que se chama de norma-padrão, na verdade, corresponde ao elemento idealizado da língua, aquela produção que estaria em um plano acima do que seria esperado pelo falante, já que ele mesmo coloca-a como um plano fora da língua, fora da realidade de produção dos sujeitos. Vejamos a figura por ele mostrada:



(BAGNO, 2009, p. 80)

É perceptível, na concepção de Bagno, que a norma-padrão estaria fora da língua, posto ser um ideal de língua inatingível e as produções dos falantes seriam consideradas variantes: sejam de prestígio ou de estigma. E que, é o que aparenta, os sujeitos idealizam-se utilizando aquilo que está mesmo fora da língua, aquele padrão

estabelecido por órgãos (a ABL, por exemplo) e que “não representa um uso efetivo e real” (BAGNO, 2009, pág. 80).

O que se chama de norma culta ou de prestígio é, na verdade, o uso real que se faz da língua por pessoas com maior grau de escolaridade. O contrário, norma estigmatizada/ popular, corresponde ao uso da língua por pessoas de menor grau de escolaridade e que se distancia ainda mais do uso de prestígio. O uso de “culto” e “popular” foram criticados por Bagno (2007), pois fazem alusão à ideia de um grupo “culturado” e o seu contrário, a de um povo, de uma massa “aculturada”. Esse *locus* social acaba por petrificar as concepções de norma padrão e norma não-padrão e seu uso.

As expressões “norma padrão” e “norma não-padrão” vão estranhando a si próprias. Essencialmente porque a junção da palavra “norma” com a palavra “não-padrão” parece completamente antagônica. E, com Bagno, aprendemos que a própria noção de “padrão” já não se aplica mais quando se fala na língua em uso, seja na escrita ou na fala.

### 3 A FALA DOS GRAMÁTICOS: UMA PEQUENA MOSTRAGEM

Há  
Uma grande diferença  
Se fala um deus ou um herói;  
Se um velho amadurecido  
Ou um jovem impetuoso na flor da idade;  
Se uma matrona autoritária  
Ou uma ama dedicada;  
Se um mercador errante  
Ou um lavrador  
De pequeno campo fértil [...]¹²

A epígrafe acima é citada em referência direta ao capítulo “O universo da linguagem”, da gramática escolar de Mauro Ferreira (2007). No poema, percebemos que o poeta Horácio preocupa-se em perceber, de forma simples, literária, que há mudança

---

¹² Horácio. **Arte poética**. In. FERREIRA, M. *Aprender e praticar gramática*. Ed. Renovada, São Paulo: FTD, 2007.

ou “diferença” entre os usos da linguagem entre pessoas de classes, idades ou comportamentos diferentes. Esta citação serve de abertura ao seu 4º capítulo, antecedendo o estudo da morfologia e, posteriormente, ao estudo da fonologia, da ortografia e da acentuação (algo similar ou bastante próximo do que vemos no capítulo do LD distribuído pelo MEC).

Seu capítulo divide-se em duas grandes seções: “Variações linguísticas”, na qual apresenta as três estratificações mais conhecidas da variação – a sociocultural, a geográfica e a histórica –, e “O ‘certo’ e o ‘errado’ no idioma”, na qual o autor aborda as questões relativas à língua culta, língua coloquial, gramaticalidade, (in)adequação e (in)formalidade. Recheado com textos (anúncios, textos drummondianos, tirinhas), Ferreira traz a concepção de variação como mudança ocorrida na estrutura (regra) interna de um idioma. O objetivo que parece conduzi-lo a apresentar o conteúdo em discussão é reduzir ou anular o preconceito linguístico e mostrar possibilidades de melhor se comunicar em situações de uso da língua (e isso parece ser um objetivo tão geral que se estenderia a qualquer outra gramática de nossa língua).

O que vemos com isso é que a gramática aproxima-se do que é proposto, por exemplo, por Bagno (2002, 2003, 2007, 2009, 2011). A análise dos elementos variacionais deve também servir para um estudo mais próximo da realidade de uso linguístico do alunado. Contudo, percebemos de imediato que, assim como no LD “Por uma vida melhor”, Ferreira restringe-se a um estudo que, mesmo considerando produções textuais contemporâneas, não traz variações de uso mais comuns tais quais: regência de verbos como assistir e lembrar, verbo haver expressando tempo e advérbio “atrás”, etc. (Bagno, 2011)<sup>13</sup>.

Extraímos um excerto da gramática de Ferreira em que ele “avalia” a variação linguística como “variação sociocultural”:

---

<sup>13</sup> Ainda assim, o autor faz, na página 82, um pequeno quadro da dualidade Língua coloquial e Língua culta em que mostra algumas diferenças de uso cotidiano entre as duas modalidades: uso de nós/a gente, flexão verbal, concordância, pronúncia descuidada, etc. O que queremos apontar em nosso discurso é que tais elementos ainda não são suficientes para um trato devido das questões de variação.





## A variação sociocultural

A variação sociocultural pode ser constatada com certa facilidade. Suponha, por exemplo, que alguém diga a seguinte frase:

- “Tá na cara que eles não teve peito de encará os ladrão.” **[Frase 1]**

Que tipo de pessoa comumente fala dessa maneira? Vamos caracterizá-la, por exemplo, pela profissão: um advogado? um trabalhador braçal da construção civil? um médico? um garimpeiro? um repórter de televisão?

E quem usaria a frase a seguir?

- “Obviamente faltou-lhes coragem para enfrentar os ladrões.” **[Frase 2]**

Sem dúvida, associamos à frase 1 os falantes de grupos sociais economicamente mais pobres. Pessoas que, muitas vezes, não frequentaram a escola, ou, quando muito, fizeram-no em condições não adequadas.

Já a frase 2 é mais comum aos falantes que tiveram possibilidades socioeconômicas melhores e puderam, por isso, ter um contato mais duradouro com a escola, com a leitura, com pessoas de um nível cultural mais elevado e, dessa forma, “aperfeiçoaram” seu modo de utilização da língua.

A comparação entre as duas frases permite concluir, portanto, que as condições sociais influem no modo de falar dos indivíduos, gerando, assim, certas variações na maneira de usar uma mesma língua. A elas damos o nome de **variações socioculturais**.

É importante ficar claro, no entanto, que a diferenciação acima é bastante simplificada. Como você verá mais à frente, existem inúmeros outros fatores que influem na maneira como o falante escolhe as palavras e constrói as frases.

(FERREIRA, 2007, pág. 78)

Fica evidente, portanto, que sua concepção coaduna-se com a de autores como Bagno (2002, 2003, 2007, 2009, 2011), Bortoloni-Ricardo (2011), Calvet (2002), Perini (2010) e Faraco (2008), por exemplo. Ou seja, mesmo com uma perspectiva ainda não “ideal” de análise de casos de variação, há um avanço se olharmos pelo viés de que há consenso entre gramáticos e linguistas quanto à relação entre “certos modos” de variação linguística e diferença sociocultural.

Para finalizar a primeira seção de seu capítulo, Ferreira (2007) sugere alguns exercícios que, de imediato, aparentam-se diferentes dos propostos pelo LD do MEC. Vejamos, por exemplo, um exercício sugerido por ele.

## EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 Para criar o texto “Antigamente”, Drummond usou, propositadamente, uma linguagem desatualizada, com palavras consideradas “ultrapassadas”. Apesar disso, é bem provável que você saiba o significado de algumas das expressões do texto e consiga “traduzi-las” para uma linguagem mais atual. Outras, talvez você só consiga modernizar com a ajuda de pessoas mais velhas (seus pais, tios, avós). É bem possível que eles tenham usado essa linguagem quando eram mais novos.

a) Releia o texto e procure “atualizar” as expressões a seguir. Utilize palavras e frases de sua linguagem do dia a dia; valem até mesmo as gírias.

- faziam-lhes pé de alferes faziam galanteios, insinuavam às moças que eles eram interessantes, bons partidos
- arrastando a asa tentando conquistar as jovens; paquerando-as
- ficavam debaixo do balaio eram ignorados, desprezados, ficavam “no gelo”
- levavam tábua eram recusados (pelas mulheres)
- ensinar o padre-nosso ao vigário ter a pretensão de ensinar a alguém algo que essa pessoa já sabe muito bem
- as meninas eram umas teteias eram bonitas, atraentes, graciosas

78

(FERREIRA, 2007, pág. 78)

A primeira atividade, a que mais se aproximaria de uma das questões propostas pelo LD, singulariza-se por tentar fazer o aluno observar que as expressões marcadas por sua historicidade no texto drummondiano não se perderam, nem precisam de tradução, mas que possuem variantes ou estruturas cujos sentidos seriam correspondentes. Na segunda seção, o gramático discute a ideia de “certo” e “errado”. Para ele, e aí reside mais uma confluência entre linguístas e gramáticos, o modo considerado “certo”, para os falantes, advém do lugar social que o indivíduo ocupa. Ou seja, de acordo com a posição econômica e cultural, a fala do indivíduo tende a ser considerada a “correta”. Mas, sua própria defesa de tal concepção é a de que “[...] não existe uma forma melhor (‘mais certa’) ou pior (‘mais errada’) de falar. Trata-se apenas de uma diferenciação que se estabelece com base em critérios sociais e em situações de uso efetivo da língua.” (FERREIRA, 2007).

Com essa concepção, o autor, aponta a diferença entre o que é aceito linguisticamente e o que é aceito gramaticalmente, uma vez que aquele parte do pressuposto de uso real da língua e este de idealização e normatização desse uso. Aproveitando o “gancho” deixado nessa acepção, acrescentamos sua visão de normas padrão e coloquial, em que a primeira refere-se à expressão regida pelas normas gramaticais e a segunda corresponde a uma forma mais “espontânea”, menos formal de uso da língua. Isso devido aos “deslizes gramaticais” frequentes que o falante comete.

Veremos que esse olhar sobre a língua casa-se com o que traremos em capítulo mais adiante de (im)possível linguístico e gramatical (MILNER, 2000).

Por fim, Ferreira observa os quesitos de adequação e formalidade, sobre os quais afirma haver uma escolha do interlocutor quanto ao grau de formalidade que será utilizado para “adequar” seu discurso ao interlocutor, ou ao ambiente, ou ao assunto ou, ainda, à relação falante-ouvinte.

A gramática de Ferreira mostra avanços significativos no trato com a variação, mesmo que ainda timidamente. Comparando o tratamento dado por ele com o de muitos gramáticos, podemos observar como a questão de “variação linguística” ainda é marcada por certos preconceitos por parte de gramáticos. Tomamos como exemplo o discurso de Antonio Sacconi (2008). Em sua “Novíssima gramática ilustrada”, o autor é indelicado e ridiculariza as possibilidades da língua que, por vezes, apresentam-se na informalidade. Sacconi (2008) declara:

Para alguns linguistas e educadores, porém, o que vale mesmo é a fala popular, a verdadeira língua. Ninguém põe em dúvida sua importância. Mas a norma culta é a única que nos une como nação, é a única que une os diversos registros de fala, é a única que nos garante atuar como bloco monolítico em defesa da nossa cultura, da nossa soberania e de outros interesses maiores do país. Em uma geração de educadores que faz a apologia do “menas”, da “mortandela”, do “mendingo”, da “questã”, do “fazem dois anos”, do “houveram mortos”, no entanto, fica difícil ter alguma esperança.

[...]

Certos professores se empenham em ensinar as teorias de Barthes, Lacan e Chomsky, e nossos alunos não conseguem distinguir uma preposição de uma conjunção nem muito menos um sujeito de um predicado. Muitos deles têm o desplante de afirmar aos quatro cantos do mundo que falar e escrever de acordo com a gramática normativa é uma aspiração reacionária, própria de gente conservadora, o que, já de per si, define-os como enganadores, pseudoprofessores.

Percebemos, em meio a essa explosão sentimental sobre o ensino de gramática, que a discussão fere teóricos e teorias. Sacconi não só demonstra rejeição no estudo do uso das formas rejeitadas pela gramática, como também se posiciona de forma a ridicularizar as possibilidades da língua (mesmo as estruturas mais comuns ao cotidiano

de um grupo que poderia servir de modelo para a estruturação de um novo padrão do nosso português). Visualizemos algumas considerações bem pontuais do autor:

**Quer dizer que *item* não tem acento porque é paroxítona de final *em*, e *itens*, o plural, não tem acento porque é paroxítona de final *ens*?**

Exatamente. Muitos acentuam “ítem” e “ítens”. Por quê? Porque não conhecem a regra. Se conhecessem, não acentuariam essas palavras, assim como ninguém acentua *jovem* nem *jovens*, *nuvem* nem *nuvens*, que são igualmente paroxítonas de final *em* ou *ens*.

[...]

**Por que ninguém usa *anfitrioa* como feminino de *anfitrião*?**

Porque o povo gostou mais da forma *anfitriã*, mas a melhor, sem dúvida, é *anfitrioa*, que muitos não usam, por rimar com *leoa*, *leitoa*, etc.

(Sacconi, 2008, pág. 42, 142)<sup>14</sup>.

O nacionalismo apregoado pelo professor Sacconi não parece traduzir a realidade da língua e de seu ensino. O sentimento de patriotismo quando do uso da norma culta entra em conflito com a realidade de uma nação que, como veremos em alguns dos comentários dos youtubers, não reconhece independência nacional quando se ensina em sala de aula regras ainda de um país colônia linguística de outro. Vemos em sala não o ensino de idealizações acadêmicas, como ele aponta, mas a fuga de uma busca pelo compreender, o que de fato está acontecendo na língua.

Ensinar ao aluno que se escreve ou se fala de determinada forma e não de outra, entrando em conflito com seu próprio uso, seria uma forma de calar a expressividade da própria nação e retirar-lhe o que há de mais singular. Seria, assim, uma sobreposição da norma pela manifestação cultural. Seria, sim, uma ditadura linguística.

Este capítulo, portanto, nos deixa claro que, mesmo na falsa dualidade linguistas x gramáticos, há muito mais discussão do que possamos trazer a este estudo. Queremos deixar visível nesta seção qual a posição dos gramáticos a respeito da construção teórica que embasa toda a querela em torno do LD. Contudo, acabamos mostrando, além disso, que é possível, sim, construir uma proposta de estudo em sala de aula das formas

---

<sup>14</sup> Negritos e cores do autor.

variantes, com exercícios bem definidos e com clareza entre qual a realidade linguística e qual a idealização proposta.

#### 4 PCN – “NACIONALIZANDO” O ENSINO

**“A educação já virou terra de ninguém”**

(Comentário de um internauta no Youtube)

A defesa de se trabalhar com a variedade linguística (em todas as possibilidades) encontra-se arregimentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Com o intuito de orientar os percursos que devem ser seguidos em sala de aula por professores das diversas disciplinas dos ensinos fundamental e médio, foram elaborados os PCN. Nesse documento, é possível encontrar orientação, por exemplo, de como lidar com a diversidade de gêneros em uma aula de língua portuguesa, como também as justificativas para que esse tipo de trabalho seja efetivado. Nele também se encontram propostas de como as secretarias estaduais e municipais devem portar-se para organizar a grade curricular das escolas. O intuito é um desenvolvimento plano e unificado com base em uma educação sólida e pautada na construção de valores e comportamentos.

Diante dessa “nova” abordagem (já difundida há mais de 10 anos), o ensino de língua portuguesa preconiza a perspectiva interacionista, cujo foco deva ser nas interações entre os sujeitos, nas produções linguísticas com fins, formas e funções relacionadas a contextos sociais reais (BRASIL, 1996). Portanto, a percepção é a de que a gramática por si só não se sustenta, sendo necessária sua contextualização, sua inserção em um uso real para que, por meio de reflexões progressivas, chegue-se a ela.

As atuais aulas de língua portuguesa, regidas pelos PCN (BRASIL, 1996, p. 06), devem atender a uma demanda de interação e de constante provocação à reflexão. Sob essa perspectiva, os PCN concebem a linguagem como “[...] ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos

momentos de sua história.”. Além disso, defendem que “o modo de ensinar [...] corresponde a uma prática que parte da reflexão produzida pelos alunos mediante a utilização de uma terminologia simples e se aproxima, progressivamente, pela mediação do professor, do conhecimento gramatical produzido”. Dessa forma, fica claro que, para os parâmetros, devem-se ter claras as finalidades na interlocução e os lugares (social, histórico) de onde advém o texto, assim como a progressão no ato reflexivo dos alunos.

Esse mesmo guia didático preconiza ainda que “quando se fala em ‘Língua Portuguesa’ está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades.” (BRASIL, 1996, pág. 29). Ou seja, admite claramente que o trabalho em sala de aula deve ser orientado para a compreensão da variação como sendo inerente ao sistema linguístico. Consoante os PCN, as diferenças linguísticas decorrem de fatores sociais, sendo tais fatores as razões para uma série de preconceitos.

Essas diferenças sociais, por sua vez, coadunam-se à aceção de que na língua os cotextos, as situações sociais de interação, determinam a linguagem a ser usada. É a isto que, de uma forma ou de outra, corresponderia a noção de *adequação linguística* (KOCH E TRAVAGLIA, 1990). Os PCN consideram que, ao produzir um texto, o produtor não faz uso de estruturas certas ou erradas. Na verdade, as escolhas linguísticas (lexicais, sintáticas, semânticas) devem ser adequadas às circunstâncias, o que conferirá a esse texto a classificação de (in)adequado linguisticamente.

Essa concepção parece ter se difundido de forma a ressignificar os usos feitos em sala. Podemos ver isso nos discursos de alguns internautas que, mesmo sem uma propriedade (ou com uma “pseudopropriedade”), teorizam, apreendem e refletem sobre essa concepção. Isso nos indica que esse discurso já está disseminado e já atinge gerações de jovens adultos e adolescentes.

Considerar, enfim, que a língua depende das situações reais de contexto para que haja produções linguisticamente aceitas por seus sujeitos em interação faz parte do projeto de conceber a língua como uma entidade mutável, não só no contexto histórico, mas também no contexto de suas interações com os demais elementos que constituem a produção textual: os sujeitos participantes da interlocução, as situações de produção, os recursos a que se tem possibilidade de uso para a comunicação etc. Essa perspectiva aponta para a sala de aula o caminho de um ensino que não se prenda a nomenclaturas e

classificações, mas esclareça ao aluno que a língua é um objeto, também, de pesquisa e reflexão.

A Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos (PCEJA) – segundo segmento do ensino fundamental (5º a 8º série) – , publicada em 2002, no que tange ao ensino de língua portuguesa, ressalta:

[...] o curso de Língua Portuguesa para alunos da EJA deve, em primeiro lugar, servir para reduzir a distância entre estudante e palavra, procurando anular experiências traumáticas com os processos de aprendizagem da leitura e da produção de textos. Deve ajudá-los a incorporar uma visão diferente da palavra para continuarem motivados a compreender o discurso do outro, interpretar pontos de vista, assimilar e criticar as coisas do mundo. Deve, também, fortalecer a voz dos muitos jovens e adultos que retornam à escola para que possam romper os silenciamentos impostos pelos perversos processos de exclusão do próprio sistema escolar, capacitando-os a produzirem respostas aos textos que escutam e leem, pronunciando-se oralmente ou por escrito. (BRASIL, 2002, p. 12).

O trecho acima transcrito nos mostra não só os objetivos a serem alcançados com as aulas de Língua Portuguesa, mas também parte da realidade vivida pelos jovens/adultos que voltam à escola em busca da finalização de seus estudos. A falta de um grau maior de escolaridade, na maioria dos casos, distancia o aluno da realidade em que ele vive. Diferentemente de uma criança que ainda está em processo de imersão no estudo e na compreensão do funcionamento da língua e de suas várias facetas, o jovem/adulto que retorna à escola depara-se (e, por vezes, quer deparar-se) com o ensino de uma norma gramatical que venha a corrigir e a introduzi-lo no universo de “prestígio” ao qual o domínio da norma tradicional daria acesso.

Dentro do plano de propostas de ensino para esse 2º ciclo, está primeiramente o estudo da variação linguística, dentro do tópico “Linguagem oral – escuta e produção de textos”. Esse plano não é de surpreender, dada a justificativa apontada anteriormente sobre a exclusão sofrida pelos alunos “pródigos”. Por coincidência, ou por seguir os mesmos passos do documento, o LD inicia com o mesmo tópico, rememorando “Falar é diferente de escrever” (para acrescentar, devemos considerar que o segundo tópico do documento da EJA é “Linguagem escrita – leitura e produção de textos”). Diante desse ponto, o da variação, o documento assegura:

Falar sem se intimidar diante de qualquer interlocutor, expor com clareza e fluência temas para além da esfera cotidiana, avaliar o que o outro fala para não se deixar enganar ou para reformular posições, respeitar orientações ideológicas diferentes traduzem capacidades essenciais ao exercício da cidadania numa cultura tão fortemente oral como a brasileira. (BRASIL, 2002, p. 13).

Assim, nos cursos da EJA, o trabalho com a análise linguística deve ser, antes de tudo, significativo para os alunos. O conjunto de assuntos selecionados tem de estar inserido em um contexto; deve ser amplamente discutido, para ficar evidenciada sua significação; tem de estar indissociavelmente ligado às práticas de linguagem: à escuta, à leitura e à produção de textos; deve refletir os constantes avanços dos estudos linguísticos e estar sujeito a um processo contínuo de revisão e de crítica.

[...] A prática da análise linguística deve estar vinculada ao estudo da língua em sua modalidade oral ou escrita. Deve refletir sobre a língua e seus usos efetivos para, de fato, ajudar o aluno a aumentar seus recursos expressivos. Somente assim a análise linguística será uma ferramenta para que o aluno aprimore a compreensão e produção dos textos orais ou escritos e para que faça uma reflexão sobre os fatos da língua e sobre as implicações sociais inerentes aos seus usos. (BRASIL, 2002, p. 17, 18)

Essas passagens dos PCEJA nos permitem compreender que o estudo da gramática em um texto passa a dar lugar à análise linguística, e o ensino da língua deverá ter uma relação direta com situações reais de contexto em que os sujeitos estejam inseridos no processo ativo de interação, como também visto em Antunes (2003, 2007).

Para finalizar, devemos apontar que tais materiais (o PCEJA e o LD) preconizam que a língua depende das situações reais de contexto para que haja produções linguisticamente aceitas por seus sujeitos em interação. Também faz parte do PCEJA conceber a língua como uma entidade mutável, não só no contexto histórico, mas também no contexto de suas interações com os demais elementos que constituem a produção textual: os sujeitos participantes da interlocução, as situações de produção, os recursos a que se tem possibilidade de uso para a comunicação etc. Essa perspectiva aponta para a sala de aula o caminho de um ensino que não se prenda a nomenclaturas e classificações, mas que esclareça ao aluno que a língua é um objeto, também, de pesquisa e reflexão.



Se compararmos essa perspectiva do PCEJA com a do LD em análise, veremos que há certa incoerência nos exemplos explorados pelo LD. Observamos que o LD em análise apresenta 4 capítulos de Língua Portuguesa – em que o primeiro dedica-se ao estudo da pontuação, dos pronomes, da concordância, da separação silábica e da acentuação – e, surpreendentemente, no momento em que exigem um trabalho escrito ao alunos, os autores propõem uma atividade com frases descontextualizadas, ou seja, independente de qualquer situação de interação. Poderíamos considerar frases “criadas” para uso exclusivo de exercícios meramente escolar.

No capítulo “Escrever é diferente de falar”, poderia ter sido mais “adequado”, por exemplo, que os autores fizessem uso de textos “gravados”, extraídos de situações reais de uso, em que aparecessem variações de “toda sorte”. Entendemos que essa não seja uma tarefa fácil, pois a produção de um LD segue, financeiramente, uma ordem temporal para concretizar prazos de entrega às editoras, obedecer a prazos estabelecidos pelo MEC, etc. Assim, fica mais fácil, e.g. fazer uso, em certas situações, de textos acessíveis para agenciar a tarefa em que alunos exercitam a norma-padrão através de um texto que apresentaria estruturas não-padrões. O LD assim o fez, mencionando um texto do poeta Juó Bananére; vejamos a tarefa proposta.

### Migna terra

*Migna terra tê parmeras,  
Che ganta inzima o sabiá,  
As aves che stó aqui,  
Tambê tuttos sabi gorgeá.*

*A abobora celestia tambê,  
Che tê lá na mia terra,  
Tê moltos milliô di strella  
Che non tê na Ingraterra.*

*Os rios lá sô maise grandi  
Dus rio di tuttas naçó;  
I os matto si perdi di vista,  
Nu meio da imensidó.*

*Na migna terra tê parmeras  
Dove ganta a galligna dangolla;  
Na migna terra tê o Vaprèlli,  
Chi só anda di gartolla.*

BANANÉRE, Juó. *La divina increnca*.  
São Paulo: Ed. 34, 2001. p. 8.

Abaixo, vemos a atividade proposta pelo LD sobre o texto poético supracitado.

#### Atividade

#### Aplicar conhecimentos

1. Traduzir a variedade popular para a variedade culta comprometeria parte do sentido do poema, afinal, em certos textos, nem sempre importa o que se diz, mas o modo como se diz.
  - a) Escreva o poema em seu caderno, trocando as ocorrências típicas da variedade popular pelas formas que seriam usadas na norma culta.
  - b) Verifique as mudanças que você fez e os efeitos que elas provocaram. Escreva quais foram esses efeitos.

O exercício descaracteriza todo o trabalho executável pelo próprio autor e não se prestaria à tarefa exigida. Ora, Juó Bananère é, para quem conhece, nome literário do escritor Alexandre Marcondes Machado. Suas obras literárias apresentam uma característica comum: recria poemas fazendo uso de um *patois* falado por uma colônia italiana da cidade de São Paulo, que viveu no século XX. O discurso linguístico sobre os *patois* é completamente preconceituoso, embora se compreenda que é um falar específico de um grupo de falantes. O exercício acaba obliterando uma das principais

características dos *patois* que é a influência de uma língua sobre outra e não simplesmente o fato de ter identidade de uma variedade popular da língua.

O enunciado 1 da atividade, por si só, seria impedimento para a execução da atividade. Há, nessa atividade, um propósito, pelo menos para a natureza do objetivo do que se está ensinando na Unidade do LD, que desrespeita a feitura poética e linguageira do texto.

De todo modo, ressaltamos a importância e a “coragem” dos autores em tratarem a questão da variação de forma tão aberta e direta. Não é fácil levar para a sala de aula questões tão delicadas. Coube à mídia, especificamente, dar um “des-valor” à proposta de trabalho e colocar a questão em horário nobre, nos ouvidos dos telespectadores, teleguiando-os – e de má fé, acreditamos. Esse nobre horário acordou toda uma população, mas, essencialmente, os estudiosos da linguagem.

### **III - O SIMBÓLICO EFICIENTE DA LÍNGUA, E DOS DADOS**

## 1 REMADAS SOCIAIS

Neste capítulo, falaremos sobre teorias linguísticas que se referem diretamente às questões postas pelo LD, fundamentando-as. Nas referências bibliográficas do LD, encontramos, referendados, os livros “A língua de Eulália”<sup>15</sup>, do professor e linguista Marcos Bagno, e “Da fala para a escrita”, do professor e linguista Luiz Marcuschi. Chama-nos a atenção tais livros porque, posto estarem nas “referências bibliográficas”, são indícios de leituras feitas pelos autores dos LD. Os demais livros encontrados nas referências voltam-se para outros aspectos do estudo proposto pelo livro: análise de poemas, estudos de gêneros, metodologias de ensino, etc. Os dois livros supracitados, de certa forma, têm sob eles propostas teóricas advindas especialmente da Sociolinguística, o que nos leva à William Labov (2006, 2008).

Necessário se faz, assim, retomarmos os princípios basilares da teoria variacionista laboviana sobre os aspectos que motivam e direcionam as mudanças na língua.

A teoria laboviana tem seu marco em meados do século XX, época em que conflitos sociais americanos entre grupos que disputavam seu lugar social eram recorrentes (a exemplo dos conflitos étnicos, nos quais os negros eram subestimados por terem uma linguagem considerada de “má elaboração, baixo prestígio” em relação à linguagem dos brancos). Tal teoria decorre de uma abertura no campo dos estudos linguísticos: a linguística passa a interagir com outras áreas de estudo, a exemplo da sociologia, da psicologia e da filosofia. Da junção entre a linguística e a sociologia surge, em termo cunhado por Haver C. Currier, em 1953 (CALVET, 2002), a *Sociolinguística*, cuja visão não é a do funcionamento da língua em sua imanência, mas em seu uso, algo que seria conflitante, por exemplo, à linguística estruturalista.

Dentre os autores da época que se dedicavam a estudar as mudanças na língua, Labov foi quem deu ênfase ao fato de que a mudança na língua no decorrer do tempo era um movimento que tinha, na variação, sua explicação empírica. Não havia uma única forma de falar – o termo “falar” aqui se refere aos vários estratos linguísticos: fonético, sintático, semântico, etc. –, mas uma variedade de falares que respondiam por

---

<sup>15</sup> As referências assim encontram-se no LD: BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália*. São Paulo: Contexto, 2001., MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita*. São Paulo: Cortez, 2000.

fatores diversos dentre eles o linguístico e o social. Há, nesse sentido, uma nova perspectiva de estudos linguísticos, que, de uma forma ou de outra, retomava as investigações dos dialetologistas George Wenker e Jules Gilliéron<sup>16</sup>. Labov passa a estudar as perspectivas de mudanças e variação no eixo sincrônico.

Seus estudos apontam para a premissa de que a variação é parte de um processo social e de que as mudanças sociais ocorridas em qualquer que seja a sociedade, em seus diversos estratos (raça, sexo, idade, classe econômica, etc.), se “encaixariam” no funcionamento da língua, modificando-a. Para Labov e seus companheiros de pesquisa, Uriel Weinreich e Marvin I. Herzog, antes de a mudança estar completamente inserida na língua, se realizaria o fenômeno da variação, de modo que seria possível ao falante certas escolhas lexicais e estruturas sintáticas, morfológicas e/ou fonéticas.

Nesse intercurso, surgem conceitos – entre outros não aprofundados aqui – como de variável linguística, comunidade linguística e segurança/ insegurança linguística. Essas noções são basilares para o constructo laboviano a respeito da estrutura e do funcionamento da língua, cujo motor principal era a realidade social.

Entende-se por variante linguística o lugar em que duas ou mais formas da língua se intercambiam. (cf. Weinreich, U.; Labov, W.; Herzog, M., 1968). No entendimento de Pagotto (2004, pág. 50),

Para a sociolinguística quantitativa o conceito de variável linguística é central porque, de um lado permite conceber o sistema linguístico como intrinsecamente heterogêneo, e de outro torna possível dar conta da íntima interseção entre o sistema linguístico propriamente e a estrutura social da comunidade que dele faz uso, permitindo, por fim, estudar os fenômenos de mudança linguística.

Podemos dizer que uma variável linguística se define pelas seguintes características:

- 1) é um elemento do sistema linguístico
  - 2) é controlado por uma única regra
  - 3) comporta pelo menos duas formas variantes
  - 4) suas formas variantes são passíveis de contagem
- [...]

Sob orientação da citação de Pagotto (2004), entendemos que a variável linguística traz sob si uma concepção de língua caracterizada pela heterogeneidade e, por esta forma de constitutividade interna, há a possibilidade de variação e mudança que são realizadas socialmente.

---

<sup>16</sup> Cf. ROBINS, R. H. *Pequena história da linguística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1988.

Mas, por outro lado, o termo heterogeneidade é muito amplo. Muitas vezes não se sabe o que a expressão “heterogeneidade” estenografa, afinal. Se, pensarmos, por exemplo, à maneira do linguista Ferdinand de Saussure – no caráter homogêneo da língua, no ponto em que o funcionamento é paradigmático e sintagmático, pode-se, no seio dessa homogeneidade, evidenciar que as estruturas “os homens são bonitos” e os “homens é bonito”, são intercambiáveis paradigmática e sintaticamente. O termo heterogeneidade estenografa outra coisa que não pode confundir-se com as leis do funcionamento linguístico pelas vias do cientificismo saussureano<sup>17</sup>. Ferdinand Saussure, também, não tinha preocupações com questões de normas padrão e não padrão; seu estudo estava acima dessas questões.

Seguindo Pagotto (2004), lê-se que as características das variáveis acima apresentadas, são, portanto, de um *possível* material (MILNER, 1995)<sup>18</sup>. Assim, mesmo que tenha mais de uma variante, seu funcionamento é relacional e não externo à língua.

Por último, devemos considerar como característica o fato de que muitas dessas variáveis não são passíveis de contagem. O possível material – do qual trataremos mais adiante – nos fazem perceber que as variações não são passíveis de normatização, embora todas sejam gramaticais, no sentido de que a gramática de uma língua não corresponde à gramática estabelecida pelos gramáticos.

Além desse princípio, devemos esclarecer o que Labov toma por “comunidade linguística”, outro elemento basilar de sua teoria. Consoante Pagotto (2004, p. 72),

[...] Labov (1972a) propõe um conceito de comunidade linguística em que não é a vinculação entre os falantes e a sua produção linguística que funciona como demarcadora de uma comunidade linguística, mas é a avaliação que os falantes fazem das formas linguísticas que criaria a unidade, o elemento aglutinador para que se possa circunscrever uma dada comunidade:

...a speech community cannot be conceived as a group of speakers who all use the same forms; it is best defined as a group who share the same norms in regard to language. In this sense, older and younger speakers belong to slightly different speech communities, with a fairly, distinct discontinuity for those speakers born in the mid 1920's. (Labov, 1972, a, p.158)<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> Cf. SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

<sup>18</sup> Pagotto não aprofunda essa discussão nem cita Milner, mas percebemos uma clara relação entre a compreensão dos fatos.

<sup>19</sup> ...uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes em que todos usam as mesmas formas, mas é melhor definida como um grupo que partilha as mesmas normas no que diz respeito à linguagem. Neste sentido, os falantes mais velhos e mais jovens pertencem a comunidades de

Nessa concepção, o indivíduo (no caso, o falante - noção muito próxima à de informante, advinda da teoria da comunicação) não é o dado empírico, ele é apenas um meio de se perceber como a comunidade linguística está fazendo uso de determinadas formas. Essa percepção é, particularmente, inquietante. Como conceber uma teoria cujo princípio é o de perceber as mudanças na língua a partir de elementos sociais que desconsidera o sujeito que lhe é fonte de dados? O problema não está em desconsiderá-lo, tão somente, mas de contradizer-se nos caminhos entre o princípio e a prática. Nas palavras de Milner (1995, p. 82):

[...] Como sucede corrientemente en las ciencias, la lingüística desatiende los casos en que la unidad de variación es el individuo (variaciones individuales) y considera sólo los casos en que la unidad de variación es un grupo. A partir del momento en que examina determinada repartición en vez de determinada otra, no todos los sujetos hablantes serán testigos de igual valor. [...] <sup>20</sup>

Podemos ver esse fato, ao lermos, por exemplo, o trecho abaixo do livro “Padrões sociolinguísticos” (LABOV, 2008), no qual se percebe a ênfase no que “causaria” a variação, não no sujeito que faz uso da forma variante (no máximo, considera-se o grupo social do qual ele faz parte).

A variação social e estilística da língua desempenha um papel importante na mudança linguística? Por “social” entendo aqueles traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea; e por “estilística”, as alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do ato de sua fala. Ambas estão incluídas no comportamento “expressivo” – o modo como o falante diz ao ouvinte algo sobre si mesmo e seu estado mental, além de dar informação representacional sobre o mundo. A variação social e estilística pressupõe a opção de dizer “a mesma coisa” de várias maneiras diferentes, seja do ponto de vista de um grupo social ou de um indivíduo.

---

fala um tanto diferentes, com relativa descontinuidade, distinta para aqueles falantes nascidos em meados da década de 1920. (Tradução nossa)

<sup>20</sup> Como sucede nas comumente ciências, a linguística não atende os casos em que a unidade de variação é o indivíduo (variações individuais) e considera somente os casos em que a unidade é um grupo. A partir do momento em que examina determinada repartição em vez de outra, nem todos os falantes serão testemunhas de igual valor. (Tradução nossa)



O último conceito que pretendemos esclarecer é o de segurança/insegurança linguística, cujo princípio (quanto à segurança) é o de que os sujeitos falantes não se sentem “questionados em seu modo de falar” quando consideram que a norma que estão utilizando é a padrão. Em contrapartida, ao utilizarem uma variante de pouco prestígio, “têm em mente outro modelo, mais prestigioso, mas que não praticam.” (CALVET, 2002). Esse conceito nos retoma as discussões anteriores sobre as noções de “certo/errado”, “adequado/inadequado”, “padrão/popular”, “muito/pouco monitorado” (que também podem variar de diversas formas: “prestígio/estigma”, “aceitável/inaceitável”, “regular/irregular”, etc. Essas nomenclaturas surgiram nas discussões de teóricos – a exemplo de BAGNO 2000, 2002, 2003, 2007, 2009, 2011 –, na tentativa de diminuir o grau de preconceito de que possam estar carregados os binômios, e, até mesmo, de discussões entre leigos que tentam pregar, atarraxar a sua fala, e a de outros, em um desses preceitos).

Esse princípio faz parte da concepção de Labov (2008) de que é necessário alcançar o reflexo de um dado falante quanto ao que sua comunidade está produzindo (tomando o falante como espelho de sua comunidade), com isso chegar-se-ia a uma produção espontânea, em que o monitoramento do sujeito é mínimo e sua fala aproximar-se-ia da de sua comunidade em sua forma mais natural. Todavia, como já apontamos acima, esse tipo de construção de dados se mostra falha, inicialmente, pela contradição entre apanhar dados de sujeitos que não são considerados para a análise sociolinguística, como também por ser arriscado perceber em que ponto de uma gravação, por exemplo, na qual a situação de produção é fictícia, o falante passou de um grau de maior monitoramento de produção de fala para um menor (este menor sendo considerado por Labov o “vernáculo”, visto que seria o momento mais espontâneo do modo de falar de um sujeito) e, a partir dessa insegura resposta, definir padrões para toda uma comunidade.

Apesar de Pagotto (2004) nos aclarar outros problemas na teoria, não se pode deixar de conceber a grandiosidade da teoria laboviana, especialmente no olhar diferenciado que ela passou a dar para os fatos linguísticos, como ao reconhecer a variação e seus efeitos na estrutura e funcionamento de uma língua.

Um espaço teórico que poderia aclarar o impasse da variação de uma maneira científica é conceber os conceitos construídos por Milner (1995), a saber “possível e

impossível de língua” e “possível e impossível material”. Essas noções, pelo menos cientificamente, explicitariam a possibilidade da variação linguística – norma padrão, norma não padrão.

## 2 DOS POSSÍVEIS DE LÍNGUA

Milner (1995), no título “Por una ciencia del lenguaje”, busca mostrar como a Linguística deveria se comportar para ser uma ciência empírica de fato.

[...] a Linguística deve possuir proposições de caráter empírico. Para garantir a reprodutibilidade das demonstrações, a língua é, então, concebida pela Linguística naquilo que ela comporta de repetições. Dizendo de outro modo, a Linguística trabalha no que a língua apresenta de repetível de um sujeito a outro, ou seja, naquilo que um conjunto razoavelmente grande de falantes atesta. (FELIPETO, 2008, p. 23).

Assim é que Milner (1995) concebe que não se pode negar que na língua há o Um, o não-todo, o não-dizível, aquilo que está passível à não repetição. Para que, contudo, se possa estabelecer um julgamento sobre esse fundamento, Milner (idem) traz a concepção de *juízo diferencial*. Este juízo funda-se “na oposição: *isto se diz/isto não se deve dizer*. Nas palavras de Felipeto, “[...] todo sujeito falante é suposto realizar esse julgamento sobre a língua [...] e que esse julgamento é, na sua essência, gramatical, revestido de outros termos, como correto/incorreto, aceitável/inaceitável, etc.” (FELIPETO, 2008, p. 23). Neste sentido, o diferencial irá robustecer o que Milner (1995, p. 69) chama de *sólido de referência*: “Dicho sólido consiste tan sólo en esto: un conjunto de sujetos hablantes que emiten un juicio diferenciado sobre datos de lengua igualmente acreditados.”

O sólido de referência representa, de certa forma, a posição assumida pelos youtubers mediante os fatos comentados. Diante de uma discussão que traz à tona o (problemático, diga-se de passagem) ensino de língua materna em nosso país, podemos verificar como se manifesta parcela da população, enquanto alvo dos objetivos das aulas, sobre a(s) gramática(s) que concebem como norma.

Quanto ao julgamento diferencial, por sua vez, podemos dizer que é composto por outros estatutos, quais sejam, os dos (im)possíveis. Para essa representação, há um possível e um impossível de língua/linguístico/gramatical, assim como há um possível e um impossível material. Vejamos como se define cada um dos elementos:

Possível Material	É o próprio dado empírico. Sua natureza é o do “realizado ou realizável” (FELIPETO, 2008), ou seja, daquilo que se diz ou se pode dizer. Assim, quando afirmamos que “O livro é grande” se diz, estamos afirmando também que outras sentenças deste mesmo tipo podem ser ditas. Dessa forma um enunciado estenografa o outro. No LD, por exemplo, enunciados como “os menino pega o peixe” estenografa outra série de enunciados de mesma natureza.
Impossível Material	É aquilo que só se obtém na abstração, na criação. É de rara ocorrência e é considerado possível linguisticamente. Assim, em um enunciado como: “Os plantares arboreavam florais térmicos”, depreendem-se sentidos para o possível linguístico (a sintaxe e a morfologia, por exemplo, configurariam como elementos da leitura a partir deste possível). Contudo, a realização desse tipo de produção restringe-se a ocasiões raras ou artificiais como esta.
Possível de Língua	Corresponde àquilo que a gramática dita como realizável na língua. Comumente, se vê a concomitância deste possível com o possível material (coincidência entre os possíveis).
Impossível de Língua	Em contraposição ao possível de língua, corresponde ao que a gramática dita como aquilo que não se deve manifestar, se materializar. Contudo, a (não rara) realização de tais estruturas configura-se como possível material. Isso completa e diferencia um <b>possível</b> de outro, visto que eles podem coincidir, mas não se assimilar. Para esclarecer, o possível material pode coincidir, como vimos, com o possível de língua. No entanto, ele pode ter realizações a mais que não

	coincidam com tal possível, e sim com o impossível de língua.
--	---

Se o julgamento diz respeito à avaliação que os sujeitos promovem a respeito dos dados de língua, pode-se dizer também que tal julgamento espalha-se sobre o possível de língua e o impossível linguístico, visto que é destes que se depreende a noção de que nem tudo é dito (o que corresponde à avaliação do sujeito ao reconhecer que “isto (não) se diz”), e por isso as avaliações dos sujeitos são constituídas pelas noções de “correto/incorrecto”, “adequado/inadequado”, “preferido/rejeitado”, “culto/popular” etc.

É relevante observarmos também que os possíveis possuem correspondências com “personagens” de nosso trabalho. Vamos a eles:

- o possível de língua, como já pudemos perceber, corresponde necessariamente ao que é dito pela norma padrão. Por ditar o que é (não-) dizível, coaduna-se com o livro de normas e também com o de descrição (chamada gramática descritiva). Nos ditos de Milner, temos o seguinte:

[...] De hecho, la así llamada gramática normativa no está menos ligada al uso que la gramática descriptiva; no obstante, sin prejuicio del estilo prescriptivo que se complace en adoptar y que en el fondo carece de importancia, tiene la particularidad de elegir, entre los usos posibles, uno entre todos, geralmente antiguo y literario [...]. (MILNER, 1995, p.70)<sup>21</sup>

E mais,

La así llamada gramática descriptiva no está menos ligada a un diferencial que la gramática normativa. Sólo que no llama necesariamente a su diferencial “correcto/incorrecto”; cuidadosa de las buenas maneras, empleará términos más neutros (acceptable/inacceptable; frecuente/raro; preferido/rechazado; etc.); a menudo también prefiere usar una escala de varios grados: en vez de oponer en forma absoluta dos grados (por ejemplo, correcto/incorrecto), razona en términos de más o menos. (MILNER, 1995, p.72)<sup>22</sup>

<sup>21</sup> [...] De fato, a chamada gramática normativa é menos ligada ao uso da gramática descritiva; no entanto, sem prejuízo do estilo prescriptivo que se tem o prazer de adotar e que no fundo carece de importância, tem a particularidade de eleger os usos possíveis, um entre todos, geralmente literário e antigo [...]. (Tradução nossa).

<sup>22</sup> A assim chamada gramática descritiva não está menos ligada a um diferencial do que a gramática normativa. Só não necessariamente chama seu diferencial "certo / errado"; cuidadosa das boas maneiras, usou termos mais neutros (aceitável / inaceitável; comum / incomum; preferido / rejeitada, etc.) Muitas vezes também preferem usar uma escala de vários graus: em vez de se opor absoluto como dois graus (por exemplo, certo / errado), o raciocínio em termos de mais ou menos. (Tradução nossa)

Milner (1985. P. 70) é claro ao enunciar que

El fundamento de la gramática consiste, pues, en el juicio que los sujetos hablantes de una lengua emiten sobre los datos de esta lengua. Si este juicio es tenido por imaginario, si se entiende que los datos de lengua son homogéneos entre sí por el hecho de estar comprobado, entonces la gramática no tiene nada que decir, ya que no dispone de ninguna fuente de información que le permita ir más allá del puro y simples registro de datos.<sup>23</sup>

Como exemplo principal, o autor cita as formulações francesas ‘*aller chez le coiffeur/aller chez au coiffeur*’, sendo o primeiro permitido de “se dizer” em contraposição ao segundo. Haveria aí uma descrição que permite considerar uma parte positiva, que constitui um conjunto de sujeitos que falam ou escrevem *aller chez le coiffeur*; por outro lado, uma parte negativa que assumiria um conjunto razoavelmente importante de sujeitos que falam e escrevem *aller chez au coiffeur*’.

Ora, comparando esse exemplo com aqueles vistos no LD, comprova-se que há um conjunto razoável de sujeitos que falam e escrevem enunciados que estenografam outros a partir da percepção do “isto se diz”. Além disso, há um juízo dos próprios sujeitos a respeito dessas ocorrências dizíveis ou não. Veremos que muitos deles avaliam a própria nomenclatura (ou, ao menos, faz uso dela): adequado/ inadequado, certo/ errado, padrão/ não padrão, etc. Nesse ínterim, aparecem as formações discursivas de cada um quanto ao trato que deve ser dado em sala de aula e em um livro didático, por exemplo.

A posição dos que defendem que a variação linguística seja apresentada ao aluno é aquela do possível material e possível linguístico; os contrários estariam na posição do possível material, mas impossível de língua. Reconhecem estes a existência do “falar” *errado*, mas discordam de sua presença na sala de aula, até mesmo como exemplo de que é um possível linguístico.

Não podemos esperar, quanto à nossa pesquisa, que não-acadêmicos, como a maioria dos youtubers, participantes dos comentários selecionados no próximo capítulo, tenham a mesma visão de funcionamento da língua que um linguista. O que parece que

---

<sup>23</sup> A fundamentação da gramática consiste, pois, nos juízos que os falantes de uma língua emitem sobre os dados dessa língua. Se este juízo é tido por imaginário, se se entende que os dados de linguagem são homogêneos entre si em virtude de ser comprovado, então a gramática não tem nada a dizer, já que não dispõe de nenhuma fonte de informação que a permita ir além do puro e simples registro de dados. (Tradução nossa)

sempre vai restar é a brecha entre o que os acadêmicos falam e o que os leigos compreendem. Não defendemos, evidentemente, que o trabalho com a norma-padrão em sala de aula não seja imprescindível, mas sim que seja revisto e categorizado de forma a atender novas necessidades e demandas de uso e de compreensão de seu funcionamento.

**IV - ANÁLISE DOS DADOS:  
O VIRTUAL FORA DA QUARENTENA**

Para iniciarmos a análise dos dados, vamos, antes, apresentá-los em imagem destacada da internet, utilizando a ferramenta do computador gerada através da tecla conhecida como *Print Screen*, ou seja, apresentaremos a cópia da própria página do youtube, na qual os dados se encontram. A opção para fazer tal cópia é dada nos teclados dos computadores. É possível, por exemplo, fazer *print screen* para salvar qualquer página da internet como forma de segurança na compra de produtos, em negociações, etc.

Quanto aos dados, foram enumerados para identificá-los quando a eles nos referimos na análise. Pelo fato de a página completa dos dados ser muito extensa e sua compilação quase nada legível, fizemos a cópia em forma de diversas páginas, mais precisamente 23, a fim de facilitar a leitura. Portanto, o que se segue não são simplesmente páginas de comentários do youtube, mas sim uma única com divisões necessárias.

Precisamos ressaltar que nossa enumeração não condiz com a exposta na primeira página de *print screen* por causa de comentários que foram removidos durante a discussão entre os internautas. Além disso, é possível que hoje já existam mais comentários, ou que outros tenham sido removidos da página após nossa coleta. Como não temos responsabilidade ou qualquer controle sobre isso, deixamos claro que acréscimos ou decréscimos à página são de responsabilidade de seu criador, quem seja, pauloalx – assim identificado com seu nickname.

A ordem em que os comentários aparecem nem sempre correspondem a uma época cronológica condizente com sua sequência. Isso porque se pode ter um comentário em uma época que é repostado a outro de outra época. Para facilitar a leitura dos partícipes, os comentários que são repostados ficam logo abaixo ao comentário motivador inicial. Assim, se X comenta em 25 de março e Y, em 25 de outubro, decide responder a X, o comentário de Y poderá aparecer à frente de muitos outros, já que ficará logo abaixo do de X.

Passemos agora aos comentários:



Pág. 01

Todos os comentários (68)

Responder a este vídeo...

Resumindo: "o rico cada vez fica mais rico, ( alunos de escolas particulares não terão acesso a esse livro bizarro)e o pobre, cada vez fica mais pobre. ( terá como base um livro onde ele aprenderá errado, não vai enriquecer sua gramática, e será mais uma vez marginalizado).

[susukinha26](#) 1 semana atrás

Comentário 1

Impor uma linguagem formal, arcaica é burrice, tá mais que na hora de flexibilizar esse português de portugal onde se escreve de uma forma e se fala de outra.(a+a=â se pronuncia\* a\*)(esse,este)(este tá perto; esse tá longe) (viaje, viagem) pra que serve esta besterada toda?

[jsantosp543](#) 4 semanas atrás

Comentário 2

O interessante é que a burra mestra, ao explicar-se usou uma linguagem bem sofisticada pra quem queria quebrar preceitos...ela devia ou nao ter usado uma linguagem chifrim?

[adrianodosveras](#) 2 meses atrás

Comentário 3

Pág. 02

O interessante é que a burra mestra, ao explicar-se usou uma linguagem bem sofisticada pra quem queria quebrar preceitos...ela devia ou nao ter usado uma linguagem chifrim?

[adrianodosveras](#) 2 meses atrás

A educação já virou terra de ninguém. Antigamente os professores ameaçavam colocar o aluno para fora da sala. Hoje em dia os alunos ameaçam colocar chumbo nos professores.

[MsStorz](#) 6 meses atrás

Comentário 4

Estao de brincadeira...

Falar e escrever errado é certo apenas no Brasil mesmo. Que vergonha!

[Obolerao](#) 6 meses atrás

Comentário 5

Esta tudo virado de cabeça pra baixo creio.

[anjoaoclaudio](#) 6 meses atrás

Comentário 6

É um absurdo isso! Sou só eu, ou tem mais alguém aqui que acha esse argumento - não devemos ter preconceito com a forma de falar das pessoas - ridículo?

Tem que falar de forma correta, pronto e acabou. Falar errado, mostra falta de estudo, se é para falar do jeito que quiser, sem ordem, então não vá para a escola, fique em casa.

[phdprocopio](#) 6 meses atrás

Comentário 7

Leiam o livro antes de criticarem... pelo amor viu.

Pág. 03

Leiam o livro antes de criticarem... pelo amor viu.  
felipeahonorio 9 meses atrás

William, Fátima e Júlio, vocês leram o capítulo? Se o leram verão que em nenhum momento há a pregação de que se deve ensinar errado. O que há é a constatação de algo que já existe, que é o falar popular e que a autora o tempo todo explica que ele deve ser acolhido mas como forma de comunicação! E que a norma padrão é essencial e deve ser trabalhada o tempo todo! Prova disso, são os exercícios propostos. Por favor, leiam antes de saírem criticando algo que vocês não entendem. Isso é achismo e preconceito!

etideoliveira 11 meses atrás 2 👍

*Comentário removido*  
Autor mantido

Presidente bizarra telefona ao MEC...  
-Boa tarde vc ligou para o MEC:  
Para encomendar títulos que enaltecem o PT, disk 1.  
Para encomendar títulos que disseminam o comunismo/socialismo, disk 2.  
Para encomendar títulos que defendem o Fidel, Che, Battisti... disk 3.  
Para encomendar títulos que emburrecem desde o primário ao superior disk 4, ou aguarde na linha...  
...Olá o que a senhora deseja?  
-Quero encomendar KIT GAY para as escolas. Pago muuuuito bem.

ferpiresr1 11 meses atrás

Comentário 8

Comentário 9

Comentário 10

## Pág. 04

...Olá o que a senhora deseja?  
-Quero encomendar KIT GAY para as escolas. Pago muuuuito bem.

ferpiresr1 11 meses atrás

Parece que o governo quer transformar os jovens em índios para poder colonizá-los novamente a sua maneira.

Alexandrerd1 11 meses atrás

Outra coisa é a norma culta, que usamos em situações adequadas - porque usar norma culta em certas situações também pode ser um equívoco - e que devemos obviamente aprender. Volto a falar, a autora defende uma história muito manjada no meio linguístico e que agora está sendo dividida com os alunos desde cedo. Isso significa progresso, um avanço no fim do preconceito linguístico. Partindo do princípio de que toda forma de comunicação deve ser respeitada, e isso não se controla com acordos.

adoravelmolestia 11 meses atrás

Gente, desculpa, mas me parece absurdo que um mal entendido tão bobo desses seja levado tão a fundo quando os jornais deveriam esclarecer de vez um assunto tão bobo. Não precisa ser linguista pra saber que o conceito de "certo" e "errado" quando se trata de variantes linguísticas não existe. O importante é a comunicação ser feita. Isso é uma coisa.

adoravelmolestia 11 meses atrás

Eu gostaria de saber quem fala Peguem-no em vez de Peguem ele!  
Até os professores de português não falam de acordo com o que estão ensinando!!!

Comentário 11

Comentário 12

Comentário 13

## Pág. 05

Eu gostaria de saber quem fala Peguem-no em vez de Peguem ele!  
Até os professores de português não falam de acordo com o que estão ensinando!!!

Mary Kato, a linguista da UNICAMP escreveu:  
"O Brasil apresenta assim um caso extremo de 'diglossia' entre a fala do aluno que entra para a escola e o padrão de escrita que ele deve adquirir."  
[BatteredPlano](#) 11 meses atrás

*Comentário removido*  
Autor mantido

Mais um detalhe: o hindi e o hurdu, falados na Índia e no Paquistão, respectivamente, são línguas distintas, e com origem comum. Um falante o hindi compreende um falante do hurdu caso conversem vagarosamente usando termos simples. Porém são idiomas distintos, talvez devido ao relacionamento entre os dois países. O curioso é que a diferença entre o hindi e o hurdu é menor que entre o "português" falando no Brasil e o português falando em Portugal.  
[jsoliv](#) 11 meses atrás

Essa discussão é boa, gostaria de lembrar porém que conforme a gramática da língua portuguesa, praticamente todos brasileiros falam "errado", mesmo aqueles com nível superior completo, ou mais. Em conversas com nossos amigos e parentes usamos uma língua, ainda segunda a gramática da língua portuguesa, com vários erros; seja no uso de pronomes, seja na pronúncia das palavras. Talvez seja a hora do Brasil declarar independência linguística e dizer que falamos a língua Brasileira

**Comentário 14**

**Comentário 15**

## Pág. 06

[jsoliv](#) 11 meses atrás

Essa discussão é boa, gostaria de lembrar porém que conforme a gramática da língua portuguesa, praticamente todos brasileiros falam "errado", mesmo aqueles com nível superior completo, ou mais. Em conversas com nossos amigos e parentes usamos uma língua, ainda segunda a gramática da língua portuguesa, com vários erros; seja no uso de pronomes, seja na pronúncia das palavras. Talvez seja a hora do Brasil declarar independência linguística e dizer que falamos a língua Brasileira  
[jsoliv](#) 11 meses atrás

Vai.... Vendo.....  
[Rommel995](#) 11 meses atrás

Senhora Cris Ortega, muito me admira a senhora dar aulas de Português. A senhora não ensina para os alunos que antes de comentar qualquer assunto é preciso ter conhecimento do mesmo? Leia o livro antes de comentar!!!!  
[professora95](#) 1 ano atrás

*Isso foi sinalizado como spam* [mostrar](#)  
[sebafox6](#) 1 ano atrás

Uma vez ouvi de uma pessoa que estava dando capacitação para professores que os alunos da escola pública deveriam ser preparados para ler instruções de guia de ruas, de produtos de limpeza e receitas. Que nosso aluno seria no máximo entregadores de pizza, frentistas de posto de gasolina, etc... Fiquei horrorizada, pois acho que o aluno da escola pública deve ter o direito de

**Comentário 16**

**Comentário 17**

**Comentário 18**

## Pág. 07

Uma vez ouvi de uma pessoa que estava dando capacitação para professores que os alunos da escola pública deveriam ser preparados para ler instruções de guia de ruas, de produtos de limpeza e receitas. Que nosso aluno seria no máximo entregadores de pizza, frentistas de posto de gasolina, etc... Fiquei horrorizada, pois acho que o aluno da escola pública deve ter o direito de competir em uma boa universidade e se formar, e ter uma vida mais tranquila, com empregos mais seguros e lucrativos.

[crisortega1](#) 1 ano atrás

Mas estas iniciativas que admitem um verdadeiro vale-tudo linguístico vão acabar contribuindo para que o futuro previsto pelo capacitador vire realidade.

[pauloak](#) em resposta a [crisortega1](#) (Mostrar o comentário) 1 ano atrás

*Comentário removido*  
Autor mantido

Sim sim. Na minha vida escolar (ensino público) sempre tive a impressão de que estava sendo preparado para ser empregado. Nunca empreendedor.

[ferpiresr1](#) em resposta a [crisortega1](#) (Mostrar o comentário) 11 meses atrás

Foi assim que o Latim foi desfeito e através daqueles que não sabiam pronunciá-lo direito e queriam ensinar os outros, foi passado de forma incorreta dando origem a novos dialetos.

Nós professores de língua portuguesa já deparamos com flw, vc, blz em redações, os alunos escrevem muito errado e se a moda pega, nem conseguiremos mais corrigi-los, pois eles sabem argumentar direitinho que a fulaninha lá disse e o MEC apoiou que ele pode escrever como quiser.

Responder

Pág. 08

Foi assim que o Latim foi desfeito e através daqueles que não sabiam pronunciá-lo direito e queriam ensinar os outros, foi passado de forma incorreta dando origem a novos dialetos.

Nós professores de língua portuguesa já deparamos com flw, vc, blz em redações, os alunos escrevem muito errado e se a moda pega, nem conseguiremos mais corrigi-los, pois eles sabem argumentar direitinho que a fulaninha lá disse e o MEC apoiou que ele pode escrever como quiser.

[crisortega1](#) 1 ano atrás

concordo plenamente.

[GusrjcBR](#) em resposta a [crisortega1](#) (Mostrar o comentário) 1 ano atrás

Se você falar em crime como sendo coisa normal, cotidiano, estará fazendo apologia ao crime, certo? Se você pregar nas escolas que o aluno pode se expressar como quiser que estará certo, fará apologia à desinstrução. Logo logo ninguém mais saberá redigir um documento legal, uma carta de solicitação de emprego, uma redação de vestibular dentro da norma culta. O aluno de hoje já reluta para querer aprender língua portuguesa, daqui a pouco vai largar mão de vez e seremos um país de "burrinhos".

[crisortega1](#) 1 ano atrás

Qual o grau de conhecimento da autora mesmo? Em um site ela é "oficineira", em outro "consultora"... quando ela será linguísta? Especialista, mestra ou doutora mesmo?

[crisortega1](#) 1 ano atrás

Pág. 09

[crisortega1](#) 1 ano atrás

Qual o grau de conhecimento da autora mesmo? Em um site ela é "oficineira", em outro "consultora"... quando ela será linguista? Especialista, mestra ou doutora mesmo?

[crisortega1](#) 1 ano atrás

Tá certo, muita gente concorda com o MEC e ai vamos falar e escrever errado em todo o Brasil. Daqui a 10 ou 20 anos teremos no Rio a frase "nós mermo", na Bahia

"nós mermos", em São Paulo "nós mesmos" no Acre "agente mesmos" e ai vai... Isso se chama "dialetos", teremos que ter cada prova do ENEN adaptadas para cada Estado da Federação e para se resolver quem vai passar na prova teremos que ter um padrão ou todos estarão aprovados. A língua portuguesa no Brasil vai ser imcompreensível.

[zilvannegrao](#) 1 ano atrás

apoiado amigo suas palavras foram poucas mais disseram tudo.

[MegaJosy25](#) em resposta a [zilvannegrao](#) (Mostrar o comentário) 1 ano atrás

NUNCA!!!!!! QUE ESSES LIVROS IRÃO APARECER EM UMA ESCOLA PARTICULAR.

CADA VEZ MAIS CAINDO A EDUCAÇÃO PÚBLICA DO NOSSO PAÍS ESSA E A REALIDADE.

[MegaJosy25](#) 1 ano atrás

**Comentário 26**

**Comentário 27**

**Comentário 28**

## Pág. 10

E A REALIDADE.

[MegaJosy25](#) 1 ano atrás

Repito: na minha escola particular estudamos isso. Não é à toa que eu defendo o livro. Procurem ler mais a respeito do tema, para formar um julgamento próprio.

[periclesrl](#) em resposta a [MegaJosy25](#) (Mostrar o comentário) 1 ano atrás

vejo cada uma aqui... o Livro realmente não é do MEC, mas o MEC está distribuindo nas escolas... a aprovação do MEC acompanha a aquisição e distribuição para as escolas públicas... Além de outras coisas, favorecimento, benefícios concedidos, marca do governo do PT e de um ministro que não entende nada de educação. F. ADAD

[Marhaw](#) 1 ano atrás

Eu concordo com a editora.

Acho escroto classificar como errado ou certo.

Eu não almoço nem janto todos os dias de acordo com a "etiqueta", o meu jeito de almoçar ou jantar é inadequado em lugares "chiques".

Ouçoo centenas de pessoas falando desse jeito "errado".

Eu entendo o que o cara falou, e o que ele quis dizer, ele está falando a minha língua. Não vejo nada de errado em escrever ou falar dessa forma, isso não passa de uma frescura da sociedade.

[DanielMasterConsole](#) 1 ano atrás

Fala Sério!!!!

**Comentário 29**

**Comentário 30**

**Comentário 31**

## Pág. 11

[DanielMasterConsole](#) 1 ano atrás

Fala Sério!!!!

[alepaiva3](#) 1 ano atrás

O problema não é o livro. É o MEC, é o PT que por sua ideologia do atraso guela a baixo dos brasileiros. Eu duvido se algum filho de de ministro vai por seus filhos em escola pública para aprender a escrever "os livro" "agente somos" "craro que é probrema" etc. Quem fala errado já tem a tendencia de escrever errado, imagine falar e escrever. Escolas publicar já estão desacreditadas imagine um aluno fazer vestibular e escrever "nós é inteligentes". Vai ter que ter cotas para eles.

[zilvannegrao](#) 1 ano atrás

Não, amigo. Como eu disse, essa orientação do MEC data de 1997. Leia a nota oficial da Abralin e os artigos da Alab a respeito do assunto.

Vai por mim, debatemos esse mesmo assunto na minha escola, que é particular, e tem altos índices de aprovação no vestibular.

O que merece atenção na educação do Brasil é a falta de investimento mesmo. A histórica falta de investimento, o sucateamento dos CIEPS, etc.

Isso é que nos deve deixar indignados.

[periclesrl](#) em resposta a [zilvannegrao](#) (Mostrar o comentário) 1 ano atrás

PURA VERDADE APOIADO, ADOREI SUA COLOCAÇÃO MINHA FUTURA FILHA IRÁ FREQUENTAR UMA ESCOLA PARTICULAR.

Comentário 32

Comentário 33

Comentário 34

Pág. 12

[MegaJosy25](#) em resposta a [zilvannegrao](#) (Mostrar o comentário) 1 ano atrás

PURA VERDADE APOIADO, ADOREI SUA COLOCAÇÃO MINHA FUTURA FILHA IRÁ FREQUENTAR UMA ESCOLA PARTICULAR.

Conclusão: A escrita e a oralidade são modos de expressão distintos. Além disso, há ocasiões distintas dentro da variante oralidade.

Portanto, a norma culta é, sim, importante na escrita (em provas) e em ocasiões como uma entrevista de emprego!

Porém na oralidade, em ocasiões comuns, (como em uma conversa INFORMAL, em casa, na rua, com amigos), a norma culta não se faz necessária!

Espero que tenham compreendido o que eu quis lhes dizer..! E que não me interpretem de maneira equivocada!

Abraços

[mvcs33](#) 1 ano atrás 2 👍

Eu peço a tds que veem está reportagem para tomar cuidado com o conteúdo divulgado! Usem o senso crítico (pelo menos 1 vez na vida), procurem + informações antes de julgar algo como correto ou não! O trecho do livro q aparece logo em seguida ao mostrado na GLOBO é:

"O falante, portanto, tem de ser capaz de usar a variante adequada da língua para cada ocasião."

O argumento: "eles ensinam errado e cobram o certo no ENEM" e similares é falho, pois cada ocasião é diferente. E devemos saber diferenciar!

[mvcs33](#) 1 ano atrás 2 👍

Comentário 35

Comentário 36

Comentário 37

Pág. 13

mvcs33 1 ano atrás 2

Tenho grande pena de todos aqueles cujos comentários falam sobre a educação/escola relacionados ao vestibular. Talvez ensinar e avaliar a multiplicidade, o que se vê no dia a dia, não valha a pena. Afinal, quando você deixar seu filho com 7 anos pela primeira vez na escola, dirá a ele "aprenda a norma culta pois daqui a 10 anos você prestará vestibular e vão te cobrar isso". Triste é ver a falta de sentido na escola durante pelo menos 10x365 dias + alguns dos seus filhos... Parabens ao "livro"!

fmarchi80 1 ano atrás 2

Vamos flexibilizar a matemática também e beneficiar quem faz contas erradas...a partir de agora,  $2 + 2$  pode ser igual a 5!

Paulostanleyyy 1 ano atrás

"Sim, vamos ensinar em sala de aula de um jeito, mas vamos cobrar no vestibular de outro..." Que vergonha. Falar coloquialmente a gente aprende em casa, na rua, com os amigos. Não precisamos ir pra escola pra isso, lá, temos sim, que aprender a norma culta e assim, durante a vida, sabendo os dois, vamos escolhendo usar qual norma achamos mais conveniente com o momento. Realmente, é uma vergonha!

zakarewicz 1 ano atrás

E viva o apartheid linguístico e oficialização da idiotia.

MEC: Caras crianças e caros jovens, futuro da nossa nação, no português sempre se está certo independentemente da forma que se falar.

**Comentário 38**

**Comentário 39**

**Comentário 40**

Pág. 14

E viva o apartheid linguístico e oficialização da idiotia.

MEC: Caras crianças e caros jovens, futuro da nossa nação, no português sempre se está certo independentemente da forma que se falar.

Futuro da nassão: Mar na inscola a gente aprendem ki num existissemos geito certo de portuguesis!!!! Pruqui tomamo ferro in tutô quantu é prova agura?

MEC: GLU GLU! PEGADINHA DO MALANDRO! Era brincadeira: nas provas da vida se cobra a forma culta da língua! Quem mandou estudar em escola pública, seus pobres!

ptacoelho 1 ano atrás

Se o livro cumpre com o ensinamento das normas cultas, exigidas para concursos e provas, etc., não vejo razão para incluir, em poucas páginas, um conceito teórico e profundo da linguística, principalmente objetivando o respeito à variedade cultural num país naturalmente diversificado.

Essa discussão não é nova e nem desnecessária.

Acho que o tom condenatório da notícia só espelha nossa limitação intelectual, que, como exemplo, não deixa de denunciar a falta de cultura como vício pedagógico.

corsariomaniac 1 ano atrás

A autora foi mal interpretada. mesmo assim para a idade o livro está desaconselhado.

GAMINDORE 1 ano atrás

A grande decepção é ver jornalistas, que, em teoria, estudaram o fenômeno

**Comentário 41**

**Comentário 42**

**Comentário 43**

Pág. 15

A grande decepção é ver jornalistas, que, em teoria, estudaram o fenômeno linguístico, veiculando uma notícia preconceituosa assim. São superficiais demais.

E quem disse que "a escola está negligenciando o ensino da norma culta"?

Do ponto de vista jornalístico, esses aí são uma negação. Aliás, isso nem é Jornalismo.

=/

[periclesri](#) 1 ano atrás

jornalismo é isso: mostrar sua ideologia. e triste ver como as teorias estudadas da universidade são tão negligenciadas no meio social...esses comentários já estão embutidos de preconceito linguístico, o que se tenta combater não só com o ensino da norma culta, mas com o trabalho de quebra de parâmetros preconceituosos diga a um cearense que fala a variação nordestina do português que passou em primeiro lugar no ITA que ele fala errado!!! D: será mesmo inteligível sua comunicação?

[samymesquita](#) em resposta a [periclesri](#) (Mostrar o comentário) 1 ano atrás

Não sei se deu pra entender. Pra acabar com qualquer dúvida: eu concordo com o livro! A linguagem regional (p. e.) guarda grande valor cultural. Não dá pra imaginar Patativa recitando poemas de A. dos Anjos. Acho mesmo importante o livro mostrar aos jovens o valor da linguagem de seus pais, do vendedor da feira, etc.

O que eu estou criticando é a forma tendenciosa como a notícia é apresentada, só isso. Sim, jornalismo é ideologizado, e tem que ser JUSTO.

a globo é mó paia.

Comentário 44

Comentário 45

## Pág. 16

Não sei se deu pra entender. Pra acabar com qualquer dúvida: eu concordo com o livro! A linguagem regional (p. e.) guarda grande valor cultural. Não dá pra imaginar Patativa recitando poemas de A. dos Anjos. Acho mesmo importante o livro mostrar aos jovens o valor da linguagem de seus pais, do vendedor da feira, etc.

O que eu estou criticando é a forma tendenciosa como a notícia é apresentada, só isso. Sim, jornalismo é ideologizado, e tem que ser JUSTO.

a globo é mó paia.

Abrs

CE

[periclesri](#) em resposta a [samymesquita](#) (Mostrar o comentário) 1 ano atrás

Oi tudo bem. Amigo, tente entender a nossa opinião. O modo formal da língua vai ser cobrado academicamente do aluno, já a forma coloquial não.

Países como Japão, Coreia do Sul e Finlândia que tem índices educacionais altíssimos, será que algum desses usa livros nas escolas que defendem o uso da língua em desconformidade com a forma culta?

[GusrcBR](#) em resposta a [periclesri](#) (Mostrar o comentário) 1 ano atrás

Meu caro, se para você é tão importante assim a exclusão das variedades linguísticas no âmbito socioeducativo, desconsiderando-as e julgando-as como incorreta em relação a norma culta, como você escreve a palavra ÍNDICES da seguinte forma "índicies" ??????

[mvcs33](#) em resposta a [GusrcBR](#) (Mostrar o comentário) 1 ano atrás

Eu reconheço que escrevi errado. e você mesmo defendendo o livro do MEC me

Comentário 46

Comentário 47

Comentário 48

## Pág. 17



Eu reconheço que escrevi errado, e você mesmo defendendo o livro do MEC me corrige. Que estranho, não são vocês que defendem que modos "diferentes" de se escrever e de usar a língua não são erros? lol Você tem um argumento tão fraco que nem você mesmo o segue.

PS: eu estudei em uma escola "opcional" na qual os professores acreditavam que corrigir os erros de ortografia do aluno era uma agressão... deu nisso. O meu problema é que hoje vejo a educação cometer os mesmos erros do passado...

[GusrjcBR](#) em resposta a [mvcs33](#) (Mostrar o comentário) 1 ano atrás

Comentário 49

Sinceramente não entendo pq vc está apontando uma contradição e diz ser fraco o meu argumento! :o Primeiro o livro não é do MEC, ele é de autoria aos autores do livro (redundante e óbvio, não? :D), o MEC simplesmente liberou a divulgação dele na rede de ensino. Segundo, assim como os autores do livro, eu defendo que seja respeitado o uso de variantes da língua portuguesa no contexto INFORMAL! Estou apenas espantado, pq se vc critica o livro, deveria no mínimo ter propriedade (moral) né?

[mvcs33](#) em resposta a [GusrjcBR](#) (Mostrar o comentário) 1 ano atrás

Comentário 50

Vou resumir bem meu post: Antigamente se dizia que o professor não deveria corrigir erros de ortografia dos alunos pois a ortografia supostamente se desenvolvia pelo próprio aluno. Isso foi muito defendido principalmente entre as chamadas escolas "opcionais.

O resultado foi um desastre as crianças que passaram por esse processo (como eu) hoje tem muito mais dificuldade de escrita que as crianças que não passaram

Olhando esse caso eu não posso deixar de sentir que há uma enorme

Pág. 18

Vou resumir bem meu post: Antigamente se dizia que o professor não deveria corrigir erros de ortografia dos alunos pois a ortografia supostamente se desenvolvia pelo próprio aluno. Isso foi muito defendido principalmente entre as chamadas escolas "opcionais.

O resultado foi um desastre as crianças que passaram por esse processo (como eu) hoje tem muito mais dificuldade de escrita que as crianças que não passaram

Olhando esse caso eu não posso deixar de sentir que há uma enorme semelhança

[GusrjcBR](#) em resposta a [mvcs33](#) (Mostrar o comentário) 1 ano atrás

Comentário 51

só mais uma coisa: modera essa agressividade. ok :)

[GusrjcBR](#) em resposta a [mvcs33](#) (Mostrar o comentário) 1 ano atrás

Comentário 52

Entendo, colega. O ensino da norma culta, inclusive, é prioritário. A questão é que ele não exclui uma reflexão linguística acerca do português falado no Brasil.

Não me apraz dizê-lo, mas debatemos isso na minha escola, e tirei nota máxima na redação do vestibular (UF\_).

Leia a nota oficial da Associação Brasileira de Linguística (apoando o livro). Também a ALAB.

Repare que essa falsa polêmica tem um tom político. Os jornalistas só não sabiam que essa orientação data de 1997.

Abraços.

[periclesrl](#) em resposta a [GusrjcBR](#) (Mostrar o comentário) 1 ano atrás

Comentário 53

Pág. 19

Abraços.  
[periclesrl](#) em resposta a [GusrjcBR](#) ([Mostrar o comentário](#)) 1 ano atrás

Meu Deus, uma resposta não ofensiva!!! O outro cara com quem eu estava debatendo deveria aprender com você.)

Só esclarecendo algumas coisas: Eu também passei para uma universidade federal de um curso disputadíssimo, mas sempre sinto que o fato de eu não ter sido corrigido no meu ensino fundamental me prejudicou bastante.

Mas se essa forma de aprendizado é tão boa por que eu nunca ouvi falar de outro país que a aplica?

Para mim isso só confunde mais o aluno...

[GusrjcBR](#) em resposta a [periclesrl](#) ([Mostrar o comentário](#)) 1 ano atrás

Confunde não. São cinco linhas do livro introduzindo aos jovens uma já antiga constatação da linguística. É fundamental, por exemplo, para o amadurecimento estilístico de futuros escritores, para a compreensão da literatura brasileira dos anos 30, etc.

As verdadeiras deficiências do ensino público é que nos deixam desconfiados mesmo.

Quanto à aplicação do método em outros países: isso nem é um método. São só cinco linhas de um conceito básico. Acredito que seja pacífico pelo mundo.

abr

[periclesrl](#) em resposta a [GusrjcBR](#) ([Mostrar o comentário](#)) 1 ano atrás

Sim, mas é bem diferente você falar que não é errado as poesias da década de

Comentário 54

Comentário 55

Pág. 20

Sim, mas é bem diferente você falar que não é errado as poesias da década de trinta usarem "falá" em vez de "falar" ou "muié" em vez de "mulher" e outras características do registro não formal e você abertamente dizer à criança: "você pode cometer erros gramaticais graves no seu cotidiano, contanto que você use a norma culta na escola nos textos e em um futuro trabalho".

Se o aluno usa minimamente a norma culta no cotidiano o aprendizado da gramática se torna muito mais intuitivo.

[GusrjcBR](#) em resposta a [periclesrl](#) ([Mostrar o comentário](#)) 1 ano atrás

Discordo plenamente. Mas esse é uma questão pedagógica que pedagogos e linguistas podem te responder melhor.

Gostaria MESMO de atentar para o fato de a mídia estar no poder. Veja o alvoroço causado. As pessoas até esqueceram que precisamos discutir o piso dos professores, a carga horária e, principalmente, um percentual fixo do PIB para ser investido. Essa é a discussão de base da educação do Brasil. Porém a mídia meio que a "arquivou".

Mas eu estou lembrado. E quero 10%. :D

Valeuz

[periclesrl](#) em resposta a [GusrjcBR](#) ([Mostrar o comentário](#)) 1 ano atrás

Atualmente ninguém mais fala disso, ninguém se importa. As pessoas estão mais interessadas no BBB, programa esse que tenho orgulho em não saber o nome de nem sequer um participante. Ninguém mais reclama desse livro, ele teve apenas seus 15 minutos de fama... sério, se esse acontecimento tivesse causado GRANDE ALVOROÇO eu acharia ótimo....

A ONU indica que os países dediquem 6% do PIB NO MÍNIMO para a educação,

Comentário 56

Comentário 57

Pág. 21

Atualmente ninguém mais fala disso, ninguém se importa. As pessoas estão mais interessadas no BBB, programa esse que tenho orgulho em não saber o nome de nem sequer um participante. Ninguém mais reclama desse livro, ele teve apenas seus 15 minutos de fama... sério, se esse acontecimento tivesse causado GRANDE ALVOROÇO eu acharia ótimo...

Comentário 58

A ONU indica que os países dediquem 6% do PIB NO MÍNIMO para a educação, isso não é exatamente escondido, é que simplesmente não dá lbop :(

[GusrjcBR](#) em resposta a [periclesrl](#) (Mostrar o comentário) 1 ano atrás

As pessoas esquecem porque o jornalismo que entra na casa delas não cumpre seu papel. Pra variar, a falta de estudo crítico faz delas pura massa de manobra.

Imagine se a tevê não fosse uma concessão. :S

Dá uma googlezada em "padrões de manipulação na grande imprensa". Tem umas resenhas razoáveis.

Talvez vc se convença.

[periclesrl](#) em resposta a [GusrjcBR](#) (Mostrar o comentário) 1 ano atrás

Já vi esses textos VÁRIAS VEZES, eu concordo parcialmente com eles ( o que é o mesmo que dizer que discordo parcialmente). Muitas pessoas falam que a mídia "guia o senso comum", isso é verdade, mas também devemos reconhecer que a própria imprensa é dependente do senso comum, que não é criado exclusivamente pela mesma.

Exemplo: Já vi algumas vezes na globo defesas muito sutis da discussão da legalização do aborto, no entanto isso nunca é feito abertamente por medo do senso comum.

## Pág. 22

Já vi esses textos VÁRIAS VEZES, eu concordo parcialmente com eles ( o que é o mesmo que dizer que discordo parcialmente). Muitas pessoas falam que a mídia "guia o senso comum", isso é verdade, mas também devemos reconhecer que a própria imprensa é dependente do senso comum, que não é criado exclusivamente pela mesma.

Comentário 60

Exemplo: Já vi algumas vezes na globo defesas muito sutis da discussão da legalização do aborto, no entanto isso nunca é feito abertamente por medo do senso comum.

[GusrjcBR](#) em resposta a [periclesrl](#) (Mostrar o comentário) 11 meses atrás

continuação: nas duas vezes que vi isso o reporte dizia que o assunto do aborto deveria ser afastado da questão religiosa.

Esses textos que falam sobre o domínio da mídia não estão exatamente errados, o problema é que eles tratam o assunto de uma forma MUITO SIMPLISTA. A opinião pública é influenciada pela mídia, mas a própria mídia é obrigada a seguir a opinião pública. Os meios de comunicação de massas teriam enorme dificuldade em propagar uma opinião que vai contra o senso comum.

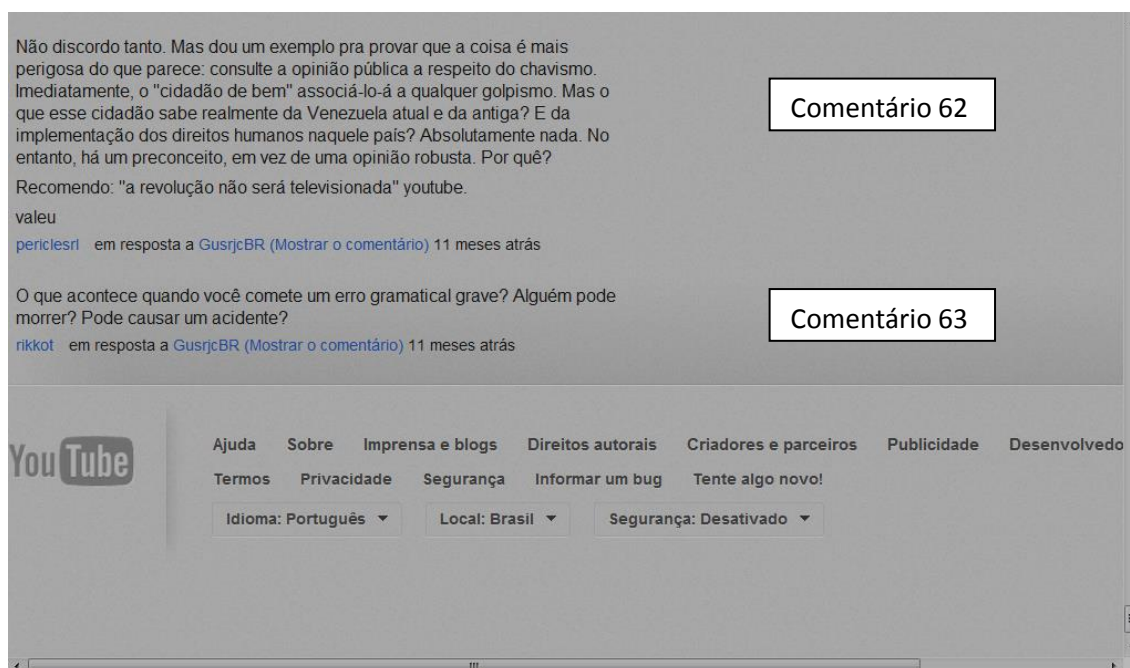
[GusrjcBR](#) em resposta a [periclesrl](#) (Mostrar o comentário) 11 meses atrás

Não discordo tanto. Mas dou um exemplo pra provar que a coisa é mais perigosa do que parece: consulte a opinião pública a respeito do chavismo. Imediatamente, o "cidadão de bem" associá-lo-á a qualquer golpismo. Mas o que esse cidadão sabe realmente da Venezuela atual e da antiga? E da implementação dos direitos humanos naquele país? Absolutamente nada. No entanto, há um preconceito, em vez de uma opinião robusta. Por quê?

Recomendo: "a revolução não será televisionada" youtube.

Comentário 61

## Pág. 23



Conhecendo já os comentários realizados até a data de coleta, 22/07/12, vamos fazer alguns levantamentos quantitativos para que haja uma melhor visualização do todo. Devemos, primeiramente, elencar que são 63 comentários, dentre os quais 3 foram desconsiderados pela falta de um posicionamento passível de recuperar o objetivo: são eles os de números 17, 32 e 52. Assim, ficamos com 60 comentários. Todos os comentários são realizados por 33 participantes, dos quais a maioria possui apenas um comentário. Os partícipes que mais possuem recorrência nos comentários são: GusrjcBR, com 10 comentários (sendo um deles o de número 52, descartado para análise), periclesrl, com 9 comentários, crisortega e mvsc33 4 com comentários cada, e, com dois comentários cada, temos ferpiresr1, jsoliv, Zilvannegrao e MegaJosy25.

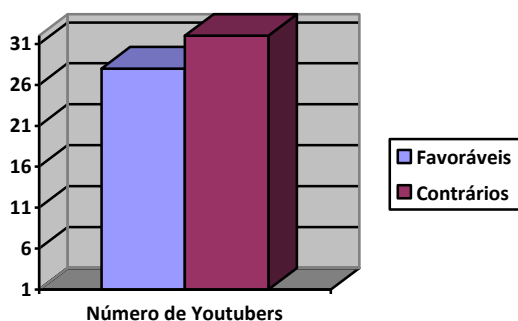
As falas (comentários) são repletas de conflitos, fugas, agressões verbais e vagezas. Os diversos posicionamentos ratificam a relevância da discussão e a falta de um trabalho esclarecedor das necessidades de se ter um estudo mais apurado sobre a variação linguística em sala de aula.

Façamos, então, a leitura do gráfico abaixo para visualizarmos numericamente os posicionamentos desses participantes no que tange a apoiar ou não o ensino tal qual promovido pelo LD (levando em consideração que não contamos que os partícipes tenham feito as observações que fizemos do LD, mas que consideram apenas como

critério de avaliação o ensino de estruturas não componentes da norma culta). Distribuímos inicialmente os comentários em “contrários” e “favoráveis”.

Após a leitura do gráfico abaixo, faremos um levantamento estatístico desses mesmos dados. Observe-se que os números constantes à esquerda do gráfico dizem respeito ao número de youtubers.

Gráfico



Observa-se, com a leitura do gráfico, que, nesta página do Youtube, 28 comentários são favoráveis à proposta do LD, 32 são contrários e 03 são nulos, o que significa que não apresentam posicionamento claro sobre a questão e, por isso, foram descartados, por isso não estão no gráfico. Assim, 44,4% dos comentários são favoráveis, 50,8% é contrário e 4,7% teve o comentário desconsiderado para a análise.

Boa parte desses comentários, por sua vez, recorrem a pontos que tangem a política atual e passada, as vivências de sala de aula, as comparações com outros países etc. Recorrer a tais elementos nos faz perceber que os comentaristas entendem a dimensão da discussão, que não se fecha à sala de aula tão simplesmente. Essa percepção, por sua vez, é atravessada pelo que eles concebem como sala de aula, ensino e, principalmente, “certo/ adequado” e “errado/ inadequado”.

Enfatizamos que não é de nossa responsabilidade as concepções que os participantes da página têm de políticos, partidos, outros participantes e suas ações. Muito menos nos responsabilizamos por qualquer avaliação pessoal que eles venham a fazer de qualquer pessoa pública citada no corpus. Já deixamos claros aqui nossos objetivos e não temos neles a intenção de avaliar esse discurso. Dizemos isso por uma questão de princípios. Poderíamos ter deixado questões relacionadas à política de fora

da análise e nos concentrado só nas linguísticas e isso, por si só, seria uma tomada de posicionamento.

Para efetuarmos uma análise que responda às nossas questões, de forma mais satisfatória, montamos dois grandes agrupamentos: os favoráveis e os contrários à proposta do LD. Organizamos subgrupos partindo dos sentidos gerados dos próprios dizeres/falas. Como a seguir:

- 1) Contrários:
  - a) Comparações entre classes econômicas;
  - b) Fatores de ordem linguística;
  - c) Fatores de ordem política.
- 2) Favoráveis:
  - a) Com manifestação crítica em relação à mídia;
  - b) Valoração de certo e errado com possível apoio da (sócio)linguística, de documentos e de instituições legais.

Em nossa análise, não trataremos de questões relativas ao perfil social de cada um dos participantes. Sempre que possível, cogitaremos, por meio de seus discursos, posições e crenças que possam corresponder ao grupo de acadêmicos ou leigos dos quais eles participam (essa tentativa, ainda assim, não nos assegura que este ou aquele internauta faça parte de um grupo específico, mas consideramos a divisão priorizando o discurso que esteja próximo ou distante do apregoado por academicistas, especialmente aqueles que estudam a linguagem). Elementos quanto à idade, cor, sexo, raça, origem/posição social não serão aqui tratadas. Seria possível ter acesso a algumas destas informações acessando o perfil de cada um dos participantes, mas não consideramos interessante dadas as possibilidades de perfis “inventados”.

Devemos apontar ainda que há comentários que não definem a posição, se entram em relação com o comentário dado anteriormente, ou com a notícia veiculada na página, a exemplo de **alepaiva** quando escreve: “Fala sério!!!!”. Esse enunciado parece não apontar para uma tomada de posição, dada a vagueza da própria estrutura, mesmo que ela venha após um comentário a favor ou contra. Assim, não nos fala se é uma avaliação sobre a proposta do LD, sobre a discussão dos partícipes da página ou sobre o comentário anterior a ele. Enfim, as possibilidades são muitas e não temos como determinar uma de fato.

Vejamos os comentários que se mostram adversos à proposta do LD e que, de certa forma, recusam as concepções inerentes ao estudo da variação linguística. A nossa escolha de começar por esses comentários se dá pelo fato de a discussão partir de um posicionamento contrário, de recusa, de não aceitação, sendo essa a motivação do debate.

Para termos um caminho mais claro quanto à análise dos comentários, vamos agrupá-los consoante à especificidade de cada um. Para tanto, faremos uso dos textos transcritos, facilitando, assim, o processo de escrita de nosso texto e, de certo modo, favorecendo certa intimidade com as falas dos comentaristas.

## 1 COMENTÁRIOS CONTRÁRIOS

Nesta seção, analisaremos os comentários daqueles que provocam a discussão ao posicionarem-se contrários à proposta do LD. Inicialmente tomaremos por base os que se manifestam quanto à visão econômica, em seguida os de ordem linguística e, no fim, aqueles que se voltam para o fator política.

Reapresentaremos os comentários, desta vez agrupados, por acreditamos em uma leitura mais corrente e sequencial de nosso leitor.

### a) Comparações entre classes econômicas

A formatação dos dados aqui expostos obedecem à sequência destacada nos dados originais, do lado esquerdo, o comentário, do direito, o número. Abaixo dos comentários, o nome do youtuber e a data do comentário postado.

Resumindo: "o rico cada vez fica mais rico, ( alunos de escolas particulares não terão acesso a esse livro bizarro)e o pobre, cada vez fica mais pobre. ( terá como base um livro onde ele aprenderá errado, não vai enriquecer sua gramática, e será mais uma vez marginalizado). <a href="#">susukinha26</a> 1 semana atrás	Comentário 1
Uma vez ouvi de uma pessoa que estava dando capacitação para professores que os alunos da escola pública deveriam ser preparados para ler instruções de guia de ruas, de produtos de limpeza e receitas. Que nosso aluno seria no máximo entregadores de pizza, frentistas de posto de gasolina, etc... Fiquei horrorizada, pois acho que o aluno da escola pública deve ter o direito de competir em uma boa universidade e se formar, e ter uma vida mais tranquila, com empregos mais seguros e lucrativos. <a href="#">crisortega1</a> 1 ano atrás	Comentário 19

<p>NUNCA!!!!!!! QUE ESSES LIVROS IRÃO APARECER EM UMA ESCOLA PARTICULAR. CADA VEZ MAIS CAINDO A EDUCAÇÃO PÚBLICA DO NOSSO PAÍS ESSA E A REALIDADE.</p> <p><a href="#">Mega.Josy25</a> 1 ano atrás</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 2px; display: inline-block;">Comentário 28</div>
<p>PURA VERDADE APOIADO, ADOREI SUA COLOCAÇÃO MINHA FUTURA FILHA IRÁ FREQUENTAR UMA ESCOLA PARTICULAR.</p> <p><a href="#">Mega.Josy25</a> em resposta a <a href="#">zilvanegrao</a> (<a href="#">Mostrar o comentário</a>) 1 ano atrás</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 2px; display: inline-block;">Comentário 35</div>
<p>É um absurdo issol Sou só eu, ou tem mais alguém aqui que acha esse argumento - não devemos ter preconceito com a forma de falar das pessoas - ridículo?</p> <p>Tem que falar de forma correta, pronto e acabou. Falar errado, mostra falta de estudo, se é para falar do jeito que quiser, sem ordem, então não vá para a escola, fique em casa.</p> <p><a href="#">phdprocopio</a> 6 meses atrás</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 2px; display: inline-block;">Comentário 07</div>
<p>Mas estas iniciativas que admitem um verdadeiro vale-tudo linguístico vão acabar contribuindo para que o futuro previsto pelo capacitador vire realidade.</p> <p><a href="#">pauloalx</a> em resposta a <a href="#">crisortega1</a> (<a href="#">Mostrar o comentário</a>) 1 ano atrás</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 2px; display: inline-block;">Comentário 20</div>
<p>Sim sim. Na minha vida escolar (ensino público) sempre tive a impressão de que estava sendo preparado para ser empregado. Nunca empreendedor.</p> <p><a href="#">ferpiresr1</a> em resposta a <a href="#">crisortega1</a> (<a href="#">Mostrar o comentário</a>) 11 meses atrás</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 2px; display: inline-block;">Comentário 21</div>

O primeiro comentário calcifica-se na popular expressão “O rico fica cada vez mais rico e o pobre cada vez mais pobre”. Essa expressão se justifica, para a autora do comentário, pela separação social entre as classes e os livros didáticos que tais classes recebem para complementar ou embasar seus estudos. Como o livro didático em discussão é destinado para um público de EJA das escolas públicas, **susukinha26** faz disso fator de distinção entre estudantes de classes média e alta, que não receberam (nem receberão) o dito livro didático. Para ela, fica visível que há uma tentativa de se manter a divisão entre classes a partir da língua. A instituição escolar, representada pela própria escola e pelo MEC, nessa visão, teria a função de instigar a separação social e determinar a classe ascendente. Nas palavras da própria internauta, faz bom juízo lembrar: ela afirma que o pobre será “mais uma vez” marginalizado, o que aponta para uma continuidade das diferenças entre classes (no que tange às diversas instâncias que as distingam: econômica, linguística, educacional, etc.).

O primeiro deles é um relato de uma das internautas que se identifica com formação acadêmica na área e que já atua como professora em sala de aula. O relato remonta a um momento de capacitação em que um ministrante expressou que alunos de



escola pública deveriam ser preparados para preencher cargos sociais que não são preenchidos por pessoas de classes média e alta. Esse é um dos discursos que foram sintetizados pelo primeiro, ao referir-se ao dito: “o rico continua rico e o pobre, pobre”.

É válido que a referência a essas ideias não se dá apenas para lembrar seu público internauta participante da discussão de que essa é a regra, mas para demonstrar revolta com a situação de desigualdade social sofrida pela população. No discurso desses internautas, o ensino de tais estruturas aparece para alunos de camadas baixas pelo simples fato de o poder querer manter sua distinção desta camada e de arraigar nela a ideologia de submissão, de incapacitação, de inalterabilidade de sua realidade.

Para complementar, por exemplo, no comentário 19, a internauta diz-se surpreendida com o discurso do orientador da capacitação e mostra direitos dos quais qualquer sujeito na sociedade possui, mas que pareciam ameaçados pela proposta do LD. Contudo, sua construção parece-nos provocadora por sua modalização: ao enunciar “deve ter o direito”, ela está dizendo, nas entrelinhas, que, na verdade, esse direito não há, dadas as forças “superiores” que pressionam a manutenção do poder, dado o ensino de LP que prioriza formas não prestigiadas da linguagem.

Os comentários que se seguem, 28 e 35, retomam, em sua maioria, as questões que já discutimos aqui. Trazem mais uma vez à tona a diferença entre o ensino de escola pública e o de particular.

O quarto comentário selecionado, o 07, por sua vez, explode mais questões a discutir. Além de também contribuir para a derrocada do uso menos monitorado da linguagem, chamando a justificativa do preconceito linguístico de “ridícula”, ele ainda faz a separação linguagem de casa/ de rua e a da escola.

Como já discutimos também no capítulo III, o preconceito linguístico, para nomes da sociolinguística, no Brasil representados pelo já tão citado professor Bagno, é, na verdade, decorrente dos fatores sociais, e não linguísticos. O internauta mostra-se preocupado com o fato de que há um *ethos* a se prezar ao utilizar-se a linguagem. Por isso, quem não quer prezar por sua própria imagem não necessitaria ir à escola. A linguagem que se tem em meios não formais (família, amigos da rua, por exemplo) seriam suficientes para que se desenvolvesse uma linguagem desconectada da preocupação com regras de bom falar, regidas pela gramática.

Seu discurso ainda nos faz refletir algo: há uma separação entre o falar ordenado e o desordenado. Ora, essa questão nos é, por demais, interessante. O sujeito reconhece na linguagem menos monitorada a falta de um paradigma que se possa ter por norteador. E de fato o é. Trazendo mais uma vez nossas considerações de Milner (1995), o possível material e o impossível de língua, nessa união que não se apreende, sustenta a ideia do variar como uma realização não estável, não estabilizada, cuja ordem não se depreende. O impossível de língua, a possibilidade de que algo que ainda não foi realizado se concretize, abre caminho para realizações variáveis (que quando produzidas entram no campo do possível material) que podem entrar no sistema linguístico, mesmo que não aceito pela estrutura normativa.

Os comentários que se seguem (20 e 21) não apenas ratificam o que foi dito pela internauta, mas sintetizam e acaloram ainda mais a discussão. A primeira resposta, inspirada ainda no depoimento de 19, é mais um relato de experiência de vida. Nele resume-se a ideia de que o ensino público é voltado para a formação da camada que ocupará os lugares indesejados pelos de classes economicamente mais favorecidas.

A segunda resposta elenca um termo que é chave para outra discussão: “vale-tudo linguístico”. Foi muito difundida (e talvez ainda seja), em meio ao público leigo, a percepção de que aceitar certas construções linguísticas em determinados contextos seja uma justificativa para qualquer ocorrência em qualquer situação. O que se apregoa em sala de aula (ou que se deva apregoar, pelo menos) é o da adequabilidade: cada produção tem seu grau de monitoramento determinado por fatores como o interlocutor, o contexto, a intenção comunicativa, por exemplo.

Nossa percepção, contudo, é a de que seja difícil esse monitoramento a um sujeito que já tenha em seu funcionamento uma estrutura diferenciada. De forma mais clara: quando um sujeito apreende uma estrutura, por exemplo, a concordância entre os sintagmas, ele não volta a adequar sua estrutura quando a situação de comunicação não exige a concordância. A adequação, portanto, só funcionaria em uma direção, de forma a privilegiar o funcionamento tido por “adequado/ correto/ de prestígio”.

Talvez essa percepção, um tanto quanto não visível a olho nu, esteja nos traços dos discursos desses internautas. Essa noção de que se deve falar a estrutura de acordo com as regras gramaticais, para que se tenha um zelo pela linguagem, é, então, indiretamente, sustentada também pela teoria da adequabilidade.

Além do mais, se tomarmos a escala de monitoramento linguístico como suporte para amparar as situações de comunicação, poderíamos perguntar: em que ponto da escala estão os discursos proferidos? Que discursos estariam nos extremos? Quanto a esses questionamentos podemos apenas afirmar que fora dos eixos de prestígio ou estigma, para Bagno (2007, 2009, 2011), ou, para nós, de monitoramento, está a norma-padrão. Inatingível, inalcançável. Onde encaixar mais ou menos os discursos quanto ao seu uso normativo não caberá à nossa análise. Este, talvez, seja mais um desafio da linguística.

Passemos a outro fator de discussão encontrado nos argumentos contrários.

### b) Fatores de ordem linguística

<p>O interessante é que a burra mestra, ao explicar-se usou uma linguagem bem sofisticada pra quem queria quebrar preceitos...ela devia ou nao ter usado uma linguagem chinfrim?</p> <p><a href="#">adrianodosveras</a> 2 meses atrás</p>	Comentário 03
<p>Estao de brincadeira...</p> <p>Falar e escrever errado é certo apenas no Brasil mesmo. Que vergonha!</p> <p><a href="#">Obolerao</a> 6 meses atrás</p>	Comentário 05
<p>Foi assim que o Latim foi desfeito e através daqueles que não sabiam pronunciá-lo direito e queriam ensinar os outros, foi passado de forma incorreta dando origem a novos dialetos.</p> <p>Nós professores de língua portuguesa já deparamos com flw, vc, biz em redações, os alunos escrevem muito errado e se a moda pega, nem conseguiremos mais corrigi-los, pois eles sabem argumentar direitinho que a fulaninha lá disse e o MEC apoiou que ele pode escrever como quiser.</p> <p><a href="#">crisortega1</a> 1 ano atrás</p>	Comentário 22
<p>concordo plenamente.</p> <p><a href="#">GusrjçBR</a> em resposta a <a href="#">crisortega1</a> (Mostrar o comentário) 1 ano atrás</p>	Comentário 23
<p>Se você falar em crime como sendo coisa normal, cotidiano, estará fazendo apologia ao crime, certo? Se você pregar nas escolas que o aluno pode se expressar como quiser que estará certo, fará apologia à desinstrução. Logo logo ninguém mais saberá redigir um documento legal, uma carta de solicitação de emprego, uma redação de vestibular dentro da norma culta. O aluno de hoje já reluta para querer aprender língua portuguesa, daqui a pouco vai largar mão de vez e seremos um país de "burrinhos".</p> <p><a href="#">crisortega1</a> 1 ano atrás</p>	Comentário 24
<p>Qual o grau de conhecimento da autora mesmo? Em um site ela é "oficineira", em outro "consultora"... quando ela será linguista? Especialista, mestra ou doutora mesmo?</p> <p><a href="#">crisortega1</a> 1 ano atrás</p>	Comentário 25

<p>Tá certo, muita gente concorda com o MEC e ai vamos falar e escrever errado em todo o Brasil. Daqui a 10 ou 20 anos teremos no Rio a frase "nós mermo", na Bahia</p> <p>"nós mermos", em São Paulo "nós mesmos" no Acre "agente mesmos" e ai vai...</p> <p>Isso se chama "dialetos", teremos que ter cada prova do ENEN adaptadas para cada Estado da Federação e para se resolver quem vai passar na prova teremos que ter um padrão ou todos estarão aprovados. A lingua portuguesa no Brasil vai ser incompreensivel .</p> <p><a href="#">zilvanegro</a> 1 ano atrás</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; display: inline-block;">Comentário 26</div>
<p>apoiado amigo suas palavras foram poucas mais disseram tudo.</p> <p><a href="#">MegaJosy25</a> em resposta a <a href="#">zilvanegro</a> (Mostrar o comentário) 1 ano atrás</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; display: inline-block;">Comentário 27</div>
<p>Vamos flexibilizar a matemática também e beneficiar quem faz contas erradas...a partir de agora, 2 + 2 pode ser igual a 5!</p> <p><a href="#">Paulostanleyyy</a> 1 ano atrás</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; display: inline-block;">Comentário 39</div>
<p>"Sim, vamos ensinar em sala de aula de um jeito, mas vamos cobrar no vestibular de outro..." Que vergonha. Falar coloquialmente a gente aprende em casa, na rua, com os amigos. Não precisamos ir pra escola pra isso, lá, temos sim, que aprender a norma culta e assim, durante a vida, sabendo os dois, vamos escolhendo usar qual norma acharmos mais conveniente com o momento. Realmente, é uma vergonha!</p> <p><a href="#">zakarewicz</a> 1 ano atrás</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; display: inline-block;">Comentário 40</div>
<p>A autora foi mal interpretada. mesmo assim para a idade o livro está desaconselhado.</p> <p><a href="#">GAMINDORE</a> 1 ano atrás</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; display: inline-block;">Comentário 43</div>

Observamos que, embora tenhamos considerado os comentários na categoria de “marcas de valores relativos a fatores de ordem linguística”, muitos deles evocam “marcas de valores e comparações entre classes econômicas”. De certa forma, reconhecemos haver nesses comentários preocupação com o falar errado e o falar correto.

Vemos que, mesmo os que aparentam ter um teor linguístico mais aguçado, constroem um discurso em cima do fator social para consolidar sua tese. Um exemplo é o comentário sobre o Latim, em que fica a justificativa de que esta língua só desapareceu por desvios de padrão social.

O comentário de número 03 parece-nos curioso por suas adjetivações à linguagem: sofisticada e chifrim. As oposições já estabelecidas entre a linguagem (formal/ informal, prestígio/ estigmatizada, culta/ popular), teve sua adjetivação mais marcada, mais expressiva na linguagem desse internauta, que realmente trouxe à tona o que parece à parte da sociedade que sejam esses usos.

Vimos, no capítulo III, que a nomenclatura para as ocorrências linguísticas foram estudadas por autores tais quais Bagno (2002, 2003, 2007, 2011), Bortoloni (2011) e Faraco (2008) e que eles fazem referência a outra estrutura, qual seja: o monitoramento. Nessa perspectiva, há uma escala de valoração da produção, que dirá se aquela produção aproxima-se mais ou menos de um dos extremos da escala (ver página 48 desta dissertação). No entanto, essas acepções ficam presas ao universo acadêmico e o leigo faz referências com adjetivos mais atenciosos à sua proposta valorativa/depreciativa.

Percebemos que, para internautas como adrianodosveras (comentário 03), a forma padrão, monitorada da linguagem, é a que deve prevalecer e que participa da construção social dos sujeitos falantes da língua. O internauta acusa, deliberadamente, a autora do Heloísa Ramos (que aparece no vídeo da reportagem). Para ele, a concepção de linguista difere da construída pelo universo acadêmico.

Cabe ao linguista, também, reconhecer as formas de realização de enunciados linguísticos; o internauta confunde, neste momento, a relação “especialista”, “mestre”, “doutora” e “linguista” com norma padrão da língua.

O comentário de número 05 volta a ratificar a ideia de não aceitação de uma realidade linguística na qual haja situações de uso que não correspondam ao que é padrão. O sujeito apenas manifesta-se no sentido de recriminar que o MEC, um livro didático e a instituição escolar estejam apoiando tais usos.

Como já discutimos também no capítulo III, o preconceito linguístico, para nomes da sociolinguística, no Brasil, representados pelo já tão citado professor Bagno (2002, 2003, 2007, 2009, 2012), é, na verdade, decorrente dos fatores sociais, e não linguísticos. O internauta mostra-se preocupado com o fato de que há um *ethos* a se prezar ao utilizar-se a linguagem. Por isso, quem não quer prezar por sua própria imagem não necessitaria ir à escola. A linguagem que se tem em meios não formais (família, amigos da rua, por exemplo) seriam suficientes para que se desenvolvesse uma linguagem desantennada da preocupação com regras de bom falar, regidas pela gramática.

Seu discurso ainda nos faz refletir algo: há uma separação entre o falar ordenado e o desordenado. Ora, essa questão nos é, por demais, interessante. O sujeito reconhece na linguagem menos monitorada a falta de um paradigma que se possa ter por

norteador. E de fato o é. Trazendo mais uma vez nossas considerações de Milner (1995), o possível material e o impossível de língua, nessa união que não se apreende, sustenta a ideia do variar como uma realização não estável, não estabilizada, cuja ordem não se apreende. O impossível de língua, a possibilidade de que algo que ainda não foi realizado se concretize, abre caminho para realizações variáveis (que quando produzidas entram no campo do possível material) que podem entrar no sistema linguístico, mesmo que não aceito pela estrutura normativa (pela norma padrão, nem pela culta). Assim, mesmo sem saber, o internauta nos faz emergir uma (im)possível explicação para as variações e para sua não gramaticalização, dada sua volubilidade, sinuosidade e imprevisibilidade.

Os discursos 22 (somado ao corroborativo comentário 23), 24 e 25 constituem-se relatos de uma das internautas que se mostra alguém com formação acadêmica na área e que já atua como professora em sala de aula. O primeiro deles se inicia com uma comparação entre a língua latina e a língua portuguesa. A professora justifica que o Latim se desfez pelo mal uso de seus sujeitos falantes. Esse discurso parece criar uma áurea sobre o mito de que a língua portuguesa poderia também estar iniciando seu processo de decadência, de fim, tal qual houve com a Língua Latina. O uso de estruturas não padrões seria um fator fundamental, nessa acepção, para se perceber a morte da língua. A professora comprova o fato com exemplos de correções de atividades de seus alunos, nas quais encontra usos que são recorrentes em comunicações via computador. O uso de abreviações (vc, tbm) e as modificações que elas sofrem quando comparadas à palavra original (como o caso de vlw – valeu) são, para a partícipe, mais uma evidência dessa desordem linguística em que se encontra o português.

Nesse ponto sobre a abreviação, devemos fazer uma pausa obrigatória. Gostaria que revisássemos o seguinte: dissemos um pouco mais acima que a adequabilidade tem um ponto de inconsistência dada sua disposição unilateral. Contudo, como podemos justificar a situação posta pela professora, de que seus alunos fazem uso de uma estrutura que não corresponde à estrutura esperada. Não podemos justificar, aqui, a ausência de apreensão do conhecimento, até porque, mesmo que não saiba escrever a palavra “também” adequada/ corretamente, é certo que dificilmente o aluno recorreria a “tbm”. O que podemos explicar aqui é que há um processo de construção paradigmática. O tempo que o aluno passa escrevendo na escola pode não corresponder

ao que ele passa escrevendo na internet. Além disso, parece-lhe mais interessante sua escrita para comunicar-se sobre assuntos que lhe são de interesse próprio do que de interesse escolar (sabemos das críticas que os estudantes fazem ao ensino, à “obrigatoriedade” de se ter de ir à escola, de o quão “chato” é ter de copiar os conteúdos do quadro, etc.). Daí ser possível que tais alunos, desprendidos da rigidez do gráfico de monitoramento, articulem ambientes de linguagem em um só meio.

No comentário 24, **crisortega1** defende que estudar a variação é motivar a “desinstrução”, a falta do conhecimento do que é regulado. Mais uma vez sua justificativa é enriquecida com uma áurea de amedrontamento: o estudo de estruturas não condizentes com que cobra a gramática normativa poderia levar o país a uma falta de instrução marcante para a sua imagem.

O comentário 25 não terá nossa avaliação por tratar-se apenas de questionamentos sobre a autora dos capítulos de LP do LD. Não nos interessa, portanto, tais questões nem buscamos a que referências de sites a partícipe está fazendo.

O comentário de **zilvannegrao**, n° 26, seguido de uma resposta ratificadora de **MegaJosy25**, n° 27, corrobora as discussões aqui já levantadas sobre a variação, na concepção desse público internauta com o qual estamos trabalhando. Fica claro, mais uma vez, que a variação é vista como uma irregularidade que desagrega o povo de sua identidade linguística. A língua tem de basear-se, nessa concepção, em uma forma única, e essas irregularidades são motivos para crer-se numa Babel, como finaliza o internauta: “A língua portuguesa no Brasil vai ser incompreensível.”.

O delírio do internauta vai além: ele faz riso com a questão. Já que a variação está sendo aceita como forma para uso pela escola, avaliações nacionais como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) – criado pelo governo, inicialmente, para identificar a média anual do aprendizado dos alunos das escolas públicas, e que hoje é veículo para ingresso em universidades federais e particulares do país – teria de criar provas para cada região do país, adequando as questões para a variação daquela região. Para resolver esse impasse, o próprio internauta sugere que haja um padrão, ou todos estarão aprovados.

Esse comentário deixa claro que a proposta do LD não foi compreendida e que a mídia não precisaria fazer alarde sobre a questão. Já vimos que o LD mostra que há formas variantes com o padrão (o qual continua existindo e é usado pelo próprio

ENEM) e que o uso de tais formas variantes, apesar de comum entre alguns grupos, pode gerar o chamado preconceito.

O comentário que se segue retoma as questões que já discutimos aqui. O de **zakarewicz**, número 40, retoma a noção de privilégio e estigma da língua: a norma padrão estaria para o campo do privilégio, enquanto as variantes estariam para o campo do estigma. Passaremos adiante para não deixarmos a discussão circular, repetitiva.

Há ainda a participação de **Paulostanleyyy**, n° 39. Este nos traz outro ponto a discutir: a concepção de linguística enquanto ciência. Percebam que o internauta coloca em par a matemática e a linguística e, com teor irônico, cria a possibilidade de a matemática também ser flexível com seu objeto de estudo. Assim, para ele, da mesma forma que a matemática estabelece as regras para o seu bom uso (é mal visto e não preterido um acadêmico operar indevidamente com essa ciência, por exemplo), a linguagem deve estabelecer as suas. Sua comparação é uma tentativa de mostrar que não deveria ser aceita a ponderação do LD, já que outras ciências não ponderam de mesma forma.

Essa visão, em parte coerente, é-nos interessante porque nos faz pensar que a Linguística não é, quando se trata de dados empíricos (e não de seu funcionamento abstrato, como a teoria do paradigma e do sintagma), uma linguística cega à variação, aos diferentes falares. A concepção de ciência do internauta aqui não contempla os dados empíricos, o que o coloca na posição de um leigo em relação às teorias linguísticas.

O comentário 43, de **GAMINDORE**, é outro particularmente interessante, pois interliga a idade ao conhecimento da língua culta. Não olvidamos o fato de que o internauta deixa nas entrelinhas uma questão que é para ele essencial: as pessoas mais velhas já falam do jeito que falam, coloquialmente, e vão para a escola em busca de aprender a norma padrão.

O problema para **GAMINDORE** não seria registrar a variedade e mostrá-la ao aluno, mas o fato deste registro estar em um livro direcionado para um público de idades diversas: de jovens a idosos. A proposta da EJA, como sabemos, é a de abarcar pessoas que se afastaram, por pouco ou muito tempo, dos estudos, a fim de que tenham seu diploma de ensino fundamental em tempo menor.



Já o último comentário desta leva, por sua vez, traz duas ideias interessantes: a de que houve má interpretação, como já mostramos por aqui, e a de que o LD não é aconselhado para a idade. Não sabemos, no entanto, se o internauta tem noção de que o LD é voltado para um público de idades diversas. Por isso, não aprofundaremos mais a discussão sobre o comentário de **GAMINDORE**, visto sua vagueza e, talvez, falta de conhecimento de causa da discussão.

### **c) Fatores de ordem política**

Observaremos, a partir da leitura dos comentários desta seção, um teor fortemente político, às vezes até mesmo agressivo, no que respeita a tomada de posição ao governo e aos partidos políticos, todos relacionados direta e indiretamente à adoção do livro pelo MEC. O que há de teor social está, de fato, muito mais atrelado ao fator político em si, visto que não víamos, nos comentários já analisados anteriormente, referências diretas a políticos e políticas governamentais. Vale, assim, uma retomada do momento político atual para que se possa contextualizar historicamente às referências expressas pelos youtubers.

Vivenciamos, há mais de 10 anos, uma política tida como de esquerda. Inicialmente representada por Luís Inácio Lula da Silva, ex-presidente (2003-2010), eleito por duas vezes, e hoje representado por Dilma Vana Rousseff, presidenta desde 2011. Ambos são representantes do Partido dos Trabalhadores (PT), cujas tentativas de assumir o poder marcam de anos, mas representativamente após a queda do poder militar (1985). De lá para cá, o ex-presidente ficou bastante conhecido por suas investidas de assumir o maior cargo executivo do país. Sua política, assumida como de apoio à classe média e aos mais desfavorecidos, em geral, gerou muita polêmica. Em sua gestão foram reforçados (e, por muitos, atribuída a responsabilidade de criação) programas de apoio a essa segunda camada da população. A exemplo, temos o “Bolsa Família”, recriação de um programa construído pelo governo anterior, presidido por Fernando Henrique Cardoso.

Ainda nessa considerada “onda populista”, o governo petista criou programas de auxílio ao ingresso dos jovens com baixa renda nas universidades. Foi deste governo a iniciativa de aliar, em 2011, o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) ao ingresso

às universidades, substituindo o vestibular, e também foi dele a iniciativa de financiamento de universidades particulares para os tais estudantes de classe baixa, por meio do ProUni – Programa Universidade para Todos.

A priori, as muitas iniciativas educacionais do governo Lula eram, para muitos, contraditórias à sua vida pessoal: o ex-presidente não tinha desenvolvido seus estudos o suficiente para equiparar-se a outros presidentes, tal qual o Fernando Cardoso que é diplomado em diversas áreas acadêmicas. Diversas foram as discussões a respeito dos critérios que se deveriam ou não ter para se escolher um presidente, assim como diversas foram as atitudes de repúdio ao fato de ser eleito alguém com pouca instrução educacional.

Na época em que explodiu a discussão sobre o LD, um programa específico também estava em pauta no seio da população o *Programa Brasil sem Homofobia*, cuja criação de um kit anti-homofobia tornou-se objeto de discussão para deputados, principalmente da bancada evangélica. Este programa concretizou um kit de orientação da prática de comportamento homossexual. Foi essa concepção que fez com que o material fosse chamado por alguns críticos de “Kit Gay”.

Como a crítica aos partidos ou coligações políticas e a este novo Programa é muito presente nos comentários que vamos analisar, consideramos justificável esse pequeno panorama histórico.

Vejamos, então, a natureza dos comentários aqui nomeados de “fatores de ordem política”.

Presidente bizarra telefona ao MEC...  
-Boa tarde vc ligou para o MEC:  
Para encomendar títulos que enaltecem o PT, disk 1.  
Para encomendar títulos que disseminam o comunismo/socialismo, disk 2.  
Para encomendar títulos que defendem o Fidel, Che, Battisti... disk 3.  
Para encomendar títulos que emburrecem desde o primário ao superior disk 4,  
ou aguarde na linha...  
...Olá o que a senhora deseja?  
-Quero encomendar KIT GAY para as escolas. Pago muuuuito bem.  
ferpiresr1 11 meses atrás

Comentário 10

Parece que o governo quer transformar os jovens em índios para poder coloniza-  
los novamente a sua maneira.  
Alexandrerdt 11 meses atrás

Comentário 11

vejo cada uma aqui... o Livro realmente não é do MEC, mas o MEC está distribuindo nas escolas... a aprovação do MEC acompanha a aquisição e distribuição para as escolas públicas... Além de outras coisas, favorecimento, benefícios concedidos, marca do governo do PT e de um ministro que não entende nada de educação. F. ADAD

[Marhaw](#) 1 ano atrás

Comentário 30

O problema não é o livro. É o MEC, é o PT que por sua ideologia do atraso guela a baixo dos brasileiros. Eu duvido se algum filho de de ministro vai por seus filhos em escola pública para aprender a escrever "os livro" "agente somos" "craro que é problema" etc. Quem fala errado já tem a tendencia de escrever errado, imagine falar e escrever. Escolas publicar já estão desacreditadas imagine um aluno fazer vestibular e escrever "nós é inteligentes". Vai ter que ter cotas para eles.

[zilvanegrao](#) 1 ano atrás

Comentário 33

E viva o apartheid linguístico e oficialização da idiotia.

MEC: Caras crianças e caros jovens, futuro da nossa nação, no português sempre se está certo independentemente da forma que se falar.

Futuro da nassão: Mar na inscola a gente aprendem ki num existissemos geito serito de purtuguesis!!!! Pruqui tomamo ferro in tutô quantu é prova agura?

MEC: GLU GLU! PEGADINHA DO MALANDRO! Era brincadeira: nas provas da vida se cobra a forma culta da língua! Quem mandou estudar em escola pública, seus pobres!

[placoelho](#) 1 ano atrás

Comentário 41

O primeiro dos comentários, o de número 10, faz, de cara, uma intertextualidade<sup>24</sup> com as operadoras de telemarketing. A mensagem geralmente gravada com opções para que o cliente opte por uma das sugestões oferecidas na ligação tornou-se comum, a fim de se agilizar o atendimento. É geralmente no fim das opções que se segue um número de solicitação para se falar com um atendente ou a opção de se aguardar na linha para ser atendido.

A escolha de se ter a própria presidenta ligando para o MEC faz com que as opções dadas pelo atendimento telefônico tenham uma acidez muito maior.

Os comentários de número 30 e 33 podem ser analisados juntos por seu comum ataque ao governo petista. Não os analisamos juntamente com o primeiro, porque este possuía um teor muito mais ligado à recente história política de nosso país e, por isso, preferimos analisá-lo em separado (mesmo reconhecendo sua ardente crítica ao partido).

<sup>24</sup> A noção de “intertextualidade” é aqui tomada a partir da Linguística Textual (cf. MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (Orgs). *Introdução a Linguística: domínios e fronteiras*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, v. 01. 2008; FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Vilaça. *Linguística textual: São Paulo*. Cortez, 2002) e se simetriza, de certa forma, à noção de “interdiscurso” veiculada pela Análise do Discurso (Cf. BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 8. ed. Campinas, SP: Ed. Da UNICAMP, 2002). A intertextualidade respeita ao diálogo entre textos; no caso de nossos dados, não se trata de um diálogo estrutural, mas discursivo, através do qual se deixam ver posições similares em relação a dois programas do governo: a distribuição e aprovação do MEC do LD “Por uma Vida Melhor” e o *Programa Brasil sem Homofobia*, os quais parte da população não vê com bons olhos.

O de número 30 aparenta, inicialmente, querer salvar o MEC da responsabilidade sobre o livro. Sua forma de raciocinar, em uma sequência lógica de sucessão de fatos, faz com que, por um lado, isente-se e, por outro, acuse o MEC. Isenta-se quando se diz que o LD não é do MEC, ou seja, não foi o MEC que, no sentido literal, produziu o LD. No entanto, acusa o MEC por sua distribuição nas escolas públicas do país. Por isso, sua construção reflexiva sobre as ações do ministério: “[...] o Livro realmente não é do MEC, mas o MEC está distribuindo nas escolas [...]”.

A acusação torna-se o ponto central para o internauta. A aquisição e a distribuição em escolas públicas é apenas um dos fatores de erro na política do MEC. O internauta ressalta, não sabemos por que viés, possíveis favorecimentos com a aquisição dessa obra em escolas públicas. Os vieses poderiam ser:

1. o da política de manutenção de poder. Ao dizer que há favorecimentos, esse poderia ser um deles. Já que é comum a este grupo, o dos contrários à proposta do LD, acreditar que há essa política por parte de partidos como o PT; uma forma de tal partido se autofavorecer seria utilizar o que já falamos anteriormente: desfazer a instrução da população para tentar instruí-los à sua maneira e comodidade;

2. o das corrupções ocorridas no governo petista. Além das já referidas polêmicas educacionais, o PT ficou conhecido por revelar grandes sistemas de corrupção ocorridos nos parlamentos e câmaras. Um deles, apenas para ilustração, foi o Mensalão, tipo de “mesada” advinda de desvio de dinheiro público e rateada entre muitos políticos. Nessa concepção, o LD seria uma escolha com políticas de beneficiamento a algum grupo.

Ressaltamos que a discussão ocorrida em torno do LD não resvalou em algum tipo de sistema de corrupção. A discussão ficou apenas nos âmbitos de associação aos sistemas social, político e linguístico. Portanto, deixamos claro descartar que essa seja uma possibilidade de justificativa para a escolha do LD e que essa acusação tenha sido a intenção do interlocutor. Como estamos trabalhando com possibilidades, com leituras, estamos aqui apenas fazendo leituras possíveis de um comentário que não deixa tão visível a concepção do que sejam “favorecimento” e “benefício concedido”.

3. o dos benefícios concedidos à população. A política petista de adoção de sistemas de benefício populacional (direcionado à classe menos provida de

recurso financeiro). Exemplificamos aqui o programa Bolsa Família, recurso cedido a famílias de baixa renda a fim de ajudar a complementar a renda familiar e que busca diminuir os índices de pobreza do país.

Esse tipo de política foi/é bastante criticado por, dentre tantos motivos, incentivar a facilidade na conquista de recurso financeiro. Seria uma política que não incentivaria a busca por mais recursos já que o simples fato de se ter uma baixa renda é (quase) suficiente para a obtenção do benefício.

O LD seria um “benefício” concedido à população, visto ser gratuito e atender a uma grande massa da população que já não teria mais acesso à educação regular e que teria, provavelmente, de pagar para concluir sua formação. A qualidade do serviço, neste ponto, por ser gratuito, seria questionado pela qualidade do livro. Assim como, se for esse o comparativo feito pelo internauta, a política populista tem suas deficiências, o programa de atendimento à formação de jovens e adultos teria também as suas: o LD, por exemplo.

O comentário seguinte, o 33, faz mais referências ainda a discussões ocorridas nestes mais de 10 anos de era PT. Primeiramente, é muito interessante atinar para o fato de que o internauta deslocou totalmente o LD do foco. No entanto, isso é só inicialmente, visto que, no decorrer de seu comentário, lemos nas entrelinhas a crítica ao livro. Para ele, o problema concentra-se nas políticas do referido partido (considerando que o MEC era, na época do comentário, dirigido por um petista também, o ministro Fernando Haddad, que deixou o cargo para assumir a prefeitura de São Paulo na eleição de 2012). O partícipe repete o que disse o anterior: o partido atua com uma política de retardo do avanço, do progresso da população.

Esquece-se, no entanto, que o estudo das variações decorre do PCN, publicado ainda no governo de Fernando Henrique. Em 1997, já no fim de seu primeiro mandato, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso apresenta os novos Parâmetros Curriculares Nacionais. Nesse documento, ficam claras as novas propostas de ensino que devem contar com a proposta da inclusão social (acesso escolar a deficientes, trabalho de inclusão de grupos sociais marginalizados, etc.) e com a modificação das metas e conteúdos a serem trabalhados em sala. A proposta é que o aluno tenha acesso à leitura, que as aulas tenham dinamicidade de textos e gêneros e que o aluno tenha maior grau de habilidades linguísticas com as diversas variantes da língua.

Sobre esse último aspecto, os PCN deixam claro que:

Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma “correta” de falar, o de que a fala de uma região é melhor da que a de outras, o de que a fala “correta” é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. (PCN, 1998, pág. 31)

Essa concepção de que era necessário mudar o ensino de português levou à percepção da aula que parte do texto (não o tornando pretexto para a conceituação, como bem esclarece Marisa Lajolo (1985) e na acepção de que a gramática normativa não é o elemento central da aula). Com essa percepção, o trabalho com gêneros diversos passou a ser objeto de livros didáticos e de materiais de sala de aula, bem como alvos de bancas de concursos, que largaram mão das típicas questões fechadas ao universo do decorar, ligado à gramática normativa, e passaram a exigir a competência da interpretação, da leitura.

Esse movimento pró-gênero, por sua vez, inocentemente evocou um movimento, digamos, “antigramamaticista”. Este se traduz na acepção de que não se deve normatizar no ensino proposto em sala de aula e que a Gramática Normativa (GN) é apenas um conjunto de terminologias desnecessário na aprendizagem do aluno. Crucificou-se, desse modo, o ensino pautado na GN, mas de forma a querer excluí-lo completamente das salas de aula.

Essa exclusão, por sua vez, parece ter-se aderido à crença (ao que é de crédito do senso comum) de que as escolas particulares, devido ao seu público específico, qual seja as classes A e B, ensinam aquilo que é proposto pelo documento oficial, sem deixar o foco no ensino da norma-padrão, ao contrário do que faz a escola pública. Esse discurso de abolição da norma-padrão não atinge, assim, o ensino e as salas de aula da escola particular, provocando a divisão clara entre um ensino que já se encontra sucateado pela falta de estruturas, de investimentos e de atenção, e uma escola em que o cuidado com a formação e o aprendizado do aluno são prioridades não só dos professores, mas dos diretores, coordenadores e pais.

Suas duas últimas sentenças, irônicas, trazem à tona mais uma descrença em outra proposta do governo atual: cotas para estudantes de escolas públicas, para alunos de baixa renda e para negros e índios. A ironia demarca que há mais uma ação petista

que desagrada, representativamente, ao grupo dos que se mostram contra a proposta do LD. Ter cotas para quem não faz uma concordância devida seria uma forma de satirizar a quantidade de propostas de cotas criadas para o sistema educacional público. Seria ainda mais um dos sistemas a serem criticados por facilitar a entrada de estudantes de escolas públicas nas universidades, em vez de sanar o problema por meio de políticas de melhorias da estrutura educacional.

Para finalizar este grupo de comentários, temos um youtuber que faz graça ao criar uma situação fictícia de diálogo entre o MEC e o “futuro da nação”. Nesse gracejo dialogal, o MEC mostra-se malandro (e aqui o jogo se faz entre a palavra malandragem e o apresentador e humorista Sérgio Malandro).

Ainda quanto ao aspecto político, o comentário de **zilvanegrao**, o de número 34, traz à tona o fato de os políticos não quererem, aqui no Brasil, aprovar a lei que os obrigaria a matricularem seus filhos em escolas públicas. O problema é que, como já dito, essas não possuem estrutura suficiente para que se possa creditar no ensino por ela prestado e esse seria o motivo para que pessoas de classes A e B, como os políticos, não matriculassem e mantivessem seus filhos em escolas públicas. Esse tema já foi (e ainda é) lembrado pela população que, revoltada, acusa a falta de uma política mais atenciosa com a situação da massa populacional.

Por fim, o participante toca em mais um tema de repercussão nacional: as cotas. No nosso país já foram aprovados dois tipos de cotas, uma social e a outra racial. Esta última foi decidida ainda este ano, sendo, portanto, elemento fora da referência do discurso 33. O **zilvanegrao** parece fazer piada do sistema adotado. Para ele, adotar um sistema político desse tipo pode ser uma forma de disfarçar o caos educacional vivido. Percebamos que ele afirma serem necessárias cotas para um aluno que preste vestibular e escreva “nós é inteligentes”. As cotas estariam, dessa forma, mascarando a realidade da situação em que o aluno (de escola pública) se encontra.

No mesmo tom que o comentário 33, o comentário 42 já traz de imediato uma referência à história geral: o *apartheid*. Este foi um movimento conhecido na África do Sul, cuja ação foi segregação racial. O domínio do país encontrava-se na mão da minoria branca, enquanto a massa negra, sem poder e submissa às vontades dos brancos, não tinha direitos como votar e adquirir terras. Também lhe era proibida a

relação com pessoas de etnias diferentes, o que provocava um verdadeiro confinamento geográfico.

O cenário veio a mudar quando com ações do partido CNA (Congresso Nacional Africano), do qual e pelo qual Nelson Mandela participava e foi preso, e após massacres. O enfraquecimento do poder da elite branca fez com que Mandela fosse solto e, anos depois, eleito presidente do país.

O comentário do *youtuber* parece enveredar-se pela já referida crença de que o estudo da variação pode fazer com que haja divisões sociais mais marcadas. E essa comparação é fortemente marcada pelos conflitos sócio-raciais africanos marcados em sua escolha lexical: *apartheid*.

Sua reprovação, por sua vez, não se marca apenas nessa comparação, pois chega a conferir o adjetivo “idiotia” ao processo de ensino aqui discutido. A idiotia, por sua vez, reflete-se também na jocosa ironia lançada com vozes alheias criadas por ele. Nela aparecem distintamente duas vozes: uma correspondente à do “MEC” e outra à do “Futuro da nação”. Percebamos que intencionalmente ou não, a nomeação deste remete a uma música do grupo Legião Urbana, qual seja “Que país é esse”. No refrão em que a expressão “futuro da nação” aparece, a crítica do grupo é à política suja, corrupta que há em nosso país até hoje (mesmo a música sendo de 1978, quando o vocalista da banda, Renato Russo, fazia parte de outra banda chamada “Aborto elétrico”). Vejamos o trecho da música:

Nas favelas, no Senado  
Sujeira pra todo lado  
Ninguém respeita a Constituição  
Mas todos acreditam no **futuro da nação**

Que país é esse? (x3)

[...] <sup>25</sup>

O discurso de disparidade social não é, portanto, recente. Percebamos que no primeiro verso da música há a construção de uma antítese, já que “favelas” opõe-se a “Senado” pela própria imagem do espaço que eles constituem, por seus moradores/frequentadores, pela disparidade financeira, educacional, discursiva e representativa entre esses. Contudo, algo une tais ambientes e sujeitos: a “sujeira”. Nas favelas, a

---

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://letras.mus.br/legiao-urbana/#mais-acessadas/46973>>. Acesso em: 27.07.12 (Destaque nosso).



sujeira representada pela pobreza, falta de educação, insegurança e pelo próprio lixo em excesso, por exemplo. No Senado, a sujeira é figurada pela corrupção, pelos falsos discursos, pelas falácias políticas de apoio populacional etc.

Nos dois últimos versos da estrofe temos mais uma disparidade: não atender aos critérios constitucionais e, ao mesmo tempo, acreditar que país será alavancado. A Constituição, segundo a página online do próprio Planalto brasileiro,

[...] deve regular e pacificar os conflitos e interesses de grupos que integram uma sociedade. Para isso, estabelece regras que tratam desde os direitos fundamentais do cidadão, até a organização dos Poderes; defesa do Estado e da Democracia; ordem econômica e social<sup>26</sup>.

A oposição desenvolvida tem um bom olhar sobre as contradições nas ações e crenças de brasileiros (sejam eles políticos ou não). A visão de que se conseguirá avançar, progredir, melhorar situações como a das favelas, por exemplo, anda em contramão com a de um país injusto social, política e economicamente. Ao contrário do exposto como norte da Constituição, o que Renato Russo nos diz é que não há, na verdade, essa preocupação com o futuro da nação. Da mesma forma, o nosso comentarista, ao referir-se à nação daqui a alguns anos, intencionalmente ou não, nos remonta a todo esse discurso da canção citada. Agora vejamos as falas atribuídas ao MEC e ao “Futuro da nação” pelo comentarista.

As vozes de ambos (MEC e população futura) desempenham um papel metafórico do processo e do resultado que o participante (assim como outros já analisados) acredita ser o educacional desenvolvido pelo atual governo. Para ele, é o Ministério da Educação, e conseqüentemente o PT, que tem uma política educacional vil, cuja intenção é a já citada manutenção do poder da elite brasileira e da desigualdade social, marcado pela brincadeira em “GLU! GLU! PEGADINHA DO MALANDRO!”. O discurso dado ao MEC ainda traz consigo o pressuposto de que hoje se trava um verdadeiro “vale-tudo” linguístico na arena do ensino de Língua Portuguesa, em que o uso não condiz com as cobranças exigidas para o ingresso em universidades. Nessa perspectiva, acredita-se que tudo o que é dito, consoante ou destoante à Gramática Normativa, é aceitável do ponto de vista linguístico. Essa crítica parte de discursos do

---

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/presidencia/a-constituicao-federal>>. Acesso 27.07.2012.

senso comum que acreditam ser regra para alguns profissionais das Letras a aceitação do que é dito, de qualquer forma que seja dito, para que não se tenha preconceito, para que não haja constrangimento com quem diz, etc.

Ao contrário do que é dito em salas de aula de escolas públicas, segundo a mesma crença acima, o ensino do português padrão nas escolas particulares, com um toque de cobrança a mais do uso desse padrão, faz a diferença na formação pessoal e profissional dos sujeitos. Ao enunciar para os alunos de escolas públicas que se pode fazer qualquer uso, acredita-se com isso que o discurso do ministério é aquele cuja intenção é a manutenção do poder do poderio da elite por meio da não formação da massa. Ou melhor, de uma formação contrária à da elite.

Resultante da ideologia (diga-se de passagem, falsa) acima construída, o discurso construído pelo “Futuro da nassão” é de completo caos linguístico. Construções fonéticas distorcem a escrita e escolhas de formas não condizem com variantes comuns do português, tais quais o uso de “existíssemos” e “agura”. Outras variações são possíveis, dada a pronúncia comumente empregada dos termos, a exemplo de “Mar”, “portugueis”, “ki” e “quantu”, outras pela concordância por vezes estabelecida fora do alcance do sinal da Gramática Normativa, como “a gente aprendem” e “tomamo”, e outras por possibilidades de uso de determinadas estruturas no âmbito da escrita, “geito serto”, “in”. Estas últimas costumam causar dúvidas em alunos, por exemplo, já que há paradigmas que podem ser formados na construção escrita delas. A pronúncia de “inscola” remonta à não pronúncia correta de palavras simples do cotidiano, tais quais “governo”, por vezes pronunciado [guN´vehnu], ou “advogado”, com pronúncias do tipo [adevogadu]~[adivogadu]. Por fim, a simples escolha do pronome “a gente” com concordância em 1ª pessoa plural remonta a um uso menos monitorado da língua, o que revelaria a falta de um trato linguístico mais apurado e a ausência de uma política mais efetiva no ensino.

A última fala do MEC, por sua vez, parece estarrecedora. O comentarista faz escolhas brutas e abruptas de um discurso revelador, segundo a concepção dele e de outros participantes, do olhar que a política nacional teria sobre o ensino público e o público desse ensino. Iniciando a frase com “GLU GLU! PEGADINHA DO MALANDRO!”, o comentarista faz alusão à imagem de Sérgio Malandro, apresentador de programa infantil que faz uso de algumas singulares, tal qual o “Glu! Glu!”. Não

entraremos em detalhes neste ponto porque essa referência serve para intensificar o grau da brincadeira feita. O comentarista ironiza o MEC ao compará-lo com um jocoso apresentador brasileiro. É em seguida que vem a revelação: o discurso primeiro era uma brincadeira (de mal gosto), uma joça com a massa populacional. Neste discurso, o “MEC” revelaria que não foi levada em consideração no ensino público a noção de monitoramento linguístico. O ensino baseou-se na concepção de “vale-tudo” e por isso o discurso da nação era tão caótico. E o pior, contudo, vem no último período: uma ironia que trata da falta de opção da população por um ensino de qualidade, isso devido à escancarada pobreza, o que ratifica a disparidade social do nosso país e a falta de um investimento mais efetivo na educação.

As análises feitas neste item nos mostram que os internautas não estão preocupados em considerar a língua e seu funcionamento, tampouco a questão da variação linguística, mas pensam que o LD transcorre na contramão do que deveria ser ensinado nas escolas e que contribuem, efetivamente, para a divisão de classes. Consideram ainda que o partido governamental é irresponsável no que respeita à formação qualificada dos cidadãos.

## **2 COMENTÁRIOS FAVORÁVEIS**

**“Este livro eu acho que não foi lido pelas pessoas que estão levantando estas questões todas”.**

**(Ataliba Castilho)**

Nesta seção de comentários, veremos como os comentários que defendem o LD pouco se articulam a respeito de elementos da política brasileira e pouco mostram das questões sociais. As justificativas que eles encontram, ao contrário dos comentários anteriores, respaldam-se muito mais na linguística do que em fatores “externos” a ela, propriamente ditos. Ou seja, são explicações muito mais voltadas para o âmbito educacional do que para o social ou político. Assim, aquelas ideias de relação de poder, de políticas brasileiras, de más administrações governamentais, pouco (ou nada) veremos nos comentários abaixo. Deve-se levar em consideração que ainda estamos lidando com um público leigo, externo às discussões acadêmicas.

Parece-nos contraditório o quadro acima, uma vez que o âmbito acadêmico respalda suas justificativas de análise e de estudos das variações da língua afastando-se mais de explicações puramente linguísticas, mas articulando-as ao social, ao político, ao econômico, ao institucional, etc. (BAGNO, 2002, 2003, 2007, 2009; LABOV, 2008; BORTONNI, 2011). É por isso que veremos neles muito mais claras concepções de “erro/inadequação” e de “acerto/adequação”. Muitas justificativas para o posicionamento deles nos lembram das palavras de Bagno (2002, 2003, 2007, 2009) sobre o assunto.

Os comentários desta seção apontam para questões, por vezes, mais particulares, como a qualidade do jornalismo, ou possíveis incoerências/ inconsistências em discursos de outros youtubers, por exemplo.

Vejam, então, um grupo de comentários, sem inseri-los em alguma categoria, apenas a título de ilustração para o que estamos falando.

Leiam o livro antes de criticarem... pelo amor viu.	Comentário 08
William,Fátima e Júlio,vocês leram o capítulo?Se o leram verão que em nenhum momento há a pregação de que se deve ensinar errado.O que há é a constatação de algo que já existe,que é o falar popular e que a autora o tempo todo explica que ele deve ser acolhido mas como forma de comunicação!E que a norma padrão é essencial e deve ser trabalhada o tempo todo!Prova disso, são os exercícios propostos.Por favor,leiam antes de saírem criticando algo que vocês não entendem.Issso é achismo e preconceito! etideoliveira 11 meses atrás 2	Comentário 09
Senhora Cris Ortega, muito me admira a senhora dar aulas de Português. A senhora não ensina para os alunos que antes de comentar qualquer assunto é preciso ter conhecimento do mesmo? Leia o livro antes de comentar!!!! professora95 1 ano atrás	Comentário 18
Repito: na minha escola particular estudamos isso. Não é à toa que eu defendo o livro. Procurem ler mais a respeito do tema, para formar um julgamento próprio. periclesrl em resposta a MegaJosy25 (Mostrar o comentário) 1 ano atrás	Comentário 29

Um traço ocorre em comum entre os comentários acima: há um pedido para que seus interlocutores leiam, de fato, a obra discutida. O primeiro deles parece pedir isso aos youtubers em geral, participantes ou não da discussão que se desenrola. A expressão “pelo amor viu” faz referência ao popular dito “pelo amor de Deus”, o que revela um ar de obviedade do que é dito por ele próprio juntamente com contrariedade por ter dizê-lo (já que é óbvio).

O comentário seguinte, de **etideoliveira**, é um pouco mais específico quanto aos seus interlocutores: os jornalistas que participam do jornal em que a notícia é apresentada, quais sejam, William Bonner, Fátima Bernardes e Júlio Mosquera. Os dois primeiros são os apresentadores e o segundo é o repórter que encaminha a reportagem do jornal aqui já tratada.

Há, além do pedido, a clara expressão de que não há um ensino do erro no LD, mas de mostrar aos alunos que existem formas populares de comunicação. A norma, segundo a youtuber, no LD, não fica de fora (o que é comprovado pela diversidade de elementos trabalhados como o uso de pronomes, de artigos etc.).

Ela ressalta, por fim, que a crítica dos jornalistas é infundada, visto não terem lido o capítulo da obra e orientarem a matéria. Seguindo o raciocínio dessa partícipe, os jornalistas basearem-se apenas nos trechos que fazem alusão à linguagem não padrão.

Estaria, assim, acusando-os indiretamente de sensacionalistas. Outros comentários vão por este mesmo caminho, acionando críticas em relação à mídia. Assim, encontramos uma subcategoria neste grupo dos favoráveis o qual nomeamos:

**a) Favoráveis com manifestação crítica em relação à mídia ou a outros youtubers participantes da discussão**

<p>As pessoas esquecem porque o jornalismo que entra na casa delas não cumpre seu papel. Pra variar, a falta de estudo crítico faz delas pura massa de manobra. Imagine se a tevê não fosse uma concessão. :S</p> <p>Dá uma googlezada em "padrões de manipulação na grande imprensa". Tem umas resenhas razoáveis.</p> <p>Talvez vc se convença.</p> <p><a href="#">periclesri</a> em resposta a <a href="#">GusrjcBR</a> (Mostrar o comentário) 1 ano atrás</p> <p>Já vi esses textos VÁRIAS VEZES, eu concordo parcialmente com eles ( o que é</p>	<p>Comentário 59</p>
<p>Já vi esses textos VÁRIAS VEZES, eu concordo parcialmente com eles ( o que é o mesmo que dizer que discordo parcialmente). Muitas pessoas falam que a mídia "guia o senso comum", isso é verdade, mas também devemos reconhecer que a própria imprensa é dependente do senso comum, que não é criado exclusivamente pela mesma.</p> <p>Exemplo: Já vi algumas vezes na globo defesas muito sutis da discussão da legalização do aborto, no entanto isso nunca é feito abertamente por medo do senso comum.</p> <p><a href="#">GusrjcBR</a> em resposta a <a href="#">periclesri</a> (Mostrar o comentário) 11 meses atrás</p>	<p>Comentário 60</p>
<p>continuação: nas duas vezes que vi isso o reporte dizia que o assunto do aborto deveria ser afastado da questão religiosa.</p> <p>Esses textos que falam sobre o domínio da mídia não estão exatamente errados, o problema é que eles tratam o assunto de uma forma MUITO SIMPLISTA. A opinião pública é influenciada pela mídia, mas a própria mídia é obrigada a seguir a opinião pública. Os meios de comunicação de massas teriam enorme dificuldade em propagar uma opinião que vai contra o senso comum.</p> <p><a href="#">GusrjcBR</a> em resposta a <a href="#">periclesri</a> (Mostrar o comentário) 11 meses atrás</p>	<p>Comentário 61</p>

Não discordo tanto. Mas dou um exemplo pra provar que a coisa é mais perigosa do que parece: consulte a opinião pública a respeito do chavismo. Imediatamente, o "cidadão de bem" associá-lo-á a qualquer golpismo. Mas o que esse cidadão sabe realmente da Venezuela atual e da antiga? E da implementação dos direitos humanos naquele país? Absolutamente nada. No entanto, há um preconceito, em vez de uma opinião robusta. Por quê?

Recomendo: "a revolução não será televisionada" youtube.

valeu

[periclesrl](#) em resposta a [GusrjcBR](#) ([Mostrar o comentário](#)) 11 meses atrás

Comentário 62

Será comum, em alguns dos comentários, vermos a referência aos jornalistas ou à qualidade do jornalismo como forma de justificar a querela. Essa justificativa decorre do fato de os internautas desse grupo de defesa considerarem que o estudo da variação consta nos PCN, publicados em 1997, ainda no governo Fernando Henrique, ou seja, de que o jornalismo não é competente por estar criticando algo que não é recente ou ainda por não compreender que a ação do LD é uma resposta ao PCN. Fica, então, que o que diferencia esses comentários dos contrários é apenas a opinião que se tem sobre o LD, pois ambos ressaltam a importância do estudo da norma padrão. Esse ponto é crucial para que fique claro o quanto este grupo, o dos defensores do LD, defendem um ensino que traga, também, a norma como elemento de ensino, ao contrário dos burburinhos que assolam corredores de universidades a respeito do fim do ensino de gramática normativa. Ressaltamos, inclusive, com acréscimo, que o essencial é uma revisão gramatical que possa trazer o que se tem como norma padrão (aquela utilizada pelos acadêmicos de hoje).

O próximo comentário é um ataque a uma das participantes do youtube na página do comentário. A youtuber atingida é a **crisortega**, responsável pelos comentários de número 19, 22, 24 e 25, e que se mostra contra a proposta do LD. A ofensa criada por **etideoliveira** atinge o lado profissional de **crisortega**, por questionar se a atitude da professora condiz com o que ela ensina aos alunos, a de ter respaldo, autoridade em um assunto ante de abordá-lo.

**b) Valoração de certo e errado com possível apoio da (socio)linguística, documentos e instituições legais**

**“É melhor usar a palavra norma para a fala culta”**

**(Ataliba Castilho)**

Nesta subseção, trataremos dos comentários que buscam justificar a concepção do LD levando em conta as acepções de “certo/errado”, “adequado/inadequado”. Encontraremos ainda uma porção lexical que pretende, ao que nos parece abarcar este campo semântico. Buscamos mesmo os comentários que grafam, marcam em sua escrita a expressão e que buscam conceituá-la.

Passemos aos comentários.

<p>Gente, desculpa, mas me parece absurdo que um mal entendido tão bobo desses seja levado tão a fundo quando os jornais deveriam esclarecer de vez um assunto tão bobo. Não precisa ser linguista pra saber que o conceito de "certo" e "errado" quando se trata de variantes linguísticas não existe. O importante é a comunicação ser feita. Isso é uma coisa.</p> <p><a href="#">adoravelmolestia</a> 11 meses atrás</p>	<p>Comentário 13</p>
<p>Outra coisa é a norma culta, que usamos em situações adequadas - porque usar norma culta em certas situações também pode ser um equívoco - e que devemos obviamente aprender. Volto a falar, a autora defende uma história muito manjada no meio linguístico e que agora está sendo dividida com os alunos desde cedo. Isso significa progresso, um avanço no fim do preconceito linguístico. Partindo do princípio de que toda forma de comunicação deve ser respeitada, e isso não se controla com acordos.</p> <p><a href="#">adoravelmolestia</a> 11 meses atrás</p>	<p>Comentário 12</p>
<p>Essa discussão é boa, gostaria de lembrar porém que conforme a gramática da língua portuguesa, praticamente todos brasileiros falam "errado", mesmo aqueles com nível superior completo, ou mais. Em conversas com nossos amigos e parentes usamos uma língua, ainda segunda a gramática da língua portuguesa, com vários erros; seja no uso de pronomes, seja na pronúncia das palavras. Talvez seja a hora do Brasil declarar independência linguística e dizer que falamos a língua Brasileira</p> <p><a href="#">jsoliv</a> 11 meses atrás</p>	<p>Comentário 16</p>
<p>Mais um detalhe: o hindi e o hurdu, falados na Índia e no Paquistão, respectivamente, são línguas distintas, e com origem comum. Um falante o hindi compreende um falante do hurdu caso conversem vagarosamente usando termos simples. Porém são idiomas distintos, talvez devido ao relacionamento entre os dois países. O curioso é que a diferença entre o hindi e o hurdu é menor que entre o "português" falando no Brasil e o português falando em Portugal.</p> <p><a href="#">jsoliv</a> 11 meses atrás</p>	<p>Comentário 15</p>
<p>Eu concordo com a editora. Acho escroto classificar como errado ou certo. Eu não almoço nem janto todos os dias de acordo com a "etiqueta", o meu jeito de almoçar ou jantar é inadequado em lugares "chiques". Ouço centenas de pessoas falando desse jeito "errado". Eu entendo o que o cara falou, e o que ele quis dizer, ele está falando a minha língua. Não vejo nada de errado em escrever ou falar dessa forma, isso não passa de uma frescura da sociedade.</p> <p><a href="#">DanielMasterConsole</a> 1 ano atrás</p>	<p>Comentário 31</p>
<p>Eu peço a tds que veem está reportagem para tomar cuidado com o conteúdo divulgado! Usem o senso crítico (pelo menos 1 vez na vida), procurem + informações antes de julgar algo como correto ou não! O trecho do livro q aparece logo em seguida ao mostrado na GLOBO é: "O falante, portanto, tem de ser capaz de usar a variante adequada da língua para cada ocasião." O argumento: "eles ensinam errado e cobram o certo no ENEM" e similares é falho, pois cada ocasião é diferente. E devemos saber diferenciar!</p> <p><a href="#">mvcs33</a> 1 ano atrás 2</p>	<p>Comentário 37</p>

<p>Conclusão: A escrita e a oralidade são modos de expressão distintos. Além disso, há ocasiões distintas dentro da variante oralidade.</p> <p>Portanto, a norma culta é, sim, importante na escrita (em provas) e em ocasiões como uma entrevista de emprego!</p> <p>Porém na oralidade, em ocasiões comuns, (como em uma conversa INFORMAL, em casa, na rua, com amigos), a norma culta não se faz necessária!</p> <p>Espero que tenham compreendido o que eu quis lhes dizer..! E que não me interpretem de maneira equivocada!</p> <p>Abraços</p> <p><a href="#">mvcs33</a> 1 ano atrás 2</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: auto;">Comentário 36</div>
<p>Se o livro cumpre com o ensinamento das normas cultas, exigidas para concursos e provas, etc., não vejo razão para incluir, em poucas páginas, um conceito teórico e profundo da linguística, principalmente objetivando o respeito à variedade cultural num país naturalmente diversificado.</p> <p>Essa discussão não é nova e nem desnecessária.</p> <p>Acho que o tom condenatório da notícia só espelha nossa limitação intelectual, que, como exemplo, não deixa de denunciar a falta de cultura como vício pedagógico.</p> <p><a href="#">corsariomanic</a> 1 ano atrás</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: auto;">Comentário 42</div>
<p>Oi tudo bem. Amigo, tente entender a nossa opinião. O modo formal da língua vai ser cobrado academicamente do aluno, já a forma coloquial não.</p> <p>Países como Japão, Coreia do Sul e Finlândia que tem índices educacionais altíssimos, será que algum desses usa livros nas escolas que defendem o uso da língua em desconformidade com a forma culta?</p> <p><a href="#">GusrjcBR</a> em resposta a <a href="#">periclesrl</a> (Mostrar o comentário) 1 ano atrás</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: auto;">Comentário 47</div>
<p>Não sei se deu pra entender. Pra acabar com qualquer dúvida: eu concordo com o livro! A linguagem regional (p. e.) guarda grande valor cultural. Não dá pra imaginar Patativa recitando poemas de A. dos Anjos. Acho mesmo importante o livro mostrar aos jovens o valor da linguagem de seus pais, do vendedor da feira, etc.</p> <p>O que eu estou criticando é a forma tendenciosa como a notícia é apresentada, só isso. Sim, jornalismo é ideologizado, e tem que ser JUSTO.</p> <p>a globo é mó paia.</p> <p>Abrs</p> <p>CE</p> <p><a href="#">periclesrl</a> em resposta a <a href="#">samyamesquita</a> (Mostrar o comentário) 1 ano atrás</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: auto;">Comentário 46</div>
<p>A grande decepção é ver jornalistas, que, em teoria, estudaram o fenômeno linguístico, veiculando uma notícia preconceituosa assim. São superficiais demais.</p> <p>E quem disse que "a escola está negligenciando o ensino da norma culta"?</p> <p>Do ponto de vista jornalístico, esses aí são uma negação. Aliás, isso nem é Jornalismo.</p> <p>=/</p> <p><a href="#">periclesrl</a> 1 ano atrás</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: auto;">Comentário 44</div>
<p>jornalismo é isso: mostrar sua ideologia. e triste ver como as teorias estudadas da universidade sao tao negligenciadas no meio social...esses comentarios ja estao embutidos de preconceito linguistico, o que se tenta combater nao so com o ensino da norma culta, mas com o trabalho de quebra de parametros preconceituosos diga a um cearense que fala a variação nordestina do portugues que passou em primeiro lugar no ITA que ele fala errado!!! D: sera mesmo inteligivel sua comunicação?</p> <p><a href="#">samyamesquita</a> em resposta a <a href="#">periclesrl</a> (Mostrar o comentário) 1 ano atrás</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: auto;">Comentário 45</div>

Os comentários de número 12 e 13, da mesma autora, **adoravelmolestia**, iniciam-se justificando que a discussão é desnecessária pelo fato de o assunto já ser de conhecimento popular e não requerer formação mais complexa (formação acadêmica na área das linguagens, por exemplo). Para ela a discussão não passa de um “mal entendido”, o que ratifica o seu posicionamento favorável em relação ao LD. A



compreensão de que o LD transmite a respeito da variação é importante, em seu ponto de vista, por ir de encontro ao fim do preconceito linguístico e por já ser um assunto bastante discutido nas salas de aula acadêmicas. Portanto, mostrar e discutir sobre a variação em sala de aula seria um avanço nas aulas de Língua Portuguesa. É isto que defendem os comentário abaixo em resposta aqui:

<p>Eu gostaria de saber quem fala Peguem-no em vez de Peguem ele! Até os professores de português não falam de acordo com o que estão ensinando!!! Mary Kato, a linguista da UNICAMP escreveu: "O Brasil apresenta assim um caso extremo de 'diglossia' entre a fala do aluno que entra para a escola e o padrão de escrita que ele deve adquirir." <a href="#">BatteredPiano</a> 11 meses atrás</p> <p><i>Comentário removido</i> Autor mantido</p>	<p>Comentário 14</p>
<p>Não, amigo. Como eu disse, essa orientação do MEC data de 1997. Leia a nota oficial da Abralín e os artigos da Alab a respeito do assunto. Vai por mim, debatemos esse mesmo assunto na minha escola, que é particular, e tem altos índices de aprovação no vestibular. O que merece atenção na educação do Brasil é a falta de investimento mesmo. A histórica falta de investimento, o sucateamento dos CIEPS, etc. Isso é que nos deve deixar indignados. <a href="#">periclesrl</a> em resposta a <a href="#">zilvernegrao</a> (Mostrar o comentário) 1 ano atrás</p>	<p>Comentário 34</p>
<p>Tenho grande pena de todos aqueles cujos comentários falam sobre a educação/escola relacionados ao vestibular. Talvez ensinar e avaliar a multiplicidade, o que se vê no dia a dia, não valha a pena. Afinal, quando você deixar seu filho com 7 anos pela primeira vez na escola, dirá a ele "aprenda a norma culta pois daqui a 10 anos você prestará vestibular e vão te cobrar isso". Triste é ver a falta de sentido na escola durante pelo menos 10x365 dias + alguns dos seus filhos... Parabens ao "livro!" <a href="#">fmarchi80</a> 1 ano atrás 2</p>	<p>Comentário 38</p>
<p>Entendo, colega. O ensino da norma culta, inclusive, é prioritário. A questão é que ele não exclui uma reflexão linguística acerca do português falado no Brasil. Não me apraz dizê-lo, mas debatemos isso na minha escola, e tirei nota máxima na redação do vestibular (UF_). Leia a nota oficial da Associação Brasileira de Linguística (apoioando o livro). Também a ALAB. Repare que essa falsa polêmica tem um tom político. Os jornalistas só não sabiam que essa orientação data de 1997. Abraços. <a href="#">periclesrl</a> em resposta a <a href="#">GusrcBR</a> (Mostrar o comentário) 1 ano atrás</p>	<p>Comentário 53</p>
<p>Atualmente ninguém mais fala disso, ninguém se importa. As pessoas estão mais interessadas no BBB, programa esse que tenho orgulho em não saber o nome de nem sequer um participante. Ninguém mais reclama desse livro, ele teve apenas seus 15 minutos de fama... sério, se esse acontecimento tivesse causado GRANDE ALVOROÇO eu acharia ótimo... A ONU indica que os países dediquem 6% do PIB NO MÍNIMO para a educação, isso não é exatamente escondido, é que simplesmente não dá lbop :( <a href="#">GusrcBR</a> em resposta a <a href="#">periclesrl</a> (Mostrar o comentário) 1 ano atrás</p>	<p>Comentário 58</p>

A justificativa da youtuber para seu posicionamento quanto ao LD pauta-se no fato de não existirem, quando se trata de variação linguística, os conceitos de “certo/errado”, mas a concepção de que a efetivação da comunicação é o que deve ter o destaque. Esse pensamento é que leva muitos a acreditarem que está havendo uma

política na linguística de se aceitar tudo, como apontou **pauloalx**, no comentário de número 20, ao referir-se a um “vale-tudo linguístico” ou os comentário abaixo

<p>A educação já virou terra de ninguém. Antigamente os professores ameaçavam colocar o aluno para fora da sala. Hoje em dia os alunos ameaçam colocar chumbo nos professores.</p> <p><a href="#">MsStorz</a> 6 meses atrás</p>	<p>Comentário 04</p>
<p>Esta tudo virado de cabeça pra baixo creio.</p> <p><a href="#">anjoaoclaudio</a> 6 meses atrás</p>	<p>Comentário 06</p>

Uma passagem interessante exposta por **adoravelmolestia** (comentários 12 e 13) é a de que até mesmo a norma culta pode se tornar inadequada em determinados contextos. Como já apontamos anteriormente, essa teoria da adequabilidade deixa a desejar exatamente por não ocorrer essa inversão de valores: sair de um nível mais alto (norma de prestígio/culta), por exemplo, da escala de monitoramento estilístico para um mais baixo (norma de estigma/popular). Há, como já dissemos, uma busca unilateral de se fazer o contrário, de se sair de um nível mais abaixo para um mais acima. Até mesmo se questiona a necessidade de se ter o movimento apontado pela internauta, já que a norma de prestígio é, generalizando, compreensível a todo brasileiro, caso contrário, o sistema de telecomunicações estaria falido em um país com tantos índices de analfabetismo como o nosso.

Por fim, é questionável também sua última assertiva: “Partindo do princípio de que toda forma de comunicação deve ser respeitada, e isso não se controla com acordos”. Ora, preconizar que não se deve desrespeitar pessoas ou grupos que, por qualquer motivo, desviem-se da norma já é um acordo. Isso, em sala de aula, por exemplo, já é um contrato implícito para que não haja ocorrências de preconceito.

A internauta cujo comentário é o de número 16, **jsoliv**, nos traz mais algumas questões sobre o estudo da variação. Sua visão de que “todos” os brasileiros falam “errado” porque não seguem a norma-padrão é bastante interessante. Sua opinião reside no fato de não haver ainda uma língua brasileira oficial, e ainda sermos linguisticamente colônia de Portugal, com uma gramática que segue preceitos de um tempo que não mais condiz com a realidade linguística atual. Uma revisão da proposta gramatical seria, então, essencial (a fim *também* de se minimizar – ou mesmo exterminar – o ridículo discurso de não se ensinar gramática na escola).

**DanielMasterConsole** (comentário 31) apoia o LD e faz uma comparação entre o estilo da linguagem e os bons modos em uma situação formal. Volta-se, com isso, à noção de adequabilidade. O próprio internauta coloca-se numa posição de estigma ao dizer que seu modo de alimentar-se seria inadequado em ambientes de mais prestígio. E não aponta isso como problema, visto que se coaduna à noção de que o que vale é a comunicação ser efetivada, e não a forma como ela é produzida. Por fim, concebe como “frescura da sociedade” o fato de não aceitar um modo de falar mais distante do eixo do prestígio. Esse é um dos comentários que se excetua dos demais por não fazer uma defesa do ensino da norma culta e/ou da norma-padrão. Mostra-as como um acordo de etiqueta que pode ou não ser seguido e que atende a uma construção de status de quem dela faz uso.

Os comentários 36 e 37 trazem, inicialmente, uma ressalva quanto ao conteúdo divulgado na reportagem. Sua forma de se expressa chega a se agressiva: solicitar que se tenha senso crítico “ao menos uma vez na vida” é muito ácido, pois se afirma nas entrelinhas que ao se tem esse senso em momento algum. Sua defesa ao LD se dá com a citação de uma passagem do próprio livro. Para ele há uma má intenção na reportagem por não mostrar a passagem que ele faz citação, pois nela reside a justificativa para o tratamento que o LD dá às variantes. Ainda contra-argumenta com o mesmo trecho que outras justificativas como a de que em ocasiões tais quais as de concurso, em que a norma-padrão é solicitada.

Sua conclusão, no comentário 36, traz um outro ponto de confusa construção: mistura variação com modalidade. Não considera que na modalidade escrita também há variação, há contextos para sua produção. Esse olhar faz com que se tenha uma compreensão equivocada da língua. Inclusive, a adequabilidade ajuda nisso: a língua é uma enorme maleta de variantes que se deve usar adequadamente a depender do parafuso que se quer apertar. Sem metáforas: a língua possui um conjunto de variantes que devem estar incutidas na cabeça dos falantes, que devem, por sua vez, fazer uso “correto”/adequado dependendo do contexto em que se encontram.

A mensagem final desses dois comentários é irônica: esperar que todos o tenham compreendido faz, para ele, alusão ao fato de a autora do LD e o próprio LD não terem sido satisfatoriamente compreendidos. Raciocínio ratificado pela sentença seguinte: a solicitação de que não o interpretem “equivocadamente”. O erro, o equívoco, na

concepção do youtuber, está na compreensão sobre o LD, não na forma de abordagem do livro.

O comentário de número 42, apesar de não dizer o que gostaria (já que deveria estar escrito “não vejo razão para não incluir”), defende a proposta do segundo livro da coleção *Por uma vida melhor*, já que este objetiva refletir sobre o preconceito linguístico e, com isso, sobre a valoração da cultura do país. Em sua crítica, aponta a não compreensão do que o LD preocupa-se em fazer como “falta de cultura” ou mesmo “limitação intelectual” e que isso é um comportamento que se repete na sociedade quando diz que é um “vício pedagógico”. Essas farpas são direcionadas à notícia de tom “condenatório”, o que para ele evidencia o posicionamento de quem a produziu.

Há nesse grupo de comentários um que nos faz pensar e perguntar: e depois de tudo isso? O que se tem feito, dito?

Uma questão que não foi priorizada por nós refere-se à interação direta entre os youtubers, haja vista que um comentário pode ser/manter um diálogo com outro. Nossa decisão em recortar os comentários e analisá-los a partir das categorias por nós estabelecidas privou-nos de certa forma de focalizarmos os debates entre eles.

## **V - PALAVRAS FINAIS**

Dê-me um cigarro  
Diz a gramática  
Do professor e do aluno  
E do mulato sabido  
Mas o bom negro e o bom branco  
Da Nação Brasileira  
Dizem todos os dias  
Deixa disso camarada  
Me dá um cigarro.  
(Oswald de Andrade, 1925)

Em nossa busca por compreender o delineamento dado por pessoas, em sua maioria, leigas, não profissionalizadas nos estudos das áreas de Letras, nos deparamos com, de forma abrangente, dois posicionamentos: **favoráveis** a um ensino das formas de uso atuais da língua portuguesa, mesmo que em choque com as preconizações da gramática, e **contrários**, cuja acepção é a de que a gramática não deve abrir espaço para o ensino do “erro”. De igual forma, gramáticos despontam suas visões de como deve ser o ensino na atualidade, uns seguindo por vertentes mais tradicionalistas, em que a norma deve ser o centro das atenções, outra em que as novas possibilidades de construção servem de base para que se perceba a construção normativa da gramática, ou seja, em que o “inadequado” justifica, explica ou mesmo faz refletir sobre o “adequado”.

Os comentários dos internautas, como vimos, alavancaram discussões de ordens diversas sobre a sociedade, a economia e a política, como não era de se surpreender, já que é de conhecimento, mesmo dos que discordem, que há vertentes teóricas de associação direta entre a variação linguística e os âmbitos sociais, (a exemplo do pesquisador Bagno (2002, 2003, 2007, 2009, 2011)). Adotamos aqui tais teorias para explicar, esclarecer ou defender nosso ponto de vista a respeito da discussão ou mesmo para questioná-la.

O que percebemos do encaminhamento deste trabalho é que a discussão, ainda não finalizada aqui, nesta dissertação, nem na página do Youtube (há ainda internautas que comentam a respeito da discussão, como há também mudanças na configuração da página e no nome de alguns dos participantes), nos conduz à reflexão do que se tem feito em sala de aula nos dias atuais. O ensino de gramática, se observarmos bem o poema de Oswald de Andrade que serve de epígrafe a este capítulo, não parece ter saído de seu velho e mofado muro, no qual ainda encontramos de um lado os que defendem um ensino tradicional, normativo e repreensivo, e do outro se encontram os que chovem

no mesmo rio do poema-epígrafe e que defendem uma aproximação maior da língua ensinada com a língua usada.

É fato que a configuração da língua normativa apregoada pela Gramática Tradicional está longe da realidade de uso da língua, até mesmo por aqueles que estão em cursos de graduação e/ou pós-graduação. A nova realidade do ensino da língua portuguesa é a do como lidar com essas novas demandas de uso da língua, de forma a atender e a adequar-se à realidade de seus sujeitos falantes, cuja incompreensão de muito do que é prescrito em sala de aula lhe faz sentir um sujeito aparentemente sem língua, quando afirma não saber português. A distância entre o que se ensina e o que se fala ou escreve isenta o sujeito de uma identidade linguística, que o coloca em um limbo, um buraco-negro linguístico no qual ou subverte-se ao sistema incompreensivo e sem justificativas e coincidências com a realidade ou rebela-se contra ele.

Continuaremos a vivenciar um clima de impasse do que já tem solução enquanto não houver uma onda que renove as águas paradas da gramática. Continuará a ser erro “Assisti o filme.” e “Me dê um cigarro.”, por exemplo, enquanto houver uma regra que negue tais construções tão presentes nas falas cotidianas. Ainda assim, essas variações, agora citadas, são, de certo modo, mais aceitáveis que aquelas marcadas pela não-concordância entre o *sujeito* e o *verbo* de uma *oração*.

A discussão dos internautas mostra o quanto deve ser urgente o olhar para outra perspectiva de ensino e que pensar sobre as mudanças linguísticas em sala de aula é significativo, também, para que se compreenda que não apenas fatores sociais são responsáveis pelas mudanças ou variações. A famosa “aula de português” é, assim, um espaço no qual é possível levantar discussões, com os alunos, para os usos cotidianos, procurando entender suas intenções, seus paradigmas, suas possibilidades em relação ao ontem e ao que pode vir a ser.

Mas é necessário entender que um livro didático de Língua Portuguesa não dará conta desta questão, posto que a ele estão vinculados fatores de ordem externa, dos quais destacamos: necessidade editorial, “pressa” na execução do LD, para obedecer prazos estipulados por órgãos governamentais. Junte-se a isto um conteúdo gramatical (e textual) extenso que é resumido e explorado *en passant* em um livro e em certo

tempo limitado. Não queremos, com isso, “diabolizar” o LD, pois ainda é um guia importante para professores que dão aulas em regiões cuja informação mal chega.

O livro didático “Por uma vida melhor”, 2º volume da coleção “Viver, Aprender”, destinado à EJA (Educação de Jovens e Adultos), retoma questões delicadas, alvo de querelas entre linguistas e gramáticos, de internautas, de alunos e professores, enfim, da sociedade que fala a língua portuguesa. Mas, acreditamos que as possibilidades de tratamento de variação, como proposto pelo livro em questão, acalme-se e os vindouros livros didáticos apascentem as lições gramaticais tradicionais. Enquanto isso, a fala do dia a dia, em um país como o Brasil, cujo índice de analfabetismo é alto e, sobretudo cuja variação linguística é necessária ao próprio funcionamento linguístico se impõe, independente das querências daqueles que “pastoram” a língua ou daqueles libertos de suas regras.

Há um largo portal aberto (ou fechado) em relação ao estudo e funcionamento da língua: a distância que ainda (e sempre?) prevalece entre o que se estuda na academia e o que dela é direcionado para a sala de aula. Essa questão parece bem colocada quando os youtubers retomam em suas falas os estudos da sociolinguística para referendar sua posição.

Nosso estudo, enfim, ressalta o modo como a questão sobre o tratamento da variação em sala de aula será sempre um dilema. E esse dilema é atravessado por ordens variadas: linguística, social, político e econômica. Nesse sentido, nossas **palavras finais** são finais apenas pelo gênero nele escrito, a **dissertação**, mas quanto ao conteúdo nela apresentado, são infindas. Há muito a ser dito!



## **VI - REFERÊNCIAS**

AGUIAR, C. A. de et al. **Por uma vida melhor**. Coleção Viver, Aprender, vol. 02, São Paulo – SP, Global editora, 2009.

ALLOUCH, J.(1994). **Lettre pour lettre**: transcrire, traduire, translittérer. Ramonville Saint-Agne: Erès.

ANTUNES, I. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. Norma Linguística e Preconceito social: questões de terminologia. In.: **Veredas, revista de estudos linguísticos**. Juiz de Fora. v. 5, n. 2, 2009, p. 71-83.

BARRETO, L. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Rio de Janeiro: Editora Ática, s/d.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Disponível em: < <http://portl.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em 25.07.11.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos**: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série : introdução / Secretaria de Educação Fundamental, 2002. 256 p.: il. : v. 2

BORTNNI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 1999.

CALVET, L. J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FELIPETTO, S. C. S. **Rasura e equívoco no processo de escritura em sala de aula**. Londrina: EDUEL-ED, 2008.

FERREIRA, M. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo: FTD, 2007.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo, Loyola, 1996.

HUAISS, A. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 2008.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MILNER, J. C. **Introducción a una ciencia del lenguaje**. Buenos Aires: Ediciones Manantial SRL, 2000.

PAGOTTO, E. G. **Variação e( ) mudança**. Maceió: EDUFAL, 2004.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

POLL, M. Von M. O erro linguístico e seus eufemismos. In.: **Revista Memento**. n. 2, v. 1, jul.-ago. 2009. ISSN 1807-971. Disponível em: <http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/45-134-4-pb.pdf>. Acesso em: 11.03.12.

PROPP, V. **Morfologia do conto maravilhoso**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SACCONI, L. A. **Novíssima gramática ilustrada**. São Paulo: Nova Geração, 2008.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 30ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

SILVA, R. V. M. **O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Vídeo LIVRO ENSINA PORTUGUÊS ERRADO E MEC APOIA INICIATIVA.  
Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=u57ThEcbCO8&feature=related>>.  
Acessado em 22.07.11.